Revista do Ensino

ORGAM OFFICIAL

DA DIRECTORIA DA INSTRUCÇÃO

ANNO I — Bello Horizonte, 14 de Julho de 1925 — N.º 5

SUMMARIO

PEDAGOGIA – A educação post-escolar e o aprendizado—Ensino do vernaculo – O abuso dos cinemas nas escolas – Finalidade do trabalho manual para mulheres – Finalidade do trabalho manual para homens – O trabalho manual na formação civica dos jovens – Lições instructivas. VARIEDADES – Jogos physicos nas escolas – A lenda do Arco-Iris. SECÇÃO OFFICIAL – Relação dos professores elogiados.

PEDAGOGIA

A educação post-escolar e o aprendizado

No momento em que o governo se preoccupa com o ensino technico profissional e cuida da installação de cursos complementares, recentemente introduzidos na organização do ensino primario do Estado de Minas Geraes, é interessante transcrever nesta revista trechos de um communicado de M. LACOIN á «Société d'Encouragement» de França, em que se verifica a parte activa que as sociedades e as companhias tomam na formação dos technicos profissionaes.

Para auxiliar a educação technica dos aprendizes o industrial se acha em condições infinitamente melhores e mais economicas e com meios de acção muito mais poderosos do que a escola isolada das officinas. O ensino ministrado na propria fabrica ou officina escapa ao grave inconveniente que se verifica em toda escola: o afastamento da vida, que torna o ensino meramente abstracto.

A Companhia de Estradas de Ferro de Orléans conseguiu uma organização original e pratica. Procuraremos salientar os pontos mais interessantes dessa instituição.

«O aprendiza'o dura tres annos. A admissão dos aprendizes se faz em outubro depois de rapido exame que consta de: dictado de um trecho de vinte linhas com algumas difficuldades grammaticaes; problemas sobre as quatro operações, o systema metrico, as superficies e os volumes usuaes. No acto da matricula, faz-se um contracto de aprendizagem entre a Companhia e o pae do candidato. Os alumnos são distribuidos pelos grandes depositos de locomotivas, pelas officinas, etc.

A educação dada ao aprendiz consiste em uma instrucção profissional manual completada por cursos theoricos. Esta differe naturalmente com as especialidades ensinadas. A instrucção theorica comprehende duas categorias de cursos: uma destinada á formação geral, e outra á formação profissional do aprendiz. Cada uma dellas comporta duas lições de hora e meia por semana. No terceiro anno os cursos de formação geral duram apenas tres mezes.

Essencialmente praticos e nitidamente orientados para a profissão, os cursos de educação profissional constam do estudo de desenho e de technologia, illustrado com demonstrações feitas sobre machinas e apparelhos da officina.

Os de educação geral comprehendem o estudo do *francez*, tendo em vista as regras de grammatica e a formação de um vocabulario de cerca de duas mil palavras; da *arithmetica* (quatro operações, systema metrico, fracções, regras de tres e divisão proporcional): da *geometria* (linhas, superficies e volumes, construcções geometricas, principios do desenvolvimento das superficies); *physica* da (gravidade e pesos especificos, propriedades geraes dos solidos, dos liquidos e dos gazes, temperatura, quantidade de calor, propriedades do vapor d'agua, principio das machinas de vapor e dos motores de explosão); da *mechanica* (força, centro de gravidade, trabalho, potencia, machina simples). Os cursos do segundo e terceiro anno consistem na revisão dos do primeiro, a experiencia tendo demonstrado que estas duas revisões são extremamente uteis.

Estes cursos são dados por agentes especiaes (antigos alumnos de escolas technicas) auxiliados por «preparadores praticos». A Companhia se occupa tambem com a formação dos professores especializados. A instrucção dos alumnos é verificada por interrogações frequentes e classificações mensaes. No fim de tres annos, passa-se um certificado áquelles que o mereceram.

A esta organização se juntam obras complementares: bibliothecas (quarenta e uma com 2.000 volumes), uma revista, *L'APPRENTI P. O.*—, contendo artigos de educação profissional, technica, moral; sociedades desportivas; sociedades musicaes; conferencias, etc.

A Companhia ainda organizou cursos de aperfeiçoamento, destinados a melhorar a cultura de todo o pessoal. Um «*wagon d'instruction*» permitte cursos ambulantes, que a experiencia tem demonstrado serem muito uteis».

Esta rapida resenha dos cursos da Companhia d'Orleans mostra quão util e proveitosa póde ser a collaboração das companhias particulares de industrias, viação, etc, com o Estado afim de resolver o problema vital para as nações novas, como o Brasil: a formação de technicos capazes.

(L'Ecole et la Vie, année 8, n. 31, 18 Avril 1925.

Ensino do vernaculo

(ADAPTAÇÃO DE CLAUDIO BRANDÃO)

O director da escola normal «José A. Nunez», de Santiago, elaborou, segundo um plano racional e proveitoso, um programma de castelhano, que, em seus principios geraes, poderiamos adaptar ao ensino da lingua patria.

A ORIENTAÇÃO PRIMACIAL do programma colima:

a) dar aos alumnos uma pratica real do idioma, mediante a conversação, a dissertação oral e a composição escripta;

b) fazel-os conhecer e apreciar obras litterarias devidamente seleccionadas.

Para se attingirem esses objectivos, deve abolir-se a memorização esteril de regras grammaticaes e rhetoricas, de aridos exercicios de analyse, e incentivar-se o gôsto pela leitura, procurando satisfazer a curiosidade dos alumnos e despertar nelles gratas emoções.

O ensino não deve limitar-se aos elementos mecanicos do idioma—correcção de erros grammaticaes, estructura da phrase, fórma das composições—: integra-se com a apreciação artistica e moral. Ao professor compete suscitar no discipulo as emoções esthetieas que brotam de um conto, de uma poesia, de uma phrase. O ensino da lingua materna se torna, assim, prestante agente educativo, norteando o senso ethico, elemento basico de toda a civilização.

Muita valia tem para o programma o ENSINO ORAL. A voz e a expressão agradaveis, a linguagem correcta e polida, a cultura evidenciada por um extenso vocabulario, o poder descriptivo e narrativo, a persuasão nas controversias, constituem uma força prestadia para influir na opinião do meio em que se age. Cumpre, pois, á escola ampliar essa força e utilizal-a para os mais altos interesses sociaes.

Relevantissima é a CONVERSAÇÃO, não sómente pelo seu valor linguistico, senão tambem como aperfeiçoadora de uma habilidade de alcance pratico, muitas vezes decisivo em assumptos e negocios quotidianos, que se resolvem quasi sempre com uma conversa bem dirigida. O professor, portanto, entreterá os discipulos, durante alguns minutos diariamente, com assumptos que os captivem e eduquem. Neste exercicio, elle adquirirá tambem um conhecimento mais perfeito da psychologia dos meninos.

A COMPOSIÇÃO ORAL é consequencia necessaria de um ensino que se não restringe a simples lições decoradas, mas que procura aproveitar as varias actividades dos alumnos. Elles dispoem de idéas claras e de um auditorio—a escola—a quem transmittil-as. «Basta para o que devem expôr o resultado de suas investigações pessoaes, de suas visitas ou excursões, de suas observações, ou que apresentem soluções de problemas que preoccupem a classe, ou que apreciem os meritos dos differentes modos de se fazer esta ou aquella cousa .

Não se transformem, porém, estas composições oraes em exercicios rhetoricos e artificiaes: devem representar a lingua em sua funcção natural, como realmente se usa na vida collectiva.

Conviria fizesse cada alumno, todas as semanas, uma exposição mais ou menos extensa a seus companheiros e não apenas ao mestre. Este, propondo muitas perguntas, prejudicaria a pratica do idioma: pois, assim, o alumno se limitaria a respostas laconicas, ás vezes a simples monosyllabos. Ao revés do que, em regra, se pratica, devem predominar, nas classes de vernaculo, a leitura em silencio e a composição oral.

A' COMPOSIÇÃO ESCRIPTA applica-se o que foi dito a respeito na oral. Insista-se, principalmente, na fórma epistolar, de preferencia a qualquer outras.

Seja, porém, qual for o genero de composição escolhido, deve inspirar-se na observação pessoal do autor e accionar-lhe a potencia creadora.

A CORRECÇÃO DAS COMPOSIÇÕES não se circumscreve á critica indispensavel do professor: deve ensinar ao alumno a criticar e apreciar, com intelligencia, não só os trabalhos proprios, mas tambem os alheios.

A critica do professor é completada pela dos collegas do autor.

As indicações seguintes servirão para auxiliar alumnos no seu plano critico:

1.° Leia a composição.

2.° E' interessante? Cite algumas cousa para proval-o.

3.° Mostra o autor interesse pelo assumpto de que trata?

4.° Mantem-se dentro delle?

Intercalla alguma cousa desnecessaria?

5.° E' V. capaz de propor alguma expressão nova?

6.° Mencione uma palavra que pareça a V. bem empregada.

7.° Aponte alguma ou algumas das phrases melhores.

8.° Indique alguma ou algumas phrases que se podem melhorar.

9.° Ajude seu collega a refazel-as.

10. Corrija os erros grammaticaes.

11. Emende os erros mecanicos.

Em summa, a idéa cardinal, no corrigir as composições, é que os estudantes se ajudem reciprocamente. Convirá para isso dividir-se a classe em grupos de cinco alumnos: estes, elegendo um de seus membros para chefe ou presidente, lerão e emendarão os exercicios, antes de entregal-os ao mestre.

VOCABULARIO—Si, no manejo da lingua, é conveniente a variedade das fórmas estructuraes da phrase, assume importancia maxima a adquiria-se um vocabulario que se preste, fielmente, ás necessidades de expressão. «O maior embaraço litterario e social do termo medio dos cidadãos é, sem duvida, o vocabulario estreito e impreciso que possuem. Além disso, cada palavra nova apprendida amplia tanto o poder mental como o poder verbal».

Tendo presentes estas razões, cuidará o professor de enriquecer o lexico dos alumnos, e de empregar exercicios em que figurem o vocabulo exacto e a expressão caracteristica na transmissão das idéas.

Para a LEITURA NO PRIMEIRO ANNO recommenda-se uma serie de exercicios tendentes a tornar-lhe mais rapido e mais agradavel o ensino.

As melhores escolas estrangeiras dispoem de material apropriado para iniciar, accordemente com a psycologia infantil, o ensino da leitura, e não principiam este pelo emprego de palavras normaes, nem exercitam a analyse phonetica desde o primeiro momento. Começa-se a classe de leitura com vocabulos que teem um significado positivo, apprehensivel, para as crianças: rimas ou estrophes previamente decoradas, trechos de cinco ou seis phrases formadas por ellas mesmas, a proposito de alguns contozinhos que hajam dramatizado e associado a construcções na mesa de areia. Allia-se a isso a leitura incidental de palavras escriptas na pedra e relacionadas com os trabalhos de outras classes ou com ordens que os alumnos devem executar: sentar-se, levantar-se, etc. Durante este periodo, procura-se que elles entendam o conteúdo da leitura, distingam uma linha de outra e reconheçam cada palavra insuladamente, sem fazer, entretanto, a analyse phonetica.

Não vem aqui a pêlo discorrer-se sobre a variedade de exercicios com os quaes se animam estas classes e se desperta o interesse dos meninos: é bastante dizer que a methodologia inspira-se no proposito de tornar deleitavel o ensino, dando-lhe, quanto possivel, o caracter recreativo.

No fim de umas cinco semanas dedicadas ao trabalho precedente, ficam os alumnos habilitados para lerem narrações seguidas em seu livro, profusa e artisticamente illustrado.

Só neste periodo, tem cabimento a analyse sonica do vocabulo.

Tão vantajoso é este processo que muitos meninos chegam a lêr, durante o anno escolar, de dez a vinte livros adequados á sua capacidade. Deve-se isso ao facto de que tal processo colloca o alumno na posição de um verdadeiro leitor: — lêr para apropriar-se do conteúdo da leitura, enriquecendo sua experiencia e recebendo prazer de sua actividade.

E', pois, de recommendar-se, no ensino da leitura, se apresente aos discipulos, desde as primeiras lições, um conjuncto de expressões que contenham um pensamento completo, lhes prendam a attenção e nelles accórdem o desejo de lêr cada vez mais. Será então necessario não um unico primeiro livro, mas uma serie de primeiros livros, além de gravuras em grandes folhas de papel com a leitura correspondente, para as lições iniciaes deste ramo didactico.

A tendencia moderna do ENSINO DA GRAMMATICA é a simplificação: — deve explicar-se apenas o estrictamente necessario para a correcção da linguagem e para um ligeiro conhecimento da estructura da phrase.

A observação dos erros de linguagem commettidos pelos alumnos e a perseverante emenda delles é um dos elementos praticos do ensino do idioma, elemento que não póde ser descurado sem detrimento para os estudantes. Nos primeiros annos, a correcção é pratica, não menciona regras; nos ultimos, fundamenta e esclarece as normas grammaticaes reforçadoras da correcção proposta.

OBRAS LITTERARIAS RECOMMENDADAS PARA OS CURSOS — O programma assigna a cada curso certo numero de obras cuja leitura se póde aconselhar.

Tal indicação, porém, não obedece a regras fixas, tem o caracter de mero ensaio. Não existindo, por emquanto, uma bibliotheca escolar, falta a base experimental para a selecção das obras mais accommodadas a cada curso. Assim, temos de cingir-nos, para a organização e distribuição das listas de livros, ao que se pratica no extrangeiro, valendo-nos tambem de nossa experiencia propria.

BIBLIOTHECA — O programma será innapplicavel em uma de suas partes essenciaes, faltando uma bibliotheca á escola; pois a esta cabe, antes de tudo, despertar na criança o gôsto pela leitura. Para isso, não poderá limitar-se a pôr-lhe nas mãos apenas o syllabario e os trechos do livro em que lê: tem de ministrar-lhe livros adaptaveis á sua experiencia e interesse.

Obras illustradas, cantos, narrativas historicas, observações da natureza permittir-lhe-ão adquirir o desejo de gozar a belleza litteraria e de augmentar sua cultura, pelo esforço pessoal, desde que entra para a escola até saír della. Accender nos escolares o enthusiasmo pela bibliotheca é um dos mais transcendentes objectivos da educação moderna, e, sem parecer exaggero, poder-se-ia accrescentar que tambem o é diffundir esse enthusiasmo nos lares e nas localidades por cujo bem estar ella se esforça, como fôra onerosissimo para o governo prover cada escola de uma bibliotheca, competiria iniciativa, á abnegação e á perseverança do pessoal dirigente e docente de cada uma levar os paes de familia e as autoridades locaes a dotal-a dos livros indispensaveis á educação infantil.

Obtida a bibliotheca, deve levantar-se a estatistica diaria da leitura por alumno. Ler-se-ão alguns livros integralmente, outros parcialmente, como obras de referencia.

QUADROS — O programma introduz a observação systematica de quadros artisticos. Talvez, em breve, possa o commercio fornecer esse material educativo de primeira ordem, com a mesma abundancia e modicidade com que o offerecem os editores europeus e norte-americanos.

Entretanto, recommenda-se ao professorado se empenhe em mostrar á classe as mais bellas illustrações de livros e revistas a seu alcance, não só para suscitar nella emoções estheticas e apurar-lhe o gôsto artistico, senão tambem para motivar exercicios naturaes de linguagem; — enumeração, descripção, interpretação, narração, commentarios.

DRAMATIZAÇÃO — Preconiza-se aos professores empregar amplamente o exercicio da DRAMATIZAÇÃO, que corresponde a uma das caracteristicas psycologicas infantis, tendo, além disso, o merito de encarnar um intenso espirito social.

Consiste ella na vivida representação, feita pelos alumnos, de uma poesia ou narrativa lida na classe ou fóra della, ou de um conto ou historia que o mestre haja relatado.

Emquanto está fresca a emoção recebida, pede-se aos escolares interpretem como actores o trecho lido ou narrado, escolhendo o professor, ou melhor a classe, aquelles que devem desempenhar os diversos papeis.

A dramatização é um exercicio muito valioso para cultivar a naturalidade da phrase. Demais, auxilia os timidos que se induzem a tomar parte nella. O mestre deve acostumar os alumnos a indicar como se póde fazer a representação da obra.

Deve preferir-se um conto curto, elegendo-se-lhe, ás vezes, a parte mais facilmente dramatizavel.

Este exercicio é activo, não só porque acciona as faculdades artisticas do actor — voz, gestos, movimento do corpo — mas ainda porque exige o esforço das faculdades creadoras do autor.

De facto, quando o caso o requer, os alumnos devem idear o dialogo e dispôr as scenas. A dramatização vai desde a reproducção animada de uma poesia singela até á transformação de uma narrativa em peça dramatica.

Para isso, devem os alumnos penetrar previamente na intenção da historia que vão dramatizar e sentir os rasgos distinctivos dos caracteres que nella interveem: assim procederão com espontaneidade, usando linguagem propria e dispensando, pouco a pouco, o auxilio do professor.

E' pois, de esperar que se cumpra esta disposição do programma, e o professorado reconhecerá em breve seus magnificos resultados no que se refere á linguagem, ás maneiras, á alegria e a sociabilidade dos escolares.

(Continúa)

(Do «El Monitor de la Educacíon Comúm», de 31 — I — 925).

O abuso dos cinemas nas escolas

Ninguem pode negar que o cinema é um auxiliar estupendo da educação, util, principalmente para o ensino da geographia e das sciencias naturaes. Diz-se mesmo, com razão, que toda escola bem apparelhada deve possuir uma machina de projecção e os *films* apropriados. Julgamos, por isso, interessante reproduzir os conceitos de Mme. HOLLEBECQUE, que se insurge contra o abuso da applicação do cinema nas escolas.

«E' preciso que não nos illudamos a respeito da applicação do cinema nas escolas, a qual, embora muitissimo desejada, traz em si o grande perigo de todo ensino concreto levado a exaggero: a diminuição do poder de abstracção, isto é, da intelligencia.

«Suppondo-se que se conseguisse apresentar a uma criança uma quantidade de imagens que não deturpassem o seu conhecimento do universo, haveria um outro perigo a temer. O abuso das imagens, como actualmente, o abuso das palavras, travaria o esforço da intelligencia.

«Emquanto o professor, seduzido pela belleza expressiva dos *films*, desobrigar-se-ia, com os mesmos, de uma parte de sua tarefa, o alumno, facilmente habituado á passagem das fitas, perderia a curiosidade e não prestaria mais a devida attenção.

«Sua frequencia e a facilidade com que se succedem ante seus olhos, crearíam nelle uma especie de automatismo cerebral, visto não ser ahi o seu espirito impressionado por imagens estaveis que lhe permittam apoderar-se d'ellas e registral-as. Mais ainda, elle experimentaria, immediatamente, uma sensação de fadiga e confusão.

«Para se defender contra essa multidão de figuras que se misturam e se embaralham na sua memoria, elle opporia a inercia ao esforço excessivo que lhe exigem.

«Julgamos que o cinema não será aproveitavel nas escolas si não fôr applicado com regra e discernimento. Com effeito, o que importa não é mostrar figuras a todo momento; é escolher as mais caracteristicas e impol-as á memoria.

«A sessão cinematographica não deve, pois, ser o corollario obrigatorio de cada lição, mas condensar, de uma vez, em tempos determinados, uma série de ensinamentos. Ella deve reunir em tôrno de diversas imagens ligadas entre si por uma significação commum, conhecimentos que a escola costuma distribuir pelas diversas disciplinas.

Dahi o nosso principio sobre a materia central e as materias em séries».

(L'Ecole et la Vie, 7 de fevereiro de 1925).

CONFERENCIAS

APRIGIO DE ALMEIDA GONZAGA

I

Finalidade do trabalho manual para mulheres

Sr. director da Instrucção Publica de Minas Geraes. Meus Srs. Illustres professoras. Collegas em geral.

E' natural que eu me sinta acanhado, mormente depois de tanta bondade do meu distincto amigo Dr. Lucio dos Santos, mas ponho de parte esse acanhamento porque me sinto quasi em casa.

Quiz a bondade do distincto amigo Dr. Lucio dos Santos, descobrir em mim meritos que não tenho. S. S. viu introspectivamente a grandeza de sua alma, e, com os olhos ainda banhados desse deslumbramento, envolveu-me no esplendor de tão bella visão.

Porém, Srs. ainda se me afigura que elle e eu não fomos talvez, independentes nisso: Nossos cerebros agiram como antenas de um radiopsychico apparelho, mergulhado no mar immenso da mentalidade brasileira, e activado ainda pelo sentir e pelas vibrações latentes daquelles cujas formosas almas nos emocionam:

Ha pouco mais de um seculo, a conjuração que envolveu Thomaz Gonzaga, forçava, pelo odio dos governantes, os Gonzagas de Minas a procurarem outras terras em que vivessem obscuros, sós, pequeninos, afogando no coração o grande crime de muito amarem ao Brasil.

E desses mineiros, e dos descendentes desses humildes patriotas, descendo eu, que, devido a esta feliz opportunidade, revejo Minas, abraço-a, empolgo-a com os meus braços, como um filho que volta ao lar antigo.

Sim! Minas de Felipe dos Santos, de Tiradentes, de D. Viçoso, de Gonzaga, Santos Dumond, e de tão nobres e gloriosas tradições, eu te revejo, porque, atravez de minha alma, de meu coração, atravez de meu ser, te revêm a grandes olhos os que muito te amaram e que por ti tanto soffreram.

Finalidade do trabalho manual para mulheres

A these reclama uma pequena digressão elucidativa. Eu sou de opinião que a escola deve ter o reflexo do meio; e, si ha escola que deva manter e aperfeiçoar o meio brasileiro, corrigindo e educando, esta é, sem duvida, a escola profissional.

E' mister conhecermos a natureza dos educandos, seu genio, seu caracter e o caracter geral da raça, para estabelecermos os methodos e processos de instrucção e educação adequados.

A escola que não attende á natureza e ao caracter da raça que educa e instrue; a escola que emprega systemas de ensinos de outros povos, sem consultar as diosyncrasias do seu meio, as peculiaridades do caracter dos seus educandos, submettendo-os á mesma razoira, presta um grande serviço á sua patria, porque afoga a porção mais bella da alma humana —a expansão da personalidade.

Façamos a escola brasileira no meio brasileiro.

O lar modelo

Vae para 20 annos, chegava eu a uma interessante fazenda em Caconde, propriedade do sr. Martins, homem ás direitas, que comparo áquelles tão famosos paulistas, descriptos por Oliveira Vianna, em seu magnifico livro «Populações meridionaes do Brasil».

Acolhido, como sóe sempre acontecer aqui, como no Rio de Janeiro, ou em qualquer pedaço do Brasil, com a bondade e o carinho que os brasileiros sabem ter, tive occasião de presenciar a vida patriarchal e exemplar de sua familia; e, sem apparatos de criados e mucamas, suas gentis filhas preparam o almoço, bom e reparador. As lides caseiras eram por ellas mesmas desempenhadas. Bem fallantes, tocaram piano, e, o que mais ainda me espantou, disse o fazendeiro que, as colchas, toalhas, brins de fino desenho e delicado tecido, que vi, eram todos tecidos em sua casa.

Em outras viagens successivas, a Minas e ao Norte do Estado, tive tambem occasião de verificar que, alem dessas prendas as moças e as senhoras donas de casa faziam rendas admiraveis, tecidos que mais se assemelhavam a filigranas de prata tramadas por mãos de fadas, que obra humana, de mãos que lidavam de sol a sol, alegres, expansivas, na doçura da paz do lar feliz, sob as bençams de Deus, que baixam sobre os que não enveredam na criminosa ociosidade, e não têm vergonha do trabalho.

Dessa minha viagem ficou-me uma impressão profunda: porque todas as familias, porque todos os jovens, de um e outro sexo, não se educam no trabalho para o trabalho? Porque ás moças não se dá uma educação como a que vi nesses lares, onde a mulher—mãe, esposa, filha, irmã— é o amparo, o anjo bemfeitor, fonte de toda a alegria e felicidade que é possivel encontrar na vida?

A proposito desta passagem, recordo-me de um facto que se deu em Pedreira. Eu era bem mocinho e acabava de casar-me.

Appareceu alli um medico edoso que fazia a apologia do seu celibatarismo e condemnava os moços que se casavam. Levava-os mesmo a admirar a sua vida, como elle dizia de grande gosador.

Não decorreu um anno e elle adoeceu gravemente. De todos os seus amigos um unico ia visital-o: era eu. Num dia, em que tivera um ataque, agarrei-o, pul-o no leito e elle, voltando-se para mim, disse: Meu amigo! Meu amigo! Sinto que você fez muito bem em casar-se: Si eu fôra casado, não soffreria o que estou soffrendo agora.

—Como! disse-lhe eu, o sr. que tanto elogiava a vida de celibatario !?

—Não, filho; eu não me casei por egoismo; tive medo de constituir familia...

Denominação da Escola

E, desde então, o problema da educação da mulher, mãe de familia, dona de casa, jamais se apagou de minha memoria. Durante os meus estudos para esse ramo de educação, pratiquei em escolas profissionaes particulares: convivi e observei no extrangeiro; até que se formaram as minhas conclusões, quando director da Escola Profissional Feminina da Capital.

Objecto da Escola

A finalidade do ensino profissional de artes e officios para a mulher não me parece bem orientada. A escola profissional dever-se-ia chamar «Escola de Educação domestica e profissional». Eu quero a escola que prepare a dona de casa, dando-lhe uma profissão, e não a escola que forme operarias, em detrimento da sua missão social. Deixemos de parte toda essa questão de direitos, reivindicações e feminismo. Attendamos á natureza, que, na organização e differenciação organica de cada um, estabeleceu as funcções e as adaptações á vida.

A escola profissional, para mim, é um grande lar, e, sob esse ponto de vista, desdobrarei o meu modo de vêr, para mostrar a opportunidade e o acerto dessa orientação.

Eu vou conversar, palestrar com as minhas collegas, a respeito da finalidade do trabalho manual para mulheres:

Uma das cousas que mais me feriram a attenção, no Congresso Pedagogico da criança, no Rio de Janeiro, foi a exposição de trabalhos femininos que os Grupos escolares apresentavam.

Alli se viam colchas de seda, cortinas, bordados, almofadões, almofadas, centros de mesa; não se via, porem, um panninho de algodão; não se via um objecto de utilidade. Era somente a ostentação, quer dizer, a quasi inutilidade para as meninas que frequentam esses estabelecimentos de ensino.

Papel da mulher

Na sociedade actual, é cada vez mais complexo o papel da mulher. Si attentarmos ás condições de vida, já não podemos deixar de considerar que á mulher está affecta, talvez, a porção mais difficil na tarefa de formação da sociedade, a cellula fundamental do organismo social.

A escola domestica profissional deve organizar-se de modo que a mulher se baste a si mesma e seja um elemento de evolução commum.

Para isso, a mulher tem deveres e direitos: educar-se, dirigir o lar e trabalhar, como diz uma grande educadora.

Educando-se, ella adquire as qualidades precisas para armar o seu espirito e fazer-se cada vez melhor; elevar-se e comprehender a sua alta funcção social, as suas responsabilidades no magno problema da educação dos filhos, na orientação do esposo, no governo do lar, e na preparação dos cidadãos para a patria.

Dirigindo o lar, mãe de familia, ella está no seu verdadeiro papel, no seu throno de magestade, onde, plasmando o caracter dos filhos, formando-lhes a alma, contendo e acorrelhando o esposo, é causa de grandeza, de valor da sua patria.

Trabalhando, ella vem cooperar para a riqueza e o bem estar do seu paiz, e, não só satisfazer a imposição da lei biologica do trabalho, como, antes as difficuldades actuaes da vida, presta o seu auxilio ao progresso social e augmento da riqueza commum.

Hoje, como diz Kroptkine, homens e mulheres, todos devem trabalhar e ganhar a vida com o seu proprio esforço. No mundo não ha mais logar para os inuteis.

A escola tem de encarar estes problemas e organizar-se de modo a ser o que deve—meio de formação, de preparação. A escola tem de encarar a mulher sob duas faces: a mulher casada e a mulher solteira.

Nessa inferencia, organizar-se para que ella cumpra a sua missão—mãe de familia, esposa quando necessario fôr; trabalhadora, ao lado do homem, para se manter, sem dependencias ou humilhações.

Ser mãe de familia, dirigir o lar, é a missão que Deus lhe marcou. Mas como nem todas as mulheres são mães de familia e dirigentes do lar, a escola deve organizar-se para a funcção principal, sem deixar de prepar-se para a immediata.

Na maioria dos casos, attendendo á maior natalidade das mulheres, ás difficuldades da existencia, que fazem os homens tenderem para o celibatarismo, á incuria dos paes, que não cuidam de preparar as filhas para a vida como se nos apresenta, commummente as mulheres se encontram em grandes difficuldades para viver. Os paes, quando ricos, dão-lhes educação de salão: piano, canto, sports, dansas e outras prendas, que estão muito bem nas ricas (eu até acho que nem as ricas têm o direito de desconhecer o trabalho da educação dos filhos e a direcção do lar); mas, para a classe pobre, só na escola domestica está a salvação. Na escola domestica a mulher deve apprender a ser bôa dona de casa. Mas, o que se deve apprender e como apprender, é a questão formal. A escola tem de visar a formação da mãe de familia, e a sciencia que nos deve preoccupar é a «economia domestica», ou antes, a «sciencia do lar».

Avulta na sciencia do lar a educação dos filhos: formar uma criança desde o seu nascimento; dar-lhe os cuidados physicos que o seu tenro corpo reclama, adivinhar suas emoções, acompanhar o despertar de sua intelligencia, observar e orientar a sua vontade, corrigir e amparar, zelar de sua juventude, guiar o filho nos primeiros passos da vida, são problemas que, cada vez mais, avultam com o crescer da prole.

A mulher na sociedade

Acompanhar a vida do esposo, anima-lo, educa-lo mesmo, aparar as duras arestas do seu caracter, zelar pelo governo e economia do lar, emfim, tudo justifica o que eu disse a principio — á mulher cabe a parte mais difficil, mais espinhosa, de maior valor, na formação das sociedades e na grandeza da patria.

Justifico-me: quantas vezes os motins sociaes, as gréves, as lutas politicas nascem de pequenos problemas caseiros!

A. é operario; ganha 6$000 diarios. Sua mulher não conhece a economia domestica, ou não a pratica, e gasta 6$500 ou 7$000.

O homem no fim do mez vê que os seus ganhos não dão. Appella para o patrão, pedindo augmento. Esse, cujos lucros industriaes lh'o não permittem, nega. O operario abandona o trabalho, vem para a rua, grita, junta-se aos criminosos, e, dahi, nasce a multidão de seitas ou quejandas seitas de bolchevistas, minimalistas, etc.

Vêde o contrario: B. é operario, ganha 6$000 diarios. Sua mulherzinha conhece a economia domestica e a pratica. Divide o ordenado do marido em 3 partes. Uma dellas é para o aluguel de casa, e as duas restantes para a alimentação. Começa por não gastar mais do que isso; estabelece o regimen dos assentamentos ou ról de despesas. Faz tudo em casa, para evitar o gasto; porque, como se diz, dinheiro que não sáe é dinheiro que entra.

Na sua casa não ha sobras, porque ella mede, pesa, conta e, como as hollandezas, distribue de maneira que a sua lata de lixo não seja, como é commum, o escoadouro dos bolsos do marido: desperdicio. Diariamente nós vemos o lixo, mesmo de casas operarias, com restos de arroz, feijão, etc. Ella não faz mais do que aquillo que é necessario. Sabe o valor dos restos: os papeis de embrulho, as cascas de legumes e fructas, os barbantes, tudo ella guarda, deixa seccar e tem combustiveis para um dous dias por mez. Todos os dias as gorduras e o sebo da carne são guardados, e, depois de seccos, derretidos com agua e um pouco de cinza, tem o sabão de pedra, tão bom ou melhor que o vendido por ahi, molle, derretendo-se ainda e custando um dinheiro.

Que direi dos ossos da carne? Ella sabe que os ossos, bem limpos e lavados, seccos ao fogo, para desinfectal-os, são moidos e pulverisados a martello. Com esse producto, ella tonifica os seus filhos, dando-lhes uma colherinha de café de quando em quando, para fortalecer-lhes os ossos, formar-lhes o esqueleto; porque se aos passaros e outros animaes nós damos pó de osso para fortifical-os, tambem os nossos filhos delle precisam. Esse producto é a calceose, que as pharmacias vendem por preço fóra do alcance dos pobres, maravilhoso tonico que o lixeiro carrega commumente...

Conheço um professor allemão que está rico, devido ás economias de sua esposa. Certa vez deixou elle um emprego que lhe dava 800$000 mensaes, e ficou como simples ajudante de professor, com 150$000.

Perguntei-lhe como se arranjou para viver, assim com tamanho desequilibrio. Muito bem: minha mulher, incluindo o aluguel da casa não gasta 120$000 e eu ainda guardo 30$000. Olhe, accrescentou, ella mesma me corta o cabello, faz as minhas roupas e cria gallinhas. Eu não preciso pedir. Posso esperar commodamente qualquer occupação melhor.

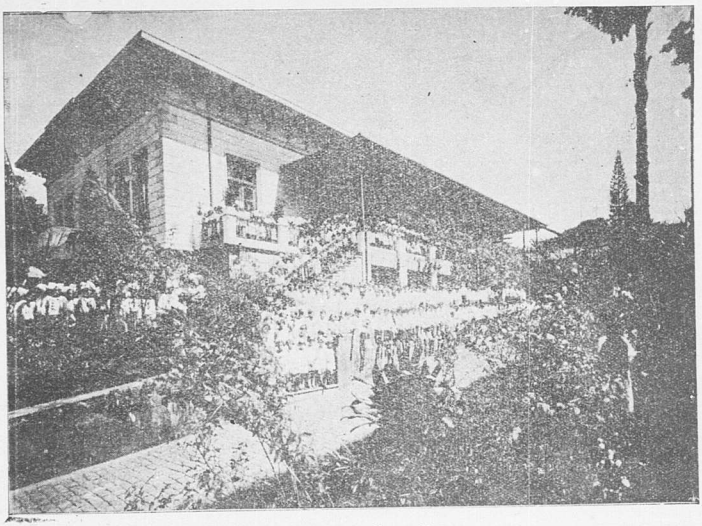
Esse professor allemão é um dos melhores constructores de igrejas em S. Paulo: chama-se Carlsberg. Elle dirigia as obras da Cathedral e ganhava 800$000 mensaes. Veio a guerra; o Governo po-lo na rua, e eu o mantive noutra collocação como ajudante de professor.

Acabada a guerra, o Governo chamou-o de novo e deu-lhe o antigo emprego; os padres tambem lhe confiaram a direcção das obras de outra igreja e elle ainda obteve a construcção de outra em Santos e diz que se sente muito bem e que não se importaria de voltar aos 150$000 mensaes, graças á economia da esposa.

Tudo isso que acabo de relatar pertence á sciencia do lar, áquella economia domestica tão descurada e que á base do bem estar social.

Fim da escola

Mas, repito, não deve a escola domestica cuidar só disso: educar a dona de casa. E' preciso dar-lhe uma profissão, para que, quando solteira, possa a mulher viver do seu



Grupo Escolar «Affonso Penna»

trabalho e cooperar tambem, ao lado do homem; e, indo ás fabricas, aos escriptorios, ás profissões liberaes, concorrer para a riqueza e o progresso do paiz.

Logo, organizada a escola domestica, sem fazer operarios, mas visando a educação harmonica da mulher, focalisemos dentre todas as materias a economia domestica, que podemos dividir em 3 partes: a cozinha, a hygiene infantil e a casa.

Eu não quero fazer cozinheiras, não. Eu desejo, como disse Ramalho, nas «Farpas», fazer conhecido o valor dos alimentos de poupança; a razão porque se faz esta ou aquella comida e porque se faz.

Bem razão têm os americanos de chamar a cozinha «curso de chimica alimentar». A cozinha é realmente um laboratorio.

No Brasil já tivemos um inicio de orientação nesse sentido, em São Paulo. Porém fecharem o curso da cozinha da Escola Normal de São Paulo. Porque? Simples: Porque a professora entendia que ensinar a arte culinaria era dar banquetes: Gastava por dia talvez 50$000 ou 70$000. Ao cabo de alguns mezes, ou 1 anno, o Governo mandou fechar aquelle curso que importava num dispendio extraordinario.

Não é assim, porém, que se procede em Buenos Ayres. Alli a professora sahe pela manhã com suas alumnas e dirige-se ao mercado. Cada uma leva o seu caderninho para tomar nota dos preços, pois que é necessario preparar o prato que foi estudado no dia anterior.

Alli se estuda a qualidade dos alimentos, examinando-se o numero de calorias que contém cada substancia. Estudam-se assim as substancias que convêm ao trabalhador, ao homem de escriptorio, ao jornalista, ao advogado, ao que tem profissão sedentaria, etc. Organizado o «menu», trata-se de executal-o, procurando-se varial-o de dia para dia. Assim, a despesa é pequenina e a escola perfeitamente organizada.

No Congresso da Criança, no Rio de Janeiro, uma das secções mais dignas de serem visitadas era a dos cartazes relativos á alimentação das crianças. Em geral, damos ás crianças os mesmos alimentos que comemos. Vi alli um cartaz francez admiravel, onde se achava representado o protesto das crianças.

Caminhavam as crianças com um estandarte, e cartazes debaixo dos braços. Um dizia: «eu quero mamãe e não a mamadeira». Outra: «eu quero leite, não quero farinhas». Outra: «quero um banho diario». Outra: «Eu quero os cuidados de minha mãe».

Em geral, as mães, que não têm leite, não sabem preparal-o; compram-no em mãos de quanto vaqueiro ha, e lá vêm dysenterias, as molestias do tubo intestinal.

Ha mães que deixam os seus filhos entregues ás criadas. A criancinha não quer saber disso: a formação do caracter se dá ao calor do collo materno. Outras mães, nos cartazes, estão comendo alimentos solidos, indigestos ás crianças, destinados a adultos, e attendem ás solicitações do filhinho, dando-lhe esses mesmos alimentos. Entretanto, o que se deve ministrar ás crianças é o «leite humanisado». Poucas pessoas sabem preparal-o. Na Argentina, e tambem no Uruguay ha centros de preparação desse leite, fazendo-se do mesmo distribuição gratuita a quem o solicita. No emtanto, entre nós, o leite é comprado aos vaqueiros, ao preço de 400 ou 600 réis o litro, e a consequencia é serem as crianças anemicas, cheias de molestias, dando-se ao medico o que ficaria em casa com um boccadinho de cuidado.

Em S. Paulo, ha centros de preparação e distribuição desse leite, e o que é preciso é sómente ir aos mesmos centros aprender a preparação.

Na Argentina e no Uruguay são distribuidos, *larga manu*, cartazes em que se procura fazer a educação da mulher nesse sentido.

No Rio assim não se faz, porque... porque o Rio não quer.

Valor da economia domestica

Certas noções de chimica não devem ser desconhecidas; algumas leis physicas não podem ser ignoradas; determinadas reacções não podem ser olvidadas.

Porém, não quero um cathedratico; quero uma senhora — e sei que ha entre nós bastantes — que saiba, junto do fogão, expor, praticamente, mostrando como se faz, fazendo.

Exemplo: o sal de cozinha, o vulgarissimo sal, é um alimento de primeira ordem e um restaurador milagroso das nossas energias. Elle é o unico ou quasi unico vehiculo de arsenico de que tanto carecemos; mas, é preciso dizer, o sal que contém esta substancia e o sal grosso, o sal não purificado; o sal fino, purificado, não contem quasi arsenico e não nos póde ser tão benefico.

Quanto á importancia do sal grosso na alimentação, eu cito, de passagem, a opinião do Dr. Pereira Barreto, e por experiencia usual sei que é capaz de transformar a decrepitude em pujança. Aos proprios animaes costuma-se dar grandes doses desse ingrediente; e, sob a sua acção tornam-se fortes, vigorosos, gordos e de pello lustroso.

A farinha de trigo, faz perder ao trigo quasi 80 % do seu valor nutritivo. Devemos moer, ou. antes, socar o trigo, poeiral-o e fazermos nós mesmos o nosso pão. Por isso dizem as portuguezas: quem come pão de padeira, anda sempre em lazeira.

As panellas estanhadas, contém mercurio ou mesmo chumbo na crosta que as reveste: este, em contacto com o chloro que o sal desprende lentamente, póde nos causar prejuizos organicos.

As panellas louçadas desprendem pequenas esquirolas de louça, que são causa de apendicites.

A panella estanhada é um mal; envenena o nosso organismo. Ora, nós temos a nossa panella de pedra, panella admiravel, porque não usal-a? Haverá arroz mais gostoso do que aquelle que é feito em panella de pedra?

A panella louçada, com o calor do fogo, estala e solta lasquinhas que, muitas vezes, ao comermos, mastigamos, trincando nos dentes. Dahi a seis mezes ou um anno temos uma apendicite e dizemos: «não sei porque tive apendicite». Entretanto esse mal foi motivado pela esquirola de louça da panella em que foi feito o nosso alimento. Porque, entretanto, não usar a panella de pedra?

Eu a uso.

O vinagre tem acção corrosiva sobre as mucosas, especialmente sobre a do estomago; deve-se evitar o vinagre e preferir o limão.

Em geral dá-se o seguinte facto, como o que se passou com uma senhora minha conhecida; comprou esta senhora um fogão com seis buracos. A cozinheira collocou em cada um, uma panella com um guizado qualquer, e assim fez todos os dias. No fim do mez, a senhora gastou seis carroças de lenha, grande quantidade de gordura, sapolio, etc., e disse-me que os alimentos ficaram mal cosidos, encruados, por excesso de fogo. Ella soube a causa...

Contei-lhe o então seguinte caso: na Belgica e na França, posteriormente nos Estados Unidos, as familias adoptam cozinhar com uma só bocca no fogão. Collocam as panellas de modo que se adaptem como um marmita; arrumam os alimentos de baixo para cima, em ordem decrescente, quanto ao grau de dureza e exigencia de caloria: primeiro a sopa, depois os guizados e por ultimo o arroz. Com o calor que se transmitte de uma á outra panella, ficam os alimentos cosidos com um dispendio seis vezes menor que com as seis boccas do fogão.

Ainda mais: se calcularmos que só o fundo de uma panella concava na chamma, avaliamos o pouco consumo de sapolio e sabão para a limpeza.

Este facto, que é expressivo, provocou da parte de uma outra senhora, mãe de um alto funccionario do Estado, esta resposta: «Ora, que milagre! Eu já faço isso ha muitos annos e com a vantagem de não usar sapolio.»

Então nós precisamos esperar pelos francezes e belgas para saber isso? Não é minha senhora, disse-lhe: o que a experiencia de muitos annos lhe ensinou, é necessario que o faça a escola em poucos minutos. E é verdade. No fundo, tudo isso são frioleiras, coisinhas; mas, sobre essas coisinhas assentam as bases da economia e do bem estar da familia.

Quantas moças não sabem lavar nem engomar! Entretanto, vi na principal escola profissional de Buenos Ayres, na «escola de los amigos de la instruccion», moças das mais finas familias engomando collarinhos e punhos. Ellas não vão exercer a profissão de engommadeiras; ellas não vão usar, mas pódem precisar.

E depois, só sabe mandar, quem sabe fazer... Eu mesmo fiquei longo tempo a vêr como se passa roupa sem ferro de engomar—por meio de compressão entre dois cylindros de madeira.

Arte culinaria

Ha um escriptor que escreveu uma bellissima obra sobre o modo de ornar a casa, e nos seus corollarios, diz que a felicidade asserta, de preferencia, onde ha mais gosto no arranjo do lar.

Tratando da couziha, dos alimentos, vem a pello o seguinte: F. é casada com um cidadão que exerce uma profissão sedentaria: professor, advogado, medico, guarda-livros, etc. Bondosa, procura, todos os dias, variar-lhe os pratos: hoje, éum cosido; amanhã, feijoada; depois ensopado, etc. Seu marido cada vez mais se queixa de mil e um males, provenientes da alimentação pesada e pouco digerivel. Torna-se dyspeptico, doente, mal humorado, e, como sempre acontece, a vida passa a ser um inferno.

Mas, se a esposa conhece o valor dos alimentos de poupança que, sem fazer peso ao estomago, são facilmente digeriveis, prepara um *purée*, carne em pó, legumes, bananas cozidas, para sobremesa, e, logo, os males desapparecem num relance e a felicidade não foje jamais.

Os homens são como peixes, fisgam-se pela bocca. A mesa é o seu maior attractivo. Depois dos 40, é uma lastima: têm um olho á cozinha e outro á repartição.

Demais, para preparar um cozido, ou uma feijoada, o dispendio de combustivel é enorme e o proveito alimenticio fraco.

Mais vale um abacate, um ovo cozido e uma taça de leite, que um formidavel prato de feijão, ou uma lasca de carne.

Algumas senhoras acham que ás crianças se deve dar o mesmo alimenio que aos adultos; a consequencia é a desordem gastrica, a dilatação do estomago e todo um cortejo de soffrimentos.

Eu desculpo as donas de casa; não é que ellas não queiram fazer ou tenham má vontade. Não apprenderam; ensinem e vejam se ellas não farão melhor do que o esperado.

Nossas patricias sabem ser intelligentes e dedicadas.

Tambem comprar a felicidade por tão pouco...

Roupa e hygiene das crianças

Na segunda parte do curso de economia domestica—a roupa e a hygiene das crianças, temos um campo vastissimo.

Respigarei, aqui e alli, alguns casos para mostras a importancia desse estudo: «remenda teu panno que te dura um anno», diz o adagio, e é verdade.

E' costume dar a roupa usada, ou quando muito, vende-la, Mas, poucos conhecem ou têm rouparia, onde se guardam os tecidos velhos, para, em qualquer momento, usa-los. Os tecidos de linho e de algodão, quanto mais velhos melhores; tornam-se alvos, macios e leves.

Desfiados, dão fios para feridas, córtes, etc. Emendados, com as sobras de costuras, dão colchas de retalhos, os saccos para pão, as camisolas de dormir e as camisolas caseiras para crianças.

Coisa notavel: as crianças ficam mais alegres quando se vêm trajando uma camisola de varias côres, pintagalda, matizada e florida.

Por isso a escola deve ensinar a aproveitar os retalhos, fazer remendos e serzir.

Ainda mais: lavar e passar, engomar e frizar; tingir mesmo. Que custa fazer uma agua de anilina, com um pouco de fixativo?

Mostra-se como um par de meias brancas torna-se creme, amarello, roseo ou azul, fazendo 4 ou 5 vistas.

A mãezinha póde apprender a fazer o vestidinho de sua filha, as toucas e as meias, passarem pelas côres do arco-iris, com grande economia para o esposo e a alegria das crianças.

Sem sahir ainda da economia domestica, devemos ensinar os cuidados com a roupa. Quantas familias vem successivamente os filhos atacados pela diarrheia verde, collibacillose, unicamente porque fazem as crianças dormirem em camas ou vestirem as roupinhas de um irmão que está ou esteve enfermo. E' preciso ferver a roupa e expôr ao sol intenso as cobertas de flanella e lá, para evitar as transmissões.

Muitas enfermidades dos adultos se transmittem ás crianças pelo mau veso que têm os paes de fazerem dormir as crianças em seus leitos e em suas roupas de cama.

A mamadeira é o maior vehiculo de molestias. As mães deixam os vidros expostos ás moscas; o bico de borracha sem protecção, sem lavar; deixam fermentar o resto do leite, e as enfermidades apparecem, e, muitas vezes, victimam as innocentes crianças.

Deve-se usar vidro de bocca larga; cada vez que se der leite ás crianças, deve-se laval-o com um pau envolvido num panno, cobrindo tudo com um guardanapo, para evitar as moscas. Assim, muitos males são evitados.

Ha tempos, viagei em um navio allemão e apprendi como se prepara um mosquiteiro sem despeza: um copo de agua com sabão, coberto com uma fatia de pão, na qual se unta pela parte de baixo com um pouco de assucar, tapa o copo; faz-se um furo no centro da fatia, mais ou menos do diametro de um lapis, e tem-se um magnifico caça-moscas.

O arranjo do lar

«The House Decoration and School» é o titulo pomposo de um magnifico livro de frioleiras. O autor, Priestman, norte-americano, nos dá o seguinte exemplo: chega um homem do trabalho, cansado, arreliado, com os nervos carregados. Entra. Aqui e alli, roupa pelo chão. Uma vassoura cahida; farellos de pão sobre a mesa. A mulher, fatigada, a saia suspensa de uma banda, de tamancos, rescendentes á cebola, exaggerando Plinio, como disse H. de Campos. Já advinhastes qual é a impressão do homem. E elle, então, começa a lembrar-se da salinha limpa e arejada, bem varrida e bem ou do café. Mal acaba de jantar, vae atirar á gaveta criminosa os magros tostões que lhe dariam o bem estar em casa.

Mudemos o quadro: o trabalhador chega á casa; o chão brilha; a tosca mobilha bem limpa; a mesa coberta com uma toalha bem alva, de panno de sacco, onde a esposa abriu uma franja bem larga, desfiando-a, fazendo caprichosas aranhas. Sobre a mesa, uma garrafa envolvida em papel amassado, de côr alegre, apertada ao meio, com um cordãozinho; garrafa essa que agora é uma jarra japoneza, ostenta uma rosa, algumas flores, uns galhinhos verdes. Na parede uns chromos. Por toda parta, a ordem e o asseio. A esposa, trajando um vestido limpo; os filhos penteados, tudo indicando o asseio e o capricho, que só a mão da mulher sabe dar.

O homem repara, gosta e deixa-se ficar. Sente-se bem; agrada a esposa, ralha daquelle luxuxo, como elle diz; mas, no intimo do coração, agradece aquelle desvello.

Ahi está a facilidade. Estará mesmo? Sim, estará.

O dr. Orison Swett Maaden, cujo nome quer dizer «oração e trabalho», nos mostra que a felicidade está ao pé de nós, em toda a parte.

Afastemos as tristezas; olhemos a vida pelo lado bom.

Comparando-nos de que somos felizes; confrontemos o nosso estado com o daquelles que soffrem mais; e, admirando, prestando attenção ás bellezas que Deus espalhou na natureza, num pôr de sol, num amanhecer, sentir-nos-hemos felizes e se-lo-hemos realmente.

Esta é a verdade. Qual é o segredo do encanto da mulher franceza, do lar europeu, com pequenas excepções?

E' que a mulher franceza não perde a fina graça; reveste tudo de arte; torna «ecouette» tudo que a rodeia; e, embora os annos passem sobre ella, como sobre Mathusalem, sabe sempre se fazer agradavel, e tem geito para occultar as imperfeições da natureza e os estragos dos annos.

O arranjo da casa é uma verdadeira sciencia, com os seus problemas, regras e corollarios, principios e objecto.

O objecto é a felicidade e os principios se resumem num só—fazer o lar agradavel e sadio.

Quem faz a casa é o morador, diz o vulgo, não quem a construiu.

Os desperdicios da cozinha, cinzas, pennas, pontas e restos, tudo se utiliza.

Uns galhos de roseira, plantados pelos cantos do quintal, em breve desabrocham em rosas, galgam muros, sobem as cumieiras, fornecem as flôres para ornar a casa, perfumam e sanificam o ambiente, fazendo de uma pocilga um ninho, onde os passaros põem a nota alegre e o chilrear encantador, alegrando os outros passaros—nossos filhos.

Suggestões

Tudo isso a escola ensinará, não com aulas, ou theorias e explicações abstractas—mostrando em estampas os dois effeitos, fazendo de verdade num quintal, que sempre ha, praticando.

São coisas faceis, simpies e corriqueiras. A questão é começar, o resto vem insensivelmente.

Quantas suggestões me occorrem! Quantos exemplos! Mas, onde iria eu parar nesta palesira, se sobre uma parte della, o trajar da mulher, a maneira de trajar, escreveu dona Lydia Bohnar um livro «Art in dress».

Nesse livro, ha indicações praticas. Figura a autora um quadro com as côres principaes e suas afins; a escala chromatica; as combinações felizes; tudo isso adaptado ás roupas femininas e os chapeus que lhes ficam bem, apresentando contrastes: uma senhora gorda, de pescoço curto, usando vestido largo, com babados e «pufs» aos lados»: fica um verdadeiro repolho.

A mesma senhora, com um chapeu baixo, golla alta, ainda mais gorda fica.

Outra de queixo saliente, usando chapeu esguio para trás ainda deforma mais a physionomia.

Uma senhora magra, de vestido listado, sem golla, chapeu de copa alta, mais magra, mais alta e de mais longo pescoço fica.

Tudo isso rapidamente, é commentado, de modo a mostrar que, pela educação do gosto, e conhecimento do desenho, pode uma senhora vestir-se bem, desenhando e determinando a moda.

Não é commum dizer-se que tal ou qual chapeleira tem mais gosto e seus chapeus são mais bonitos? A costureira d. Fulana tem mais graça? Fois o gosto e a graça são coisas ao alcance de quem quer seja, principalmente de quem frequentar as escolas domesticas de educação profissional.

Eu acho que o «pivot» da economia caseira é a machina de costura, com seu apparelho de bordar.

Apprendei, no curso de economia domestica, a fazer as roupas de vossos filhos, as vossas roupas, as roupas de vossos maridos. Bordae tudo: um ramo, uma flor, um arabesco, porque o bordado transforma o panno de algodãosinho em a mais fina cambraia.

O bordado e a costura são as portas de salvação para os dias de aperto e para o augmento do ordenado do marido, a garantia da manutenção da mulher solteira.

Ninharias

Todos nós admiramos—e porque não dize-lo?—invejamos o surto espantoso da riqueza publica e particular dos Estados Unidos. Mas, se admiramos, porque não procuramos imitar o americano nas sabias medidas que adoptam na sua inegualavel educação domestica?

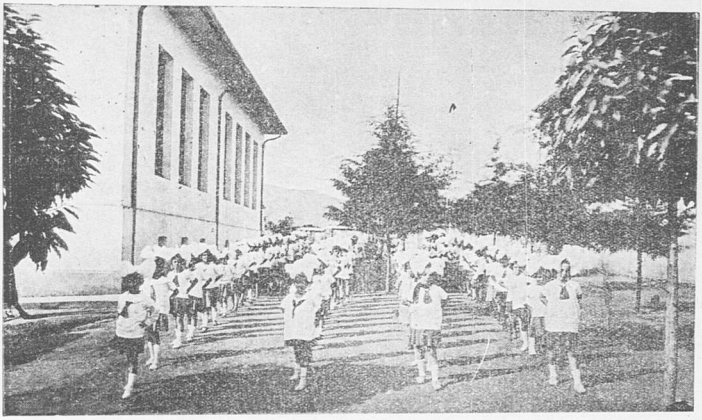
Descem as autoridades administrativas a taes detalhes, que, entre nós, muitos espiritos que se julgam superiores, acharão ninharias ridiculas para as suas preoccupações.

Porém, a Repartição Federal Vocacional, subordinada ao Ministerio da Agricultura, reconhece na construcção do lar uma vocação e proporciona aulas ás donas de casas e ás moças que sáem para trabalhar por dia.

Um grande estadista brasileiro disse com accerto: Não ha pequena nem grande questão administrativa, ha questões administrativas, e todas devem merecer estudo.

A face mais bella, porém, dessa obra de preparação social é o corpo de professores viajantes. Elles vão pelas localidades do interior da grande republica, no desempenho da grande tarefa de ensinar a economizar e a viver mais folgadamente.

A esse respeito vejamos alguns casos: Lá, como aqui, o tomate, e muitos legumes, são abundantissimos em certa época do anno, e ficam quasi sem cotação; noutras escasseiam tanto que attingem a preços fabulosos.



Grupo Escolar «Barão de Macahubas» — Alumnos em gymnastica

Pois bem: Os cursos de economia domestica engendraram logo a preparação de conservas, tão finas e tão bôas que os productos nada perderam de sua frescura e de seu valor nutritivo dentro do prazo de um anno.

Deante deste successo, porque não vender algumas latas, com a marca das escolas, no mercado?

Lançada a idéa, passou-se á pratica e os resultados foram taes que a renda attingiu a cerca de 1 milhão de dollars, só da venda destas conservas. Cerca de 10 mil contos de réis!

E o melhor é que o creme de tomates jamais faltou ás cozinhas, e hoje os Estados Unidos exportam largamente esse producto.

Noutras localidades a producção de leite era enorme; e, como não soubessem as donas de casa o que fazer delle, era vendido a baixo preço, e servia até para alimentar porcos.

Appareceu um dia a emissaria do Ministerio da Agricultura para ensinar a fabricar queijos: Algumas aulas nas proprias estancias, alguns exercicios, seguidos logo de uma pequena tentativa de exportação.

Diz-nos ainda o relatorio que essas localidades, de nenhum valor industrial, passaram a exportar toneladas e toneladas de queijos de todas as qualidades, A's dispensas jamais faltou este esplendido alimento, são, forte e altamente economico.

E com isso valorizaram-se as terras, o gado, e a propriedade; e o dinheiro correu amplamente.

E que diriamos nós se alguem se propuzesse a cosinhar sem fogo? Pois as senhoras americanas o fazem. E, para isso, se servem de uma marmita á semelhança da garrafa thermica.

Mas como os materiaes a empregar na referida construcção são caros e difficeis de encontrar, mais facil, mais rapido e talvez mais economico ainda é o fogão usado ainda pelos vaqueiros em São Paulo.

Se alguem nos dissesse que ia fazer jantar sem fogo, nós não trepidariamos em dizer que esse alguem estava maluco.

Entretanto, as senhoras americanas apprendem, na escola de economia domestica, a cosinhar sem fogo.

Em S. Paulo tambem os vaqueiros dão feijão cosido ás vaccas, durante dias, semanas, mezes e annos. Ora, se elles fossem comprar lenha a 28$000 o metro cubico, ficariam fallidos. Usam então um fogareiro que não lhes dá despesa alguma, e que eu achei tão interessante que até fiz do mesmo um desenho que aqui está (mostrando) Uma senhora póde ter em casa esse fogareiro esse que é constituido por uma lata de kerozene, utilizando-se, como combustivel, cascas, papeis, pedaços de madeira, detrictos de cozinha e não gastando, talvez, mais de $100 por dia.

E assim tambem são as geladeiras sem gelo, baseadas na evaporação da humidade, tudo, emfim, como nos mostra o Boletim da União Pan Americana, de Abril de 1923.

Desses nadas é que se forma o oceano da grandeza americana...

Conjunctamente com a economia domestica, que é «um como mosaico formado de pedacinhos de todas as sciencias», como disse alguem, a escola terá 3 cursos magnificos: dactylographia e stenographia; corte e costura em geral, e bordados, sem especializar. Dando, porém, nos tres annos escolares, um conhecimento geral de cada curso, poderá a moça, ao sahir da escola, escolher o seu futuro, porque estará apta para enfrenta-lo.

Tendo 4 horas, pelo menos diarias de trabalho pratico, não ha possibilidade de falhar o apprendizado; e, com algumas modificações, pequenas, aliás, poder-se-á affirmar que as escolas profissionaes femininas do Brasil nada terão a invejar das suas similares do extrangeiro.

Deveres e direitos da mulher

Ainda nada fallei sobre os direitos da mulher. Só fallei dos deveres; mas, nos seus deveres, estão os seus direitos.

Ellas nada mais pedem que aquillo que a Constituição estabeleceu—egualdade civil e politica. Será pedir muito?

E', realmente, engraçado: fallamos muito em feminismo —no emtanto tudo que acabo de dizer é puro feminismo—não offende nem ameaça ás instituições. Mas, si bem me onviram, todos acharam que temos razão: eu e as mulheres.

Que mais pedi para ellas? Possibilidades de vida, quando não forem casadas; ou, sendo, uma boa direcção, para elevar e melhorar a situação social.

Haverá, por acaso, alguma immiscuição da mulher nos officios do homem? Não; ellas vencerão aos poucos; e, intelligentes, probas, affeiçoadas e com maior sentimento que o homem, vence-lo-ão em todos os ramos em que a natureza masculina não estiver apparelhada. Tudo que depende de gosto, minucias e graça, a ellas pertence.

Os horizontes se alargarão e novas fontes de actividade surgirão.

A lavoura, as industrias, são fontes inexhauriveis para todas as actividades. Não ha concurrencia; o sol é para todos.

Dêm á mulher a opportunidade de se emancipar da tutella dos homens, que só as póde aviltar, e ellas transformarão o mundo.

A's casadas, o contracto matrimonial dictará os deveres, mais firmes pelo coração que por nenhuma lei.

A's solteiras, entibiadas, cheias de preconceitos, são na maioria dos casos, victimas dos homens sem palavra, gosadores, como essa raça viperina a si propria se baptisa; e, desilludidas, aprendem a ser hypocritas; mas, pela acção fortemente educativa da escola, possuidoras de cultura intellectual e profissional, aptas para se manterem, ellas saberão ser fortes e dignas, na lucta pela vida.

A's escolas domesticas profissionaes cabe a mais bella iniciativa brasileira—«a redempção da mulher».

II

Finalidade do trabalho manual para homens

Snr. Director da Instrucção Publica de Minas Geraes.
Meus Snrs. Illustres professoras. Collegas em geral.

Eis-me aqui pela segunda vez. Não é culpa minha, senão bondade vossa. Todavia, como vos fallei da finalidade do trabalho manual para mulheres, forçoso era que vos fallasse tambem da finalidade e do trabalho manual para homens.

Imaginemos, srs., um moço em meio de uma larga estrada—a estrada da vida—que ante elle se bifurca.

O caminho da direita lhe diz: Vem commigo; eu te serei aspero, eu te callejarei os pés e as mãos, não terás as doçuras nem as primicias dos grandes nem dos poderosos. Mas, se fôres sobrio, honesto e trabalhador, eu te abrirei a dois batentes as portas da alta sociedade: serás rico, nobre e considerado. Terás o lar onde te aprouver.

Falla o segundo caminho: Vem: eu sou todo alfombras; palmilha-me que não terás espinhos, nem canceiras que matem, nem trabalhos que afeiem. Eu te darei o rubi quente, que palpita; a esmeralda, doce como um olhar de mãe; o brilhante e todos os demais distinctivos dos diplomados.

Terás os olhares meigos das jovens, influencia social e politica... mas baixinho, só a sós comsigo, diz: serás pobre, serás desilludido...

Acompanhemos espiritualmente os que seguem essas estradas. E' o que faremos imparcialmente nesta palestra.

Slöjd é hoje um termo universal, consagrado na Suecia, onde ha uma escola destinada ao preparo de professores para ensinarem a praticabilidade manual com finalidade pedagogica educativa.

Com o objectivo de apprender, vão para lá professores de todas as partes do mundo: japonezes, chinezes, brasileiros, argentinos, portuguezes e allemães.

Alli estudam convenientemente e depois regressam aos seus paizes para implantar os methodos de trabalho manual com fonte de formação e de desenvolvimento intellectual.

E' uma verdadeira gymnastica cerebral que leva ás verdadeiras inferencias, e ás deducções logicas o espirito da juventude.

Cada trabalho destes (mostrando) demanda um certo esforço, um determinado movimento muscular, esforço e movimento que despertam, associam e gravam imagens no cerebro. Porém esses exercicios e construcções não são trabalhos feitos a esmo: são testo experimentados, discutidos e approvados em congressos especiaes de pedagogia. Cada um delles exige um movimento do pulso, uma gymnastica especial, um determinado numero (o menor possivel) de ferramentas para que o alumno pense, reflicta e execute, despertando o habito de crear e arranque de si mesmo novas formas de execução e o leve ao proprio aperfeiçoamento physico, moral e intellectual.

O mais interessante nesta série é o seguinte: atravez destes exercicios insignificantes estão as linhas geraes dos principaes estylos de construcção artistica de moveis: o barroco, o Luiz XV, Maria Antonietta: etc., e todos alli estão representados nas formas mais simples, num como substracto de arte.

O alumno, porém, faz, executa e apprende sem a preoccupação de fazer moveis ou estylos, corriqueiramente, commummente nas aulas, como apprende geographia, linguagem ou geometria.

Ao sahir da escola, com a facilidade e a pratica que adquiriu, ingressa na officina; dão-lhe serviços, elle os executa e diz para si mesmo: «Como é facil». E sua adaptação na industria está assegurada.

Isso quanto ao Slöjd educativo.

A segunda série é a do Slöjd social, quer dizer, exercicios applicados em trabalhos pedagogicos que têm certa finalidade utilitaria. E' principio adoptado no Slöjd que todo esforço não seja perdido, de modo que uma lição apprendida é immediatamente traduzida num trabalho pratico de applicação utilitaria.

Temos aqui (mostrando) uma calçadeira, uma faca para papel, uma bandejinha, um porta-retrato, um porta-relogio, que enfeixam varios exercicios apprendidos no Slöjd educativo.

Observando-se esses exercicios, traduzidos nestas construcções (mostrando), uma taboa para partir pão, um porta-cartão, vê-se desde logo que o alumno revela já ter apprendido o emprego graduado de varias ferramentas e sabe executar os trabalhos da série social.

Temos aqui (mostrando) um «cachorrinho», com as costas perfuradas para collocar palitos—trabalho de livre concepção do alumno. E' um paliteiro. Não são todavia obrigatorias as creações. Nós as acceitamos como prova de collaboração dos alumnos, e são trabalhos sujeitos á nossa critica. Nós nos reservamos o direito de criticar o trabalho, para orientar o educando e leval-o á propria correcção.

Ahi é que entra a parte do mestre na formação artistica.

A 3ª série é ainda de Slöjd social: São pequenos exercicios que o alumno desenha, depois executa, porém, já com accentuada finalidade profissional.

Esses exercicios são immediatamente traduzidos na construcção de pequenos objectos de utilidade immediata e já de accordo com a orientação profissional. Uns quebraram-se, mas ainda temos aqui alguns (mostrando). Esta é a taboa para cortar carne. Está aqui a caixa para talheres; ainda, um cofre para guardar economias (é o espirito pratico americano de crear na criança a idéa de economizar e guardar); a cadeira rustica, o porta-vaso, etc.

O fecho é muito simples: é a malheta interna ou externa, que qualquer criança applica. Não ha movel algum em marcenaria que não seja composto destas duas taboas (mostrando) e da malheta de fecho que póde ser feita com qualquer canivete ou faca de trabalho.

Na Argentina, em certa escola, tive opportunidade de ver cerca de 200 meninos munidos de canivete, em trabalho com pedacinhos de taboas.

Aquillo me chamou a attenção e eu perguntei ao director porque se lhes davam canivetes em logar de formões, com os quaes elles poderiam trabalhar mais facilmente.

—Eu sei que com formões elles trabalhariam melhor, respondeu-me, mas elles devem se arranjar com o minimo possivel de ferramentas. E' esta a razão porque se lhes dão canivetes.

Ha grande verdade nisto: é com o minimo dos meios que devemos procurar attingir o maximo da producção.

Uma caixa com 4 pés é um bahú, é um guarda-roupa, é um armario, um guarda-comida. A construcção não passa disso: observação, inferencia e acção, construindo os objectos pela analogia de fórma. E' muito simples.

A meia madeira—dois pedacinhos de pau—um rebaixo, é o fecho de todos os moveis. A mão franceza, a armação do telhado, tudo isso é muito simples, são disposições varias de um mesmo objecto ou de alguns exercicios constructivos.

Aqui tem (mostrando) diversas peças, algumas de invenção minha, diversas na forma, mas guardando as linhas e directrizes dos Slöjds—educativo e social.

Antigamente, quando não se conheciam os processos especiaes de construcção de moveis, todos elles eram feitos com a chaveta, espiga á vista ou cunha. Feito um furo numa taboa, e passando atravez della o que se chama em marcenaria «espiga», colloca-se um pausinho vertical no furo da espiga, formando-se dest'arte o fecho externo ou cunha.

Fizemos uma mobilia de peroba do campo, para o senador Flacker, toda ella sob esse systema. O senador Flacker, que era descendente de allemães, apreciava muito essa «construcção natural» e que ainda hoje é empregada largamente nos paizes anglo-saxões.

E' uma construcção primitiva; não exige o auxilio dos artifícios da arte: pregos, colla, parafusos, etc. Hoje, a nova maneira de aducar e instruir ainda observa muito os processos naturaes para o encaminhamento profissional dos jovens.

Ha duas grandes escolas pedagogicas: uma que exige esta orientação; outra que não a exige, mas transforma o alumno em auditor, numa como «garrafa vasia, na qual despejamos qualquer liquido».

Entre a que educa e ensina, a que faz actor e lhe desperta a personalidade; e a tal escola de papagaios, repetidores, imitadores, abulicos, vasios, creio não ser difficil a escolha.

Vencerá a escola da praticabilidade manual.

A proposito dessa orientação da juventude, alguem me disse um dia: «A França deve manter a sua cultura grega; a França, com a «Sorbonne», é a garantia da superiosidade latina na cultura intellectual».

Não sei, respondi-lhe, cousa é essa cultura grega.

Eu sei, porque tenho lido, ser a historia grega um farto manancial de exemplos de philosophos, legisladores e mestres, que preconisam a cultura physica como base da formação intellectual; sei ainda que, muitas verdades, hoje pregadas como novidades pedagogicas, são aphorismos dos systemas philosophicos da antiga Grecia; mas, no fundo, o que ha é uma verdadeira confusão sobre os fins da nova educação e dos meios para attingi-los.

Julgam muitos que queremos, ou, antes, pregamos, sejam todos os homens carpinteiros, ferreiros ou pintores.

Nunca.

O espirito é que nós visamos: e, para educa-lo, não podemos seguir um systema que deixa de associar o sentido muscular na obra de bem informar ou crear as faculdades logicas, os informes, as inferencias e as deducções.

Os olhos do corpo vêm; mas os do espirito observam, comparam, reflectem e deduzem.

Se as fontes de inferencias são cegas, cegas serão as conclusões do espirito.

Veio um cego de nascença ao Senhor para que o curasse.

—Vês, perguntou-lhe o Senhor, pondo-lhe as mãos sobre os olhos.

—Sim, vejo; vejo homens andando como arvores.

Para esse cego, mais cego agora com os olhos abertos, que quando os tinha apagados e fechados para o mundo, elle estava certo e via conforme o seu falso juizo: Elle andava; as coisas andavam perto delle; logo, as arvores andavam e os homens andam do mesmo modo.

Assim, vemos, mas não enxergamos; vemos, mas não inferimos; e, se o fazemos, não tiramos as consequencias logicas, porque o nosso espirito não tem cabedal preciso.

Na nova educação, devemos educar primeiro e instruir depois; empregar as mãos em construir, para que sintamos a verdade, para que, por meio das mãos, que são os «olhos do espirito», formemos o habito da observação, do raciocinio e do julgamento preciso.

A educação literaria não exclue os grandes principios da educação pelo trabalho, pelos sentidos. Não, ella até os requer.

Desde o jardim de infancia, nos brinquedos de Froebel, construindo; atravez das escolas primarias, com a faca do Slöjd, construindo; até nas escolas normaes e gymnasios, em seus gabinetes de physica e chimica, em seus laboratorios, redescobrindo, analysando, experimentando e compondo, construindo; passando pelas escolas superiores, nas de medicina, dissecando, abrindo cadaveres, praticando nos gabinetes de clinica cauterisando, destruindo, porque, aqui, o destruir é tambem construir; nas escolas polytechnicas, medindo, pesando, experimentando a resistencia das materias, empregando apparelhos, levantando plantas e cartas, em tudo, emfim, construindo, esse systema de educação, em que o moço é autor e não auditor, favorece, cria, anima e desenvolve essa força propulsora e criadora de que a Inglaterra, a Allemanha, a Belgica, os Estados Unidos e o Japão são os mais formidaveis exemplos.

Nossos filhos

Nicolay e Eislander são dois espiritos que se completam.

O primeiro, francez, lançou uma obra de critica sobre a educação das crianças e engenhosamente nos mostra como isso se passa, acompanhando o desabrochar da vida de menino nas tres phases da existencia—infancia, juventude e virilidade.

Le-lo é ficar a gente envergonhado de suas proprias fraquezas.

É fazer-se tenção e promessas comsigo mesmo de desevolver melhor os meios para que os nossos filhos sejam uteis a si, á familia, e á sociedade, porque, indiscutivelmente, cousa ha que tenha sido mais maltratada nem peior orientada que a educação dos nossos filhos.

O menino

O filho é, em geral, um tyrannete.

Os paes, para não contrariarem o pequeno, deixam que todos os maus instinctos se manifestem na sua forma mais simples: a manha, a teima e o egoismo.

Chorar coitadinho! não vá estar doente. Cuidados, attenções, mil e um soffrimentos passam os paes. Elle observa esta attenção e os desvelos, comprehende e sabe que se interessam por si: Faz manha.

A casa toda gyra em torno desse diabrete. Os paes afflictos, choram, chamam medicos, cedem em tudo, e, aos poucos, o egoismo se manifesta com um cortejo de grosserias que é a tristeza dos paes e o inferno dos creidos, se os ha.

O nenê quer isso; não quer; clama; bate os pés; chora, berra e obtem. Seus paes são para elle outros tantos criados; a casa, os amigos, a sociedade, o mundo, o universo, todo gyra em torno desse astro de primeira grandeza. E assim se fecha o cyclo da infancia.

O jovem

Cresceu o menino. Agora estas formas estão attenuadas. Elle finge temer os paes e manifesta então—hypocrisia, preguiça e vaidade.

Junto aos paes finge attendê-los; lá fóra, porta-se como um arrieiro.

Nos estudos, colia; queixa-se dos mestres; arranca lagrimas ás irmãs, com as suas grosserias; pede aos paes que o recommendem aos amigos; precisa passar, deve passar nos exames...

Embellezado, risonho, cuida das unhas, cheira a Frasmicca d'Orsay, fuma, é insolente no olhar, no gesto e no tratro; porém, se alguem o ameaça, manifesta logo a tempera da sua pobre alma, num sorrir covarde, no «perdão, cavalheiro» e outras pacholices creadas pelo desmantelamento dos costumes.

E torna-se homem esta creatura!

O homem no lar e na sociedade

Que principios, que orientação, que finalidade, que sentimentos do «eu» tem para se tornar elemento de uma sociedade, formador de nacionalidade!

Ha tyrannos menos tyrannos, ha féras, menos féras que certos homens em seus lares.

A esposa, victima quasi sempre da sanha, dos rancores, dos vicios e das neurasthenias desses desfibrados, padecem e soffrem torturas immensas.

Maltratadas, diminuidas até na sua dignidade de mulheres e mães, vêm passar os dias accorrentadas ao posto da ignominia.

Seus filhos, fructos do amor, elle os olha como «pestes» que a mão da desgraça empurrou subtilmente pela porta a dentro.

Na sociedade, é um mau amigo; offende com os seus remoques.

Não póde ser contrariado, porque, acostumado na infancia, e no seu lar, a ser senhor absoluto, faz-se maldizente, corruptor, incivil e mentiroso, porque não póde vencer. Suas amizades, são sempre baseadas no interesse delle; seus amigos, toleram-no, se é rico; mas, quando pobre, enxotam-no, como se faz aos sevandijas mais grosseiros.

Figura então Nicolay um desses num café: entra. Senta-se e logo colloca o pé numa cadeira. Bate com a bengala sobre a mesa, e, insolentemente, do alto da sua nullidade, berra ao caixeiro ou «garçon», que o despreza e tem ganas de lhe dar educação.

O Autor francez, não conhece os nossos bondes, sinão elle não figuraria o café, daria exemplos num outro logar.

Vêde um bonde da Light. Entra uma senhora. Os homens nem de leve desviam o corpo. Mantêm-se firmes, ou, grosseiramente, de pernas estendidas. A pobre senhora lá vae por entre elles, a esfregar-se pelos seus joelhos, num prodigio de gymnastica para não cahir!

Outras vezes, o que é commum, os cavalheiros — si taes individuos se póde chamar cavalheiros — no banco da frente, "vis a vis" com senhoras, sentam-se immoralmente, em attitude de moleques, porque seria offender aos simples carroceiros, se os comparasse com esses "senhores".

Eu sei ser a critica de Nicolay muito pouco applicavel entre nós; mas, em vista dos perigos latentes em tal systema de guiar as crianças, me apresso em prevenir, porque, mais tarde, ha se de querer remediar e não se ha de poder.

Não ha civilidade, não ha, porque ella é o fructo da intelligencia culta, porque ella é a resultante da moral e essa não se adquire com um systema falho de educação.

Póde haver instrucção sem que haja educação.

Elslander é um producto da revolução que abalou o mundo. Elslander na "Escola Nova", despedaça todas as convenções e mostra o valor dos nossos filhos levados pelo systema que preconisa, systema esse que tem a novidade de algumas centenas de annos, porém que elle veste de novas roupagens e mostra como se pratica:

Vejamos: Num bonde, vão alguns alumnos á "Escola Nova" — excuso dizer que a escola nova é o que chamamos Escola Profissional, — e surge entre os menores uma duvida sobre o thema de suas lições.

O mais velho, geralmente, intervem e faz cessar, com a sua demonstração e autoridade, a duvida, sendo sempre acatado

Um passageiro, gentilmente, entabola uma palestra com o moço, e, durante o colloquio, se admira da superioridade de raciocinio, pontos de vista, elevação de caracter, emfim, da moralidade do jovem.

Ao chegarem juntos á escola, o moço o convida a visita-la, e, então, como um verdadeiro homem, conduz, mostra e explica todo aquelle mechanismo. O que é a Escola Nova?

A Escola Nova

A Escola Nova é a associação da instrucção litteraria e profissional, baseando-se a primeira sobre a segunda, de modo que, pela associação das observações nascidas do trabalho constructivo, o espirito deduza as verdades logicas.

Assim, as aulas são revezadas com os trabalhos praticos das officinas e outros exercicios distractivos, digamos assim, que tendem a offerecer sadios derivativos á actividade do educando, e que lhe despertam os habitos de fazer, tenacidades iniciativa, paciencia, e, sobretudo, a confiança propria, razã, que, sobre ser a base do caracter, é a cellula mater das grandeo nacionalidades.

Isso parece, talvez, um logar commum; mas, me falha uma phrase mais incisiva para explicar a coincidencia das grandes formações sociaes, do espirito, de commercio e de industria, de actividade combativa que demonstra certos povos' devido ao methodo de educação que adoptam.

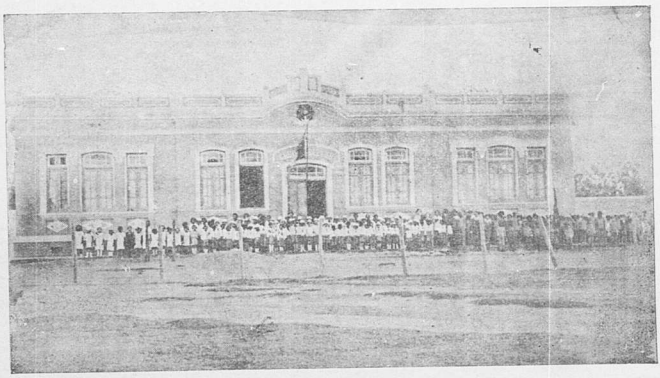
Com o Sloïd formam-se os individuos atravez do trabalho para o trabalho, aprimorando-se suas faculdades animicas; e, a resistencia opposta pelos materiaes á vontade, submette o capricho e as tendencias más, dá habitos de ordem, de economia, de perseverança, de tenacidade, desperta e cria o prazer de luctar, de vencer difficuldades, de se bastar a si mesmo' de amparar os fracos.

Mais ainda: Si se pensar que os exercicios despertam e revelam nossas aptidões e nos encaminham para o desempenho da missão para que nascemos, mais avulta e se eleva este methodo que aproxima o homem do ser Creador.

Charles Ham, em "The Education Eyes and Hand", diz que a moral é consequencia da organisação social e não esta daquella.

O trabalho manual e suas vantagens

Este, como Elslander, Demoulins e Woodward, crê, como eu, ser o trabalho manual não um fim, mas um meio



Grupo Escolar de Pirapora

para a educação geral do moço, de modo a se obter a cultura do espirito e do corpo harmonicamente feita.

Porém, é necessario observar que esta nova educação inclúe a antiga, porque fazemos o que se fazia, sómente por meio do largo emprego de ferramentas e materiaes, com intelligente applicação do desenho.

E' empregando ferramentas que o espirito aprehende nitidamente as relações exteriores; é ainda por meio dellas que o homem, como disse Carlyle—"O homem é o animal que uza ferramentas" — desloca montanhas, perfura as serras; suppríme as distancias, estabelecendo relações entre os pontos mais afastados do orbe, pensando e sentindo, ouvindo e transmittindo idéas, em intervallos de segundos, aos seus irmãos antipodas.

Com ferramentas, quer seja o buril ou o camartello, derbastando, modelando, contornando, retocando e polindo, cria as maravilhas da estatuaria—Miguel Angelo; com os pinceis, desenha, colore, anima e eterniza na tela a natureza, arrancando dos nossos corações expressões de admiração intensa—Raphael.

Na expansibilidade dos vapores e dos gazes, abre os desertos ás locomotivas; fende os ares em aeroplanos, galgando abysmos; com o submarino, mergulha no seio azul das aguas; e, emfim, com as ferramentas, não ha limites que cerceiem a expansão da intelligencia humana.

Porém, srs., a feição mais bella da praticabilidade manual na Escola é a formação moral, é a defesa das nossas crenças, e dó thesouro anímico de fé que trazemos do lar, e que a escola actual, quasi sem discrenancia, timbra em nol-o estragar, infundindo no espirito da infancia a descrença e a duvida.

Ninguem póde queixar-se da dissolução actual dos costumes : E' o fructo da Escola sem Deus, é o resultado de se deixar ao léo a formação moral dos jovens, no periodo em que se vasam em novos moldes, seu caracter e sua natureza intima.

Que differença ha de escola a escola, de mestre a mestre!

Na escola americana, embora se clame contra a Egreja Catholica, em todo o caso, falla-se em Deus, orienta-se segundo a moral de Christo.

A proposito disso, vem-me á mente, baila-me nos labios este pedido, que lançou á terra mineira, de tão gloriosas tradições catholicas.

«Porque se não colloca a imagem de Christo nas Escolas?»

Si a temos no Jury, porque não na Escola? No Jury ella lembra ao homem a rectidão de consciencia, a visão do maior crime que se commetteu no mundo—a morte de Jesus pela sentença de Pilatos.

Na escola ella lembrará ao professor Christo mestre, Christo o maior educador de todos os tempos. Lembrará ainda que á criança a unica moral que lhe convém é a christã, e que ao professor não lhe é dado, antes é crime, desfazer ou apoucar a fé que a criança bebeu no lar materno.

Essa falta de crença, essa falta de fé, que nos entibia, que nos materializa, que nos affasta do sobrenatural e que se reflecte na falta de escrupulos e na diluição de caracter, é culpa do joven?

Do joven não, mas é da sociedade.

O lar—Escola a Eislander

Porém, como fazer, como transformar a escola num apparelho de instillação de idéas e sentimentos, numa obra de preservação social?

Imaginemos um grande lar, ou, antes, uma fazenda. O fazendeiro distribue aos filhos o serviço e os fiscaliza. Aos mesmos entrega a construcção das pás para revolver o café, o concerto das tulhas, uma porta quebrada. Ainda lhes entrega o arranjo do motor paralysado : limpar, brunir, lixar e concertar—uma chaveta, os volantes, as valvulas, etc.

Noutro dia, alguns pintam as paredes; outros raspam, queimam e decoram de novo a propriedade commum.

Mais além, ainda, os rapazes encilham, arreiam e atrelam animaes aos carros e trolys; ensaccam, transportam e expedem café.

Pois, meus amigos, tudo isso, que é a vida de uma fazenda, é a vida naturalmente, como deve ser e será futuramente na escola.

Os homens hão de chegar ao ponto de reconhecer que, empregados ou funccionarios publicos, é perder as possibilidades de ser alguem, e abdicar a propria personalidade.

Imaginem uma creatura fadada a ganhar sempre os mesmos vencimentos, fadada a fazer sempre o mesmo : da casa á repartição e da repartição á casa; ganhando e comendo, para tornar a ganhar o mesmo e gastar homeopathicamente, dia a dia.

Forçosamente alguma cousa precisa ser feita para melhorar, quando não endireitar, este estado de cousas. A chave deste problema, como eu a imagino, é a escola profissional, que, na preparação do moço, não deve vizar essa ou aquella profissão, deve fazel-o operar como operava o pae de familia. Os moços devem ser educados no trabalho para o trabalho, de modo que, sem serem especializados, nesta ou daquella arte, se possam adaptar a todas. Os exercicios são como as portas abertas para toda e qualquer profissão; e, fundamentalmente, servem para a cultura geral, baseando-se os conhecimentos nas inferencias technicas.

Provas

Ha tempos, um amigo, homem de seus 40 annos, esteve fortemente neurasthenico. Phosphato, ferro, clima, banhos, etc., nada adeantava ao enfermo. Lembrou-se, emfim, de consultar o dr. Stapler. Este, após te-lo examinado, bondosamente, perguntou-lhe :

—Qual é a sua profissão?

—Funccionario publico, dr.

—Olhe, o sr. tem um jardim, ou quintal?

—Sim, tenho um quintal.

—Pois compre uma enxada, faça buracos, plante arvores, semeie, colha flores, vá e volte a pé ao trabalho, que, com uma camisa que sue por dia, lá se irão os males.

E assim foi: trabalhou, suou, cansou-se e os nervos se restabeleceram.

Quanta razão tinha Ramalho Ortigão, quando dizia : Qual cognoscivel, nem pena cognoscivel, creado e increado! Fonham-lhe um sacho á mão, que, com a segunda camisa que suar, lá se vão os problemas transcendentes!

O trabalho manual na Escola fa-la um como grande laboratorio de homens.

Entendemos que educar é preparar para o trabalho pelo trabalho, e, desse modo, ao apresentarmos as series educativas, temos unicamente em vista as condições do trabalho no passado, afim de facilita-las no presente, garantindo a sua perfeita execução no futuro, isto é, educar para construir, e não construir para educar.

A natureza do alumno, o seu caracter, a sua alma, a sua individualidade emfim, tudo é estudado, variando por isso o nosso programma de individuo para individuo, visando, como dissemos, o lar seguro e feliz.

A adaptação á autoridade do mestre (o pae); o amor aos seus semelhantes; o respeito pelo bem da collectividade, tudo o irá levando ao altruismo, ao desapego e ao desprendimento, para a organisação da familia e o bem da sociedade, o que só se consegue educando a expressão propria e a expressão dos instinctos.

O trabalho manual é o centro da vida escolar e todas as demais disciplinas lhe gravitam em torno.

Aqui, em nossa escola, ainda estamos experimentando modificar a vida social do alumno pela vida escolar, o que dá ao nosso problema uma vasta importancia philosophica.

Na educação do espirito e do corpo, pelo exercicio manual e intellectual, combinados, este apoiado naquelle, procuramos fazer na escola a evolução do proprio ser, a nova educação, que é o centro da futura democracia.

Hesitação dos moços

Os moços da nossa sociedade, de origem brasileira, ao sahirem dos grupos escolares, ficam attonitos; não sabem que rumo tomar.

Aos bordos, vão, dia aqui, dia alli, por esta costa d'Africa da vida, como disse um poeta, sem adaptação, experimentando um caminho hoje, para deixal-o amanhã, até serem surprehendidos com a chamada á vida das responsabilidades.

Quanto aos filhos dos estrangeiros, o caso muda de figura, devido á educação de que os paes são portadores — a educação utilitaria.

Synthetisada no adagio "quem tem officio tem beneficio", os paes, assim que os rapazes saem dos grupos, dão-lhes logo o mestre de officina, o patrão. E, aos poucos, vagarosamente, mas sempre subindo de salario, chegam a ser officiaes do officio, contra-mestres, patrões, industriaes, senhores cavalheiros, commendadores, apalacetados e ricos, emquanto o seu collega de escola, o moço brasileiro, vegeta e soffre as consequencias da má orientação na vida.

Grande numero de homens tendem ao celibato porque não têm a coragem de sustentar familia, sentem-se incapazes de ganhar dinheiro.

Quasi todo operario é casado, porque o operario não tem medo; sabe que em toda a parte onde chegar elle poderá trocar sua habilidade profissional por dinheiro. Repito a phrase de Carlyle, porque ella exprime uma verdade: "Si sabes usar ferramentas, vales tudo; si não sabes usar ferramentas, não vales nada".

Isto é uma pura verdade.

Si se mudasse a ordem social das cousas repentinamente, nós de profissões liberaes, ficariamos como ficaram aquelles nobres russos, a ponto de serem varredores de ruas. Os maiceneiros, os carpinteiros, os mechanicos, os pintores — esses haviam de rir-se de nós porque o seu trabalho é a linguagem universal e lhes assegura collocação em qualquer parte onde se encontrem.

O japonez cose de traz para deante, escreve da direita para a esquerda, pinta de baixo para cima, não pronuncia uma palavra de portuguez, mas ganha 10$000 por dia. Nós — se nos transportassemos para o Japão, morreriamos de fome.

A nossa instrucção não nos prepara para a vida como ella é actualmente, mas sim como era ha um seculo atraz. Em geral, entre nós, cuida-se apenas de abarrotar o cerebro de conhecimentos que não têm applicação pratica; trata-se sómente de empasinar o cerebro como si essa fôsse a nossa missão. Longe disso, porém, a nossa missão é educar, é formar o caracter e a instrucção é um meio de que nos servimos para attingir esse fim.

No Interior

Ainda aqui, em São Paulo, ou mesmo em Santos, a falta de educação profissional, a ausencia da escola technica, não se faz sentir tão prementemente como no interior do Estado.

E' uma lastima!

Quem de nós não conhece uma cidade do interior?

Os moços, ao sahirem dos grupos escolares procuram collocação no commercio da aldeia; não acham, porque, dizem os negociantes, "eu mesmo faço os meus embrulhos".

As estações de estrada de ferro, se ha, andam repletas de praticantes de telegraphista, a 30$000; na camara, ha gente effectiva, addida e supplementar, o que já levou alguem a dizer que os fiscaes são feitos para recolher a renda e esta para pagar os fiscaes.

For fim, vivem os moços ao léo, aqui e alli, aprendendo vicios, dormindo demais, ou, o que é communissimo, empregando-se em occupações humilissimas, que mal dão para comer.

Se os moços brasileiros não ser bacharis, é porque não têm outro caminho para o emprego da sua actividade; e, até nisso, dão provas das bôas qualidades da nossa gente, pois, em vez de se fazerem vadios ou batoteiros, vão em busca de um diploma, poritivamente bem mais difficil de conquistar que, em 3 annos, ou menos, ser um bom operario mechanico ou marcineiro.

A culpa é da nossa organisação social, da falta de utilitarismo do systema de educação que lhes não dão escolas profissionaes, simples mas largamente espalhadas, para a derivação da sua actividade.

A culpa é do nosso systema de educação, eivada de vicios e preconceitos, que pensa cuidar do espirito, quando sómente sobrecarrega a memoria de falsas noções e indigestas theorias, podendo-se aqui applicar o preceito de hygiene — não é a quantidade que se absorve que faz bem e nos fortalece, mas o pouco que se digere.

Educando a mão, encaminhando desde os primeiros annos o homem para o trabalho, se chega a esta profunda verdade: Deus, condemnando o homem ao trabalho, para regeneração do seu crime, foi Pae amantissimo, pois a natureza humana isso exige para a propria conservação da especie.

Desde o electron até o Universo, em tudo, as leis do trabalho imperam e salutarmente cooperam para a eterna evolução, para o eterno aperfeiçoamento, para o Bem Ultimo.

O caracter

Dois effeitos immediatos acarreta este systema de educação—o desenvolvimento das faculdades, ou aptidões e a formação do caracter.

Estas vantagens são de todo indiscutiveis, pois o moço, que não tem bôa occupação, busca e encontra a má.

Queixam-se os paes, muitas vezes, que os filhos, aos 14 e 15 annos, já não se importam com os livros, procuram sensações fortes, fumam, e, aos poucos, decaem na saude e na moral. Ora, cansando sufficientemente o corpo, com um trabalho util, o moço fatalmente tem um somno reparador, levanta-se mais bem disposto e a sua natureza se torna mais forte.

Quanto á moral, então, o campo e os resultados são vastissimos.

O moço que começa uma construcção, pensa, delibera, raciocina e conclue.

Esta gymnastica dá um resultado moral elevado, porque, como bem tendes visto, onde mais elevado e diffundido é o trabalho, mais alta é a moralidade e mais dignas as normas de vida.

O optimismo

Por que não nos convencemos de que a escola acrysola as almas?

E' ahi que se molda o caracter, porque, além do exemplo do mestre, de sua acção e da tendencia do joven em imita-lo tudo exerce acção educativa no periodo de maior plasticidade humana, em que se modela o caracter da criança e se solidificam as impressões recebidas.

Nessa época, a escola e o mestre devem ser fundamentalmente optimistas.

O mestre não póde e não deve, de modo algum, lançar na alma em formação do joven a má semente da descrença, da duvida, da critica mordaz contra os credos e as tendencias christãs que elle traz do lar.

Essas crianças são um thesouro formidavel de fé e de esperança; ellas são a centelha do Bem que brilha n'alma, que o ha de guiar na vida, na pratica de caridade, no reepeito de tudo quanto é nobre.

Mata-lar, é lançar o fogo do exterminio ás idéas generosas; é tornar arido, pela descrença e pela duvida, um coração repleto de bondade, um coração votado á Esperança.

Amordacemos as nossas descrenças; afivelemos a mascara da alegria, do valor, da esperança, da fé e do optimismo, para que o joven tenha animo, tenha coragem, tenha esperança e confiança no futuro e no seu valor pessoal.

Para que destruir essa enorme riqueza, que nós não seremos capazes de dar! E que valor tem o optimismo! Que póder extraordinario dá a fé!

Quem se apoia na esperança sincera, agrada, conquista e vence.

Abri caminho! E' um livro que recommendo aos que, como eu, mourejam nesta seára do ensino; aos paes e a todos que perderam o optimismo; aos que não tem fé.

Nelle o seu autor, Orice Sweet Marden, cujas obras servem de livros de leitura no Japão, que, em um anno, tirou 28.000 exemplares só desta, nos mostra o sucesso dos grandes vencedores na lucta pela vida em sua Patria, que tomei para exemplo por não querer ferir susceptibilidades.

Todos, sem excepção, partiram dos postos mais humildes, das maiores privações e attingiram as maximas posições e o mais alto corceito social.

Rockfeller, de operario diarista a archi-millionario, grande bemfeitor da humanidade; Morgan, o operario pauperimo, o ricaço, o doador de fortunas; Edison, vendedor de jornaes, sabio, nababo, senhor potente da electricidade; Armour, que atravessou o deserto americano a pé, com um sacco ás costas, operario, grande industrial, multimillionario.

Não tenho menos autor para a prova que Abraham Lincoln, o sociologo, que se viu pastor de ovelhas, criado, operario, estudante, advogado, jornalista, conselheiro de Estado e presidente da Republica Americana.

Grupo Escolar «Moreira Brandão», Jaguary

Por aqui se vê que não ha prover sem provar: todos subiram, enriqueceram, mas foi com o trabalho e pel escola da adversidade.

Voltemos a pagina; pensemos aqui mesmo em nosso meio.

Olhemos para estes palacios, são de grandes industriaes; olhemos estes bellos parques, automoveis, casas de praia, tudo, ou quasi tudo, é dos que partiram das posições humildes, é dos que com fé e trabalho conseguiram vencer e se impôr.

A sorte, a fortuna. a prosperidade, a dita, a riqueza, o talento, a virtude, o poder, a fama, o exito, todas essas forças positivas do homem não estão, como creem muitos, fóra dos limites da possibilidade de qualquer um.

A questão é applicarmos firmemente os meios para despertal-as ou adquiril-as.

Sem esse exercicio, que o optimismo cria e anima, o homem é empolgado pela duvida, e surge, então, o desalento, o pessimismo, a vacilação, a timidez, a tibiez, o acanhamento e a descrença, forças negativas, que fazem mais victimas que todas as prepotencias, como disse E. Root, como causa do fracasso dos homens.

Um meu amigo, joven muito talentoso, cujos olhos mostram o vigor, a tempera de aço de sua alma, deu, á minha vista, certa vez, uma lição de optimismo:

—Seu Cyro, isto é «jettatura»!

—Seu fulano, não diga esta palavra! Só pronuncia-la, é nos indispôr, é desalentar-nos.

—O sr. tem razão; nem mais hei de pronuncia-la, disse o Fulano.

E assim foi: Insistiu, trabalhou, luctou, e, finalmente, venceu-se, foi procurar o bom Cyro de Freitas Valle, para dizer-lhe:

O sr. tinha razão, o que eu julgava «jettatura» era simplesmente falta de vigor e impropriedade de meios por mim empregados.

A proposito da orientação optimista dos nossos jovens, cabe-me relatar, porque a «humanidade é sempre a mesma», que, em geral, os moços se encontram nas mesmas condições em que me encontrei aos 20 annos.

Frei Sylverio foi um espirito superior — Elle exerceu na formação do seu caracter preponderancia tal que jamais o tempo apagou.

Jámais apagou, e não apagará, porque, quanto mais os annos distanciam os factos, mais elle cresce em meu espirito: «os heróes, ao contrario das estatuas, crescem quanto mais delles nos affastamos»! Carlyle.

Alli, no velho convento dos Franciscanos foi onde o conheci.

Orçava elle então pelos 60 seculos, seculos são os annos dos que olham a vida como um degredo; eu contava 20 estroinices, cada anno do joven é uma e troinice continua.

Na Escola Normal de então, talvez hoje ainda em muitas, era chic, era «smart», ser-se moderno. Os professores não perdiam occasião de fazer propaganda de seus credos. Nós, jovens, sem maturidade de espirito, eramos como garrafas vasias, promptas a serem cheias de qualquer liquido, fosse ou não bôa a doutrina: uns, sectarios de A. Comte, com o prof. X., de mathematica; outros, positivistas, com F., ou materialistas, com B., mas, emfim, grupos de sectarios, praticantes e não praticantes, doutrinando, demolindo tudo na ancia de nos mostrarmos «chics», todos empenhados em atacar principalmente a Jesus, victima escolhida pelas reticencias dos tolerantes positivistas, excluido sempre das conclusões scientificas dos materialistas.

Augusto Comte, philosophia primeira; systematização da sciencia; Buchner, força e materia; Heckel, Sciencia e Religião; tudo foi material que devoramos, tudo foi lido de um jacto, sofregadamente, indigestamente.

Que desejos tinha eu então de polemicar. Era o fructo daquelle ensino, do pseudo ensino leigo; era a consequencia da inobservancia da neutralidade dos cultos, que queria significar: tudo permittido, menos que nos falleis de Deus.

Foi nesse periodo que conheci a Frei Sylverio casualmente.

No Largo da Liberdade, inaugurava-se a casa do velho Commendador Faria e elle foi abençôa-la.

Lá estive, de lá acompanhei-o ao convento.

Conversámos.

Elle me ouviu bondosamente. Deixou que se me extravasasse aquella corrente de factos concretos, axiomas, leis, etc., e, por fim, num gesto paternal, perguntou-me: conheces a moral christã?

—Não.

E' isso: ainda nada conheces, nada sabes, e já tens o espirito repleto de doutrinas mentirosas, de cousas inuteis.

E lá foi, cabeça baixa, vagarosamente...

Não voltei sinão dahi a muitos dias.

Entrei. O velho portão de páu pintado de azul, com uma enorme taranella de ferro, corroida pelo tempo e desengonçada, estava apenas cerrado.

Frei Sylverio, sentado no topo da escada, que dava para o jadim, fez-me signal para que eu me sentasse perto delle, o que fiz, uns dois degraus abaixo.

Remendava. A linha e a agulha não estavam dispostas, naquelle dia, a segurar os pedaços de panno: embaraçavam-se. Elle, pachorrentamente, esticava o fio, encolhia a manga, e sorria.

Alli, calmamente, expoz doutrinas philosophicas: comparou, deduziu, esmiuçou, com rigor de analysta, mostrando-me, superiormente, como tudo é falho, desde as leis physicas, que o radio contraria, até a classificação de illogica, por Stuart Mill, á doutrina positivista, passando pelas mentiras de Heckel, e contestações de Virchow.

Quiz fallar-lhe; mas, talvez por timidez, talvez, porque o seu exemplo e a sua austeridade m'o impedissem, eu não enunciava o fim que me levava.

Em frente a nós, num canteiro de malvas, dois tico-ticos rinhavam: affastavam-se aos pulinhos, azas cahidas, rabo em leque.

Erguiam-se num pequeno pulo-vôo e chocavam-se no ar, peito a peito, garra a garra, para cahirem depois, mudos, cansadinhos.

O frade levantou-se. Foi até um canteiro e concertou uma roseira. Os seus movimentos espantaram os brigões, que fugiram para um arbusto.

Levantei-me tambem para pegar o meu chapéo, que ficára sobre o beiral do poço.

Voltei-me: ia despedir-me, quando, um dos tico-ticos, descendo da arvore, pousou sobre a costura do frade e, estou-

vadamente, empurrou o novello de linha, que rolou pela escada; preso como estava á costura, deixou um fio longo, e foi cahir numa poça d'agua.

Frei Sylverio abaixou-se, pegou o novello, e, limpando-o na manga, disse: Vossos mestres, joven, são como os passaros; desmancham-nos a costura e pouco se importam com o destino do novello. E atalhou: A culpa é de quem deixa o novello e a costura no chão...

Esse facto foi concludente. Procurei estudar e comparar as varias doutrinas de que me tinham enfartado e me deixaram sceptico.

Cortei-as; expurguei o que me não convinha; e, aos poucos, cheguei a raciocinar por mim e a ver o mal que me tinham feito com a duvida e o scepticismo lançado em meu espirito.

Era um velho aos 20 annos!

Que se deve fazer do moço

Penso que, se a questão fosse tão sómente fazer o operario, ou dar-lhe a memoria da execução de uns tantos trabalhos ou exercicios, para atira-lo depois á fogueira das fabricas e uzina, como quem ateia lenha ou outro qualquer material de somenos valor, talvez eu concordasse; si ao Estado coubesse esta ridicula missão de predestinar os moços para este ou aquelle officio, eu diria ser melhor que tal tarefa coubesse ás fabricas e officinas, porque, além de nos evitar a vergonha dessa missão ingloria, nada nos custaria tal serviço: as escolas profissionaes não teriam razão de ser.

Sou contrario á especialização. Acho que a educação profissional deve dar habitos de trabalho. Excercitar a intelligencia por meio de qualquer arte, para a qual o alumno tenha pendor, dando-lhe, pelos melhores processos de economia do tempo e do bom emprego da sua actividade, uma noção exacta da elaboração geral por que passa a materia prima dessa arte.

Isso, que não é o fim, é o meio de que nos devemos servir para a completa educação do moço, educação essa que não fará automatos, mas que, ao revez, preparará seres aptos, dignos, fortes, moralizados e capazes de modificar as condições de vida em que tenham nascido e fundar ou abrir novas éras de prosperidade para si e para a sociedade.

A especialização, que é o determinismo industrial, ou antes, o captiveiro do homem á fabrica, á industria, acarreta legiões de desesperados, que, tantalicamente, aspiram subir, aspiram viver e attingir ás altas posições sociaes e conquistar para si e para a sua familia os gosos dos bem aquinhoados, mas que se sentem amarrados pela impreparação, pelo «só servimos para isto», como dizem, desanimados e olhando raivosos para o ramerrão de todos os dias.

Disso surgem as blasphemias, as revoltas e os governos demagogicos, de que as Russias são o triste exemplo.

A orientação que o alumno deve praticar na« varias officinas onde a materia prima de sua arte soffre elaborações, e, mais ainda a pratica que elle obtem nessas modalidades de fórma por que passa o objecto, em construcção, é a garantia segura contra a mechanização das profissões manuaes, que, dia a dia, mais se impõe no «labor saving», dispensando a cooperação do homem, ou a participação do operario.

Ha pouco tempo tive occasião de ver uma machina americana para copiar estatuas. Munida de um dispositivo especial, especie de pantographo, onde, collocado o modelo, se marcam os principaes pontos, como se usa em esculptura, em outro local da mesma machina, collocado um bloco de marmore, ou madeira, e posto em movimento o apparelho, reproduz, em alguns minutos uma estatua tão perfeita quão o modelo, cujo valor de mão de obra é nullo.

Assim, em nosso mercado, por preços infimos, podemos adquirir objectos de arte—até com a firma de esculptores de nomeada sem mais trabalho que collocar e tirar blocos de pedra.

Já me não refiro ás machinas de entalhar, tão em uso nos Estados Unidos, como diz H. Buyser; ás machinas de compôr, linotypos, que causaram entre nós tanta miseria, com a dispensa, em pouco tempo, de milhares de compositores; ás prensas, que baniram, em massas, os funileiros; ás machinas para a preparação da madeira e suas affins para o ferro, onde o operario se limita a entregar a materia prima e a recebe-la elaborada.

Essa foi a razão primordial que nos levou a adoptar o systema de educação technica-integral, porque, além da vantagem que tem o moço egresso de se aperfeiçoar em qualquer ramo de sua arte, e, em caso de necessidade, deslocar-se, sem grande esforço, de um para outro ramo de sua profissão, onde a sua adaptação está assegurada, favorece a cultura e o desenvolvimento do espirito.

Preparar o operario, para que seja o melhor operario, preparar um nucleo forte de bons trabalhadores, que sejam os detentores das boas normas do trabalho e da technica perfeita, é pelo menos agora, uma campanha justificada e louvavel.

Quando o Brasil, particularmente o Estado de S. Paulo, chegar ao desenvolvimento dos velhos paizes, e mesmo de alguns novos, que têm excesso de população, onde se justifica a especialização, pela tacta de produzir muito, embora se transforme o homem em animal de carga, ainda nessa época, a acção defensora da Escola Profissional, terá sempre influencia energica na direcção geral das industrias e no bem estar das classes laboriosas.

Todavia, se não bastassem essas razões, avultaria ainda o habito de trabalho, as energias despertadas e o sentimento de confiança propria, de tenacidade e ambição de ascender, que mostram os apprendizes, para testemunhar o valor e a opportunidade desse systema de educação popular, que, segundo o nosso exemplo, foi adoptado no Rio de Janeiro pela reforma Sodré e tem dado os melhores resultados.

Temos observado a esse respeito, que o alumno, uma vez adquirida a pratica sufficiente para interpretar o desenho e represental-o com alguns conhecimentos dos calculos para a abertura de roscas, abandona a escola, e, em pouco tempo, attinge elevados salarios, tornando-se operario completo.

A formação do «homem medio», da classe produz, e exige a cultura do espirito e a habilitação para o trabalho. Essa deve ser a missão do Estado.

Novo rumo

Hoje, que um novo surto de esplendor e grandeza de processos empolga o professor; que o ensino verbalista cedeu logar ao ensino-experiencia; que os alumnos como que redescobrem as leis physicas e inferem, pelo proprio esforço deduzido e tirando ilações; emfim, quando o alumno é actor e não auditor, não é mais cabivel ás escolas profissionaes darem para guias da mocidade trabalhadora esses mestres vindos das mais baixas camadas sociaes, pensando e agindo sem ideaes, exercendo um pernicioso exemplo, desviando os moços e os contaminando com os males de que são portadores.

Si a missão das escolas profissionaes é isto; si ellas tem por objectivo a formação de homens machinas, melhor será dar as fabricas e officinas uma subvenção para que admittam um certo numero de menores, e façam do filho do ferreiro um ferreiro, do filho do planista outro planista, da filha da costureira uma costureira, novo eito de escravos dessa gleba disfarçada que é a industria entre nós.

Não; ella tem de educar pelo trabalho, para o trabalho, despertando no espirito dos moços os nobres ideaes da propria perfeição, o desejo, a ancia de subir, de attingir a todas as posições, por mais elevadas que sejam, embora não os attinjam nunca, mas caminhando de degrão em degrão na escala da propria evolução, evitando a paralysação morna e estagnada da mediocridade, dos que se limitam ás accommodações invariaveis.

Ter idéas proprias é ser alguem, é ser homem, é ser original.

(Inginieros).

Pensar com o proprio cerebro, agir de accôrdo com a propria individualidade, é erguer-se, é dar um cunho proprio e fóra da commum á sociedade e á Patria, que vale pela qualidade de seus filhos.

Se valesse a quantidade de «Jecas», qual seria a nossa posição no continente americano! Mas, em verdade, só os que têm idéas, só os que aspiram ascender, essa meia duzia dos que pensam, é que arrasta e levanta a massa dos que pensam e sentem com o cerebro e os nervos alheios.

Essa é a razão do operario-cerebro ao invés do operario-machina.

Não ha nada de illogico no que acabamos de affirmar; mas, sendo a escola o reflexo do meio em que existe, não podemos, de um momento para outro, romper com o equilibrio

estabelecido, e, por isso, a nossa acção é algo morosa, mal profundameute remodeladora.

Nossa tarefa na reparação do «homem médio», que não é synonimo de mediocridade, tem de ser energica, mas ponderada e gradativamente remodeladora.

Essa é a acção que mantemos ha dez annos, embora combatidos por todos os modos, como é natural, numa sociedade, que, infelizmente, fórma este o conceito geral sobre o operario: «o homem que deve trabalhar braçalmente, e que, para isso, não precisa saber lêr nem escrever».

Se em nosso meio, ainda predomina a mediocridade industrial, profissional e burocratica, como querer que essa camada, que sempre se oppoz, pela força atavica da conservação do passado, accommodaticia e oppressora ás novas idéas e aos surtos imaginativos, que só vê o que passou e antevê o futuro, nos recebesse sem hostilidade?

Disse-me de uma feita um alto funccionario federal:

«Para que exigir dos candidatos ao curso profissional que saibam ler e escrever? Então os analphabetos não pódem ser operarios»?

—Sim, pódem, empiricamente. Mas, esses infelizes serão sempre uns serventes de machinas, incapazes de acompanhar os processos de evolução do trabalho, desconhecendo a economia do material e ficando estacionarios, sem fazer mais nada do que aquillo que apprenderam.

Hoje que, para o simples desdobro de uma prancha, ou de um tóro, ha regras geometricas, que ensinam aproveita-los completamente, sem que nada se perca, vemos, como temos observado em nosso meio em tal serviço, perderem os operarios enorme quantidade de madeira; para a cravação de uma caldeira, sobrarem kilos de rebites; para o enrolamento de um cylindro, perderem larga copia de chapas, encarecendo o trabalho e diminuindo o valor da mão de obra.

Não, absolutamente. Ou novas fórmas são adoptadas na educação do operario, ou, de uma vez para sempre, se fechem as escolas e adopte-se a pratica e, a orientação do «Conseil du Travail», de Paris, que distribue, fiscaliza, orienta e auxilia a diffusão do ensino profissional, pagando as familias dos mestres, que se recommendem pela sua competencia e honestidade, para terem em sua companhia, como filhos, moças e moços, que se destinem ás profissões manuaes.

Ainda mais: pelo projecto de Mr. Villemain, na «Chambre de Commerce», tal ensino, que foi classificado como o *unico meio de progresso e evolução das nações*, é adoptado pelas municipalidades, corporações e syndicatos de trabalho em toda a França, porque esse paiz, tão duramente experimentado pelas vicissitudes da guerra e outros problemas sociaes, que nós ainda não conhecemos, mas que para lá caminhamos rapidamente, accordou e sentiu a verdade emanada das patrioticas palavras de Mr. George Blondel em seu livro «Essor industrial et commercial du peuple allemand».

«Verrons nous le «made in germany» envahir tous les pays du monde?

Cela dependra des moyens que la coucurrance internationale mettre en œuvre pour arrêter cette invasion. Mais en ce qui concerne notre Patrie, nous ne saurions trop répeter que, á l'exemple de ce qui c'est fait ailleurs, il faut changer le point d'honneur et orienter la jeunesse vers les carrières commerciales et industrielles, où elle trouvera de plus en plus consideration et profit.

Le developpement de l'enseignement technique peut contribuer, ici a favoriser, lá a créer un nouvel état d'esprit.

L'Allemagne l'a compris; elle a courageusement unis ses institutions scolaires en harmonie avec les necessités sociales.

Pourquoi, sans la copier servilement, et tout en respectant le génie de notre race, ne nous inspirons pas de ses leçons?»

Não é o caso do Brasil, na America do Sul, onde outras nações visinhas contam, só em suas capitaes, dezenas de cursos profissionaes mechanicos, magnificas escolas de pesca, de apicultura, de artes, cujos productos, como os artefactos para moveis, já nos são exportados?

Na propria Allemanha, como nos diz Van der Coelt os novos methodos de trabalho estão sendo empregados, e a nova educação—sem especializar, ganha terreno dia a dia.

Eu creio que a mechanização das industrias é um facto indiscutivel. Muito breve a mão de obra terá desapparecido; ás machinas caberá a execução integral; e, então, só aquelles que tiverem habitos de trabalho, de inventiva, de adaptação, de tenacidade, de paciencia e confiança propria, que só se adquirem com o systema de educação manual e intellectual harmonicamente feito, serão os vencedores.

A' escola não cabe fazer ferreiros ou carpinteiros. A ella, mercê de Deus, está destinada missão mais alta.

Dissemos; mostramos o que fizemos, e o que ainda temos a fazer, pensando nas estrophes admiraveis de um grande espirito creador:

Vós que hoje colheis, por esses campos largos,
O doce fructo e a flôr,
Acaso esquecereis os asperos e amargos
Tempos do semeador?

.....

O' Paulos do sertão! Que dia e que batalha!
Venceste-la; e podeis
Entre as dobras dormir da secular mortalha.
Vivereis, vivereis...

O trabalho de hoje, como o de hontem, esta lucta, onde o que menos se ganha é a saude, não cessará jamais.

Agora ha de ir e irá sempre em frente, porque ella representa a victoria da razão sobre os velhos preconceitos da escola antiga, que fazia do educando um ser abulico e incapaz.

Trabalhar é ascender para a propria perfeição.

III

O trabalho manual na formação civica dos jovens

Sr. Director Geral da Instrucção Publica.—Sr. Director da Escola Normal.—Meus Senhores.—Minhas collegas

Hontem não tive tempo de lhes dar uma explicação sobre a systematização do trabalho em nossa escola; hoje, rapidamente, pretendo faze-lo.

Temos (mostrando) a Escola Profissional dividida em 3 grupos technicos ou tres series: a serie metal, a serie madeira e a serie tinta.

Na serie metal, no 1º anno, o alumno faz seis mezes de Slöjd. Não é o Slöjd puramente educativo: eu o denominei Slöjd paulista porque participa do Slöjd social e tem alguma finalidade industrial, de maneira que elle parte daquelle primeiro trabalho que lá está (mostrando)—curvatura a frio, depois enrolamento a quente, seguem-se as punções e varias ferramentas do officio, em ordem gradativa de difficuldades.

Essas ferramentas, no fim do curso, a Escola offerece ao alumno como premio, e para facilitar mais tarde o seu ingresso na pequena industria.

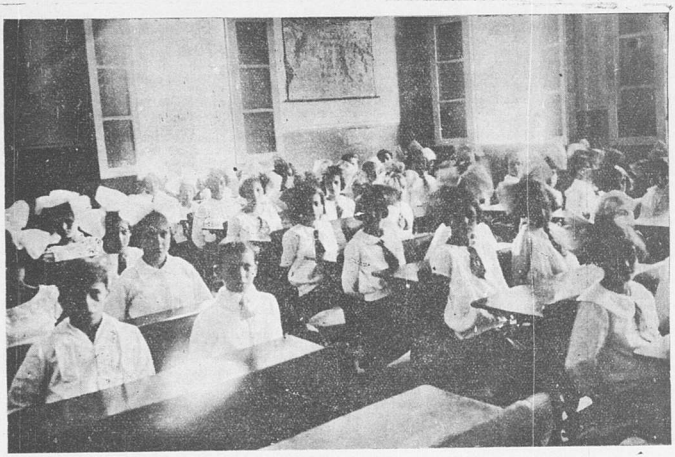
Com isso elle inicia o trabalho nas series adeantadas; e, se por acaso sáe da Escola antes do cyclo educacional, essas mesmas ferramentas lhe facilitam a collocação em qualquer officina mechanica e lhe garantem immediatamente um salario mais ou menos compensador.

Passa o alumno da serie fria para a fundição—moldagem sem machos ou, simplesmente, estampa; depois passa para trabalhos em que se collocam machos, trabalhos simples, mas que lhe dêm uma noção, afim de que se habilite a, em qualquer occasião, concertar uma ferramenta que tenha uma peça fundida; e se mais tarde quizer seguir a industria, no ramo de fundição, já tem a adaptação garantida, porque, em sua preparação technica, possue já elementos basicos que asseguram sua estabilidade profissional.

O que ha de mais interessante é que o material todo é mineiro: é ferro da Usina Esperança que gastamos em S. Paulo. E' um material esplendido. Preferimo-lo ao material inglês, que hoje regula custar um «dinheirão», e, com a technica moderna, em nada lhe é inferior.

O material mineiro, se bem que seja ainda bastante caro, nos facilita o trabalho e tem a vantagem de ser nosso.

Terminado o 1º anno, já os alumnos estão aptos para ganhar a vida, sendo então providos para a serie propriamente profissional: Fazem em um anno, esse ferramental todo que vêm aqui (mostrando): partem da regua, depois, juntando 2



Grupo Escolar «Affonso Penna» — Aula de geographia

reguas, formam o esquadro, depois o compasso de ponta e vão subindo numa seriação technica de difficuldades, passando pela ajustagem de angulos, triangulos, reintrancias, chavetas, conjunctamente com os exercicios de tornos, até attingirem ás construcções de maior vulto e ferramentas elaboradas como nas industrias mechanicas.

Como não temos machinas que dêm para todos os alumnos, dividimo-los por turmas: 30 alumnos vão para as bancadas, 30 para os tornos; no fim do mez todos os dos tornos passam para as bancadas, todos das bancadas para os tornos.

Assim, ao cabo de tres annos, formamos, como temos verificado, e é veridico, formamos um moço que ganhe, no minimo 6$00 por dia; muitos 8$000, e até 10$00, sendo communissimos salarios de 12$000 e 15$000 diarios.

A serie metal, como todas as demais series technicas, ou cursos, é baseada no estudo do desenho prosissional, modelagem, mathematica, portuguêz, physica e chimica — o que constitue a parte theorica propriamente dita.

No estudo de chimica nós introduzimos uma pequena variação: damos a cada alumno um laboratorio, e, nesse laboratorio, tudo o que é necessario para que o alumno estude o que ha de fundamental na Chimica. Levamo-lo desde logo a fazer reações, e depois de um curso seleccionado, fazemos a applicação da chimica nas operações mais comesinhas da profissão: substancias para caldear, extracção de oleos, exames de agua, etc., até á chimica industrial: sabonetes, sapoleos, pastas para dentes, graxas, oleos, velas — tudo isso feito sem preoccupação de faze-los fabricantes dessas cousas, mas com o fito de mostrar-lhes o que ha de interessante no campo da chimica experimental, para criar-lhes habitos de analyse e de observação.

Essa orientação, seguida no curso de chimica, adoptamo-la tambem no de esculptura, visando os mesmos fins educativos. E o interessante é que, no fim do curso, ha alumnos que, sendo mechanicos ou marceneiros, são habilissimos esculptores. Muitos, antes de deixarem a Escola, já trabalham como esculptores nas fabricas de estatuas e nas obras publicas.

Quanto á serie madeira, hontem já vos dei explicações do Slöjd applicado. Nós seguimos os exercicios fundamentaes adoptados pelos Congressos de Trabalho; fazemos estudos de de torno, passando desde as peças simples ás combinações destes 12 exercicios (mostrando), formando-se logo trabalhos utilitarios, que vendemos e que nos dão enorme renda, participando o alumno dos lucros escolares.

Todos os alumnos têm uma caderneta na qual creditamos suas rendas. Ha alguns que no fim do anno recebem.... 30$000; outros 20$000: outros 15$000, além do ganho mensal, que lhes paga o Estado.

Com esse dinheiro, instituimos o imposto social. Todo alumno paga esse imposto; e, com essa renda, mantemos o gabinete dentario, o curso de chimica, a inspecção medica, distribuimos premios, merendas, roupas e até viagens áquelles que ficam doentes. Alguns que ficaram tuberculosos — uns 2 casos — mandamo-los para Campos do Jordão com a renda da nossa instituição escolar facilitando-lhes passagens, medicamentos e medico.

Isso é o que os americanos chamam "Republica Escolar".

O Presidente da Republica, o Secretario do Interior, o Secretario das Finanças, o Secretario da Justiça, o Chefe de Policia, todos são alumnos que exercem suas funcções sem interferencia do Director: fazem eleições; administram a Caixa Escolar, ajudam a disciplina e não me dão trabalho algum com punições e castigos.

A serie "tinta", o curso de decoração, faz parte do 2º e 3º anno. No 1º anno é o desenho commum, ou desenho do natural, com applicações simples.

O nosso professor, aliás um artista distincto, emprega o processo natural, no 1º anno, quasi em absoluto.

Assim que o alumno aprende e tem a vista educada para a certeza dos traços, para a leitura da forma, começa a executar trabalhos nas paredes: decorações proprias para casas de familia, para egrejas, para o commercio e a industria — lettreiros, cartazes, etc.

BIBLIOTECA
ARQUIVO PUBLICO MINEIRO

Permittimos que o alumno execute o que quizer, mas temos padrões e modelos pelos quaes se guiam, reservando-se o mestre para a critica dos trabalhos e correcções precisas.

No 2º anno, o alumno executa barras, vitraes, fingimentos de marmore, de madeira, decorações para casa de familia, para salões de musica. Aproveitamos a pintura, principalmente, para a decoração da Escola. Temos as paredes todas com quadros allegoricos do Brasil: Scenas das nossas cousas e de todos os Estados do Brasil — Bahia, Pernambuco, Ceará, Rio de Janeiro, Minas Geraes — estão representados, e, sob cada quadro, escrevemos o valor do Estado respectivo, confrontando-o com paizes extrangeiros: a população, bellezas naturaes, o que produz o Estado, o que rende, seus grandes homens, suas principaes cidades, etc. Ora, a uma scena das mais bonitas, das mais vistosas da Capital de um Estado, o alumno que a admira, que a vê, que a contempla, não póde deixar de admirar e reter, reconhecendo o valor do mesmo Estado e é levado naturalmente ao seguinte raciocinio: "naturalmente, este Estado é grande, é forte, é rico e é Brasil..."

Um outro, que vê, nas scenas de Minas Geraes, trabalhando os garimpeiros na extracção dos diamantes; que vê as fundições de ferro, ou as grandes scenas civicas — a morte de Tiradentes, a prisão de Felippe dos Santos; — que admira a vastidão do Amazonas, a riqueza do Rio Grande do Sul, as bellezas do Rio; a grandeza, a riqueza e o civismo de S. Paulo, acaba convencido porque a verdade lhe entrou pelos olhos — de que o Brasil é realmente grande, é poderoso, e tem então orgulho em dizer: "sou brasileiro!"

Essa missão de assimilação, que exercemos na escola, tem por fim captar o amôr dos 70 % de filhos de estrangeiros, que queremos incorporar ao nosso meio, aprimorando mais ainda os sentimentos civicos dos jovens brasileiros.

Vou restringir um pouco a minha explicação, porque, do contrario, eu vos tomaria muito tempo, e urge fallar-vos do "Trabalho manual na formação civica dos jovens".

O trabalho manual na formação civica dos jovens

Já se disse que a questão social, é um problema de educação. Mas de que educação é a questão formal.

Se educar fôra sómente dar ás pessas uma multidão de regras e conceitos; se fôra infundir nos jovens, essa falsa noção de sciencias para exame, ou decorar pontos para entrar no funccionalismo, crasso erro seria a premissa de Demolins, e não verdade clara, diaphana e insophismauel.

Infelizmente entre nós o systema de instrucção publica não tem finalidade utilitaria e pratica. A escola, em geral, nos prepara para o seculo passado, porque desde os mais comesinhos ensinamentos, anda divorciada da vida actual e das necessidades dos jovens na lucta pela existencia.

Ella não se amoldou ainda ás necessidades sociaes, nem ás dos jovens para o trabalho; e é por isso que a maioria dos moços acode presurosamente para os empregos publicos, porque nessa occupação não ha mister iniciativa, esforço, tenacidade e lucta. E' o regimen da accommodação invariavel, do accesso pelo tempo e da protecção. Esse regimen, que faz a burocracia, não forma o caracter, não cria vida, não exporta, não forma industria, não conquista e não domina.

"Entre a actual condição do mundo e a antiga, a separação é de caracter vertical". Por isso a escola tende a transformar-se, empregando novos methodos e novos processos, para collocar a infancia e o joven em seu verdadeiro meio e de accôrdo com as necessidades actuaes da vida,

Quem de nós ainda não constatou esse facto: Para qualquer concurso de collaborador de repartição publica, acodem centenas de moços, cada qual mais protegido e recommendado; para as vagas de carteiros, chovem ás centenas os pretendentes, rapazes fortes e intelligentes; mesmo, na policia e na guarda civil, principalmente no Rio, o numero de vagas não dá para os milhares de rapazes brasileiros, que, falhos de ambição, preferem marcar passo nas fileiras, estipendiados pelo Estado, á vida de aventura. E, o que è peior, certos todos de que viverão e acabarão com ordenados mesquinhos, que mal bastam para matar a fome: e muitos sabem que as repartições postaes, entre nós, são fócos de diffusão da tuberculose...

A causa disso é que a educação que lhes foi ministrada não lhes deu o habito de trabalho, a confiança propria e a certeza de se manterem por si mesmos. A causa disso é essa educação morna, estaganada, que não cria o habito de o joven se bastar a si mesmo, que confia e espera do Estado e da influencia dos amigos — a troco do voto, da dignidade e da propria liberdade — a protecção e o amparo, que elle devia envergonhar-se de pedir e muito mais de recebe-la. Precisamos criar o espirito de aventura, de lucta. Que os nossos jovens amem Robinson e apprendam na escola a bastar-se a si mesmos, como o personagem de Daniel Fôe, na ilha escola.

A' escola cabe o papel de formar o caracter dos moços, cabe formar-lhes uma nova alma civica, cheia de ambição, de gloria, de força e convicta de sua superioridade.

Como educar nossos filhos

Dizer como entendemos a Escola, e como fazemos, é a nossa missão, que, embora não traga novidades, tem a sinceridade de uma observação acurada e é em synthese o historico da Escola Profissional Masculina de S. Paulo.

"Na Escola, não procuramos fazer o muito nem o bonito, mas o util, satisfazendo assim as exigencias imperiosas da existencia. Fazemos como fazem os paes de familia que têm necessidade de que os filhos maiores os ajudem na confecção do que lhes é preciso para a manutenção da propria familia e para a satisfacção do lar feliz, de modo que os seus irmãozinhos encontrem uma athmosphera de carinho e conforto. O trabalho manual ministrado como fazemos, não é materia isolada, que ajustamos ás disciplinas correlatas: é a base mesma de todo o desenvolvimento physico e intellectual, harmoniosamente". O alumno deve ser activo, e, para o desenvolvimento dessa actividade, não devemos aqui modificar os objectivos do Slöjd. Faz-se preciso não cansar o alumno, nem dar-lhe systemas rigidos, de preconcebida execução, todos os annos, sem variação; ao contrario, cumpre observar o gosto, as tendencias e o interesse, de maneira que elle execute o que quizer, dentro, porém, das linhas geraes dessa orientação. O alumno que deseja a execução de um trabalho, já o tem de antemão delineado e medido as difficuldades que terá de enfrentar. Assim sendo, a sua execução já está assegurada e a confiança em si mesmo demonstrada pelo alumno vale mais que toda a cooperação do mestre. Ainda mais: se elle sabe que esse trabalho lhe pertencerá, ou que nelle terá um lucro material, empregará então a energia de que fôr capaz para vencer.

Para isso, não se repetem programmas, nem trabalhos, porque essas repetições levariam ao trabalho formal, e, consequentemente, á morte espiritual; prefere-se á mutação, rigorosamente adaptada ás necessidades da vida.

A perfeição do ser, isto é, a perfeição interna da individualidade pelo trabalho manual, a confiança propria, e a certeza do valor individual, que todos devem obter, leva-nos a preparar homens, que não tolerem «palmadinhas na face», de que nos falla Emerson.

Como se divide o trabalho manual

Porém, ao apresentar o plano geral da educação pelo trabalho, cumpre dividil-o de modo a facilitar a comprehensão geral do systema, e as vantagens que advêm de tal seriação. O primeiro passo é o Slöjd applicado á escola primaria; o segundo, o ensino profissional, proprio das escolas primarias ou continuativas; e o terceiro, que cabe ás escolas industriaes e monotechnicas, que corôa a systematização technica escolar, vizará a formação dos mestres e dos industriaes. O Slöjd é o trabalho manual sem fins ou preoccupações obreiras immediatamente; é o trabalho puramente educativo, base e fundamento do exercicio das fontes de inferencia. E' o meio geral de formação de habitos moraes e de preparação e formação da alma civica da criança e do joven. Sob esse duplo aspecto elle se desdobra numa seriação admiravel, que vae desde o jardim de infancia, através da escola primaria, passando pelas normaes e profissionaes, até ás faculdades e academias, porque o trabalho manual em qualquer phase que o encontremos é sempre o Slöjd mais ou menos ampliado, modificado segundo as idéas, os sexos, os meios e as raças.

Amplo, de uma infinita gama de tonalidades technicas, de variedade quasi infinita de processos, elle se adapta a qualquer disciplina, e é a base da lição das cousas, das palestras vernaculas, das construcções geometricas, da historia e da geographia.

Orientação do Slöjd

Qualquer professor, tenha ou não preparação, poderá guial-o e obter magnificos resultados, porque as suas proprias tentativas serão proveitosamente seguidas pelos discipulos nos trabalhos constructivos.

As difficuldades que resolver, os meios que empregar para vencel-as, serão conquistas geraes do mestre e dos alumnos, acarretando o robustecimento da vontade e da tenacidade. A gloria de vencer difficuldades, a satisfacção intima de ser capaz de se bastar a si mesmo—que fazem a gloria caracteristica desse systema, desse processo de educação, tão empregado na Allemanha, na Inglaterra, na França, na Italia e especialmente nos Estados Unidos—fará em pouco tempo nascer, sob uma nova concepção, o principio da solidariedade, do amparo mutuo, o amor ao proximo, o desprendimento em familia e, consequentemente, a idéa de deveres sociaes e de patria.

Entremos no Jardim de Infancia. Ahi vemos criancinhas, nos dias de trabalho, nas applicações do Slöjd em papel, exercitarem o tacto, e certos musculos manuaes, em tecer, dobrar e cortar papel. Iniciam a comprehensão das côres, e a termologia apparece ao lado do exercicio, pari-passu com o trabalho: Tira horizontal, vertical; aspero, liso; inferior, superior; em frente, atraz; tecer, grudar, etc., são antes idéas que vocabulos vasios, sem significação alguma, em opposição ás explicações verbaes, que é, em geral, como se fórma o vocabulario infantil, enchendo a cabeça da criança de termos vasios que ella emprega sem idéa alguma da sua significação.

Ainda ao empregar os exercicios de tecelagem poderia o professor iniciar com as crianças o exercicio do gosto e a formação da arte nacional, de que ainda carecemos.

Variará os exercicios empregando motivos decorativos tirados da nossa natureza e os empregados pelos nossos indios: suas côres vivas e objectos de seu uso: rêdes, cocáres, canitares e braceletes: nos exercicios de cartonagem, fará armar tacapes, barracas, tabas, canoas, cóvos, etc., para conhecimento dos usos e costumes dos indigenas e para despertar nas crianças o amor ás nossas cousas e á nossa gente.

Simultaneamente, nos jogos escolares, grupos de alumnos poderão cantar canções empregando palavras indigenas e interpretar fabulas e lendas amazonicas, de que nos falla José Verissimo.

Nos jardins de infancia americanos, ao lado dos dons de Froebel—os yankees, mais praticos, apoiados na essencia do systema—dão a idéa de cousa vertical, soluvel, solida, conica, cylindrica, ductil, e a idéa das cores, iniciando com as crianças o fabrico de velas de cêra, coloridas, enfeitadas com papel recortado e picotado, que cada criança accende ao papae Noel no Cristman day.

Passando ao methodo, quanto á sua applicação nas escolas primarias—segundo sua importancia, e variando as explicações do programma de accôrdo com essa classificação e categoria—assim se poderia desenvolver a parte theorica pelo trabalho manual quanto a historia Patria:

Esta disciplina, que deve ser encaminhada em connexão com a geographia, seria iniciada com os trabalhos de madeira, mostrando-se a importancia do pau Brasil na tinturaria e o seu commercio; o commercio do pau Brasil e os factos que com elle se relacionam: descobrimento, povos do Brasil, expedições; historia da marceneria em Portugal, sua evolução, phases, etc., emfim, fazer que do trabalho e do material nelle empregado surjam explicações que justifiquem o programma a desenvolver.

Nas aulas de geographia, tratar do habitat dos materiaes empregados, explicando o professor as zonas, e que, nas mesmas altitudes, ha identidade de vegetação; como se corta a madeira que lhe serve para o trabalho; a idade das arvores e o meio pratico de determina-la; preparação e conservação da madeira; transportes e estradas de ferro; mercados de madeira; os rios das regiões estudadas, seu percurso, cidades que banham; os rios como estradas economicas, seus affluentes, como ramaes dessa liquida estrada; a destruição das florestas, as chuvas, as cachoeiras, a força electrica na industria, papel particular do Brasil como productor de força, e uma longa serie de ensinamentos uteis, que prendem a attenção, divertem, são utilissimos e instruem de verdade, utilitariamente.

Assim, de Estado em Estado — iniciando sempre pelo local de residencia do alumno, e preparando a serie de explicações de modo a guardar uma relação logica entre o apparecimento e o empregos dos materiaes e as partes geographicas—o programma seria exgottado em pouco tempo, deixando na mente das crianças, além da idéa geographica, a utilidade desse estudo e uma infinidade de informações instructivas de primeira ordem.

Passemos em revista a arithmetica:

Contemos as taboas para um serviço: meios, terços e outras fracções para a construcção de um objecto; o estudo da proporção dos lados; emprego do compasso para determinar a proporção; a cubação que a obra exige e os meios de cubagem; calculo das áreas para fôrro, calculo de fretes, calculos de desdobro, calculo de revestimento, etc., tudo isso distrahetivamente, alegremente, pandegamente quasi, porque, no fim de uma aula de construcção, de uma mesa para boneca, supponhamos, apprende de verdade o alumno innumeros exercicios de arithmetica, reaes e logicos, por elle mesmo experimentados, além da satisfacção de poder offerecer á irmãzinha um movel por elle feito, para a casa de sua boneca.

Ainda, para mostrar como se póde orientar o trabalho manual nas escolas communs de qualquer grão, em qualquer zona, com qualquer meio, vejamos estes exemplos:

Como faz o Americano

Conta M. Muller, in «The Flying Kites»: o professor, para o ensino das formas geometricas, empregou a construcção de papagaios de variadissimas formas. Propôz fosse, nas férias, aberto um concurso entre os alumnos das escolas locaes, para vêr quem apresentava o mais interessante, o mais bizarro papagaio. Porem, o fim desse plano, com o trabalho manual, era mostrar-lhes e faze-los comprehender noções de geometria: a construcção de figuras, o traçado dos quadrilateros e polygonos, e, sempre com muito interesse pelos alumnos, por meio de palestras, dar-lhes os conhecimentos precisos dessa arida materia.

E, diz ainda o referido autor que, no dia aprazado, além das bellas lições obtidas, houve na cidade da California uma verdadeira festa, com centenas de vistosos papagaios, a alegrarem o céo, na festa da escola.

Assim se pratica nos Estados Unidos; assim se vê a distancia que vae de mestre a mestre e de escola a escola. Mais: Ben Johnson, com muita graça, implantou o trabalho de serrinhas, fazendo animaes, e bonecas, arcas de Noé, etc., com o fito de ensinar de verdade fórmas geometricas e os exercicios de construcção, como fazemos com os antigos fórnos, tão sem graça, tão desprovidos de interesse, que nem ao menos alegram, ou dão derivativo á actividade infantil.

O habito de fazer

Resaltam da inferencia desse plano educativo duas grandes consequencias: O habito de fazer e sua influencia na formação do caracter.

O que chamamos escola nova ou nova educação não é senão a associação da instrucção litteraria e profissional, baseando-se a primeira sobre a segunda, de modo que, pela associação das observações nascidas no trabalho constructivo, o espirito deduza verdades logicas.

As aulas são revezadas com os trabalhos praticos das officinas e outros exercicios distractivos, digamos assim, que tendem a offerecer sadios derivativos á actividade do educando, e que lhe despertam o habito da acção, a tenacidade, a iniciativa, a paciencia, e, sobretudo, o trabalho de associação, que é a cellula mater das grandes nacionalidades.

Isso parece, talvez, um paradoxo — explicar a coincidencia das grandes formações sociaes, do espirito de commercio e de industria, de actividade combativa que demonstram certos povos devido ao methodo de educação pelo trabalho manual que adoptam.

«Porém, é necessario observar que esta educação inclue a antiga, porque fazemos o que se fazia, sómente por meio de largo emprego de ferramentas e materiaes, com intelligente applicação do desenho.

Esse systema de educação dá ensejo a larga facilidade educativa e meios de cultura literaria: desenvolve a intelligencia, modela o caracter, cria força physica e coragem, dando habitos civicos e habitos de trabalho».

Pessoal do Grupo Escolar «D. Pedro II» em excursão no Aprendizado «Barão de Camargos», no dia 13 de Maio de 1925—Nas janellas do predio estão os alumnos deste estabelecimento agricola—Ouro Preto

O caracter

Vejamos succintamente um facto: *A*, é filho de uma familia mediamente abastada.

Na idade propria, entra para uma escola publica.

Percorre o cyclo de ensino e sáe, após 3 ou 4 annos de estudo.

Conhece uma multidão de regras e cousas inapplicaveis, ou que não lhe servirão de nada, por ser tudo verbalismo puro.

O moço, como acontece sempre, cheio de boa vontade, deseja trabalhar, mas falta-lhe a adaptação para o trabalho, falta-lhe a solidez dos estudos, porque, ou esqueceu, desaprendeu, ou não sabe como se servir delle. Desanimado, fraco, sem confiança em si mesmo, corre a atrelar-se no carro do Estado, como funccionario publico, deixando quasi sempre presa a sua solidariedade com o grupo politico de *E*.

Noutros casos, o moço, intelligente, sáe da escola commum, entra para o curso de preparatorios, rapido e electrico, arranja-os, matricula-se numa Faculdade e é o sr. Bacharel, no fim de alguns annos.

Conversemos com ambos:

A: «Não sei que falta de sorte me trouxe a esta repartição. O Chefe é um «tigre», não me dá nem tempo de «cavar» um augmento de ordenado. Não me deixa sahir e eu não posso ganhar por fóra. Antes eu fosse um operario.

Sabes, e me bate no hombro, assim com ares de quem já se sente nos ultimos quarteis da vida, o Fulano, aquelle nosso collega, aquelle cabeça dura, que vivia a brincar com caixinhas de phosphoros, no grupo escolar, Fulano, se fez carpinteiro.

Trabalhou alli no Fioravanti; comprou uns bancos, umas machinas, metteu operarios, e hoje está rico. Encontrei-o numa «baratinha», e eu aqui estou amarrado a isso, e atira com um officio sobre a mesa!

Dr. L., o bacharel, fez carreira. E' intelligente, bem collocado.

Disse-me um dia:

Qual isto não vae! E' o dia inteiro a correr do escriptorio para o Forum, do Forum para o escriptorio. Obrigações sociaes, representações, compromissos, etc. E se dissesse que isto dava para tudo, vá; mas, com franqueza, ganho o bastante para viver, não posso guardar um pouco para os filhos, nem para a velhice.

Será culpa delles? Delles, não, mas da sociedade.

Eis a razão porque se deve criar o *Habito de Fazer*.

Essa é a opinião de Baldwin; e, inegavelmente, é o que vemos diariamente entre nós, e que o Romance de George Ohnet «O Grande Industrial» nos mostra.

Voltemos ao menino das caixas de phosphoros.

O fulano era o que se chama em linguagem escolar um indisciplinado.

Nos bancos, não ficava de braços cruzados, olhar á fakir a louza, brincando de silencio.

Pelo contrario, tinha sempre nos bolsos, grãos de milho e de feijões de cores; figurinhas e outras bugigangas para trocar e vender.

Activo, de uma actividade assombrosa, dizia-nos sempre que preferia levar uma surra diaria a ficar quieto, sentado uma hora.

Aos poucos foi galgando os annos, até que o perdi de vista.

Muito tempo depois, soube que elle era empregado das officinas do antigo industrial Francisco Amaro, o sêo Chico Amaro, como se dizia naquelles priscos tempos, em que elle fornecia essas maravilhas mechanicas — arcos, columnas, pontes, trilhos, vagonetes, etc.

Ahi, com sêo Amaro, o meu ex-collega arranjou um pequeno capital, montou uma fundição, abriu annexo uma serra-

ria, desenvolveu os negocios, augmentou, desdobrou, e, hoje, rico, feliz, é um dos maiores industriaes desta praça.

Toda essa felicidade, tudo isso, adveio dos habitos de trabalho, da iniciativa, tudo isso, adveio da confiança propria, que só a educação pelo trabalho póde desenvolver e criar.

Eu digo póde criar, porque os esforços feitos com o educando, por meio do trabalho, não são perdidos; esses esforços, feitos nos ancestraes, manifestam-se nas tendencias nos filhos e na operosidade das gerações.

Entre nós, ha, numa das nossas escolas normaes, um homem, que, filho de um illustre medico, me contou o seguinte caso:

«Meu pae, que foi medico, amava tanto o trabalho manual que, diariamente, trabalhava em seu banco de carpinteiro.

Algumas vezes, a chegada de um cliente interrompia-o e se passava esta scena:

—Dr. Fulano está?

—Está, sim senhor, queira entrar.

O cliente sentava-se. O carpinteiro entrava, trocava a blusa, e, dahi a momentos voltava o medico, carinhoso e, paternalmente, auscultava e receitava, com alegria do cliente, que recebia duas receitas: a licção de trabalho e a therapeutica para o corpo enfermo».

A esses habitos de trabalho, mantidos por seu genitor. attribue, ainda hoje o filho, a sua capacidade de adaptação e os successos de sua vida social.

Finalmente, essas conclusões, sediça, estão e são continuamente pregadas na «New Education».

Se nós admiramos os progressos americanos, porque não lhes copiamos os habitos e os systemas de educação pelo trabalho?

A pedagogia de Kerschensteiner

Pelo que acabamos de expôr, creio ficou esboçada, numa como pintura em largos traços, a acção, e as consequencias ulteriores, do emprego do methodo do trabalho manual, embora só o tenhamos focalizado nos jardins de infancia e na escola primaria.

Mas, tão altos são os seus principios e tão profundamente remodeladores da natureza individual que, em 1900, a Allemanha ante a efficiencia esmagadora desse systema, pela voz da Academia de Erfurt, propôz a seguinte questão, que li atravez de Samonatti:

«Que educação civica se póde dar aos adolescentes durante o periodo que medeia entre sua sahida das escolas primarias — 14 annos — e seu ingresso no serviço militar obrigatorio?»

Dentre muitas respostas, nenhuma attingiu nem synthetizou tão bem a finalidade social dos jovens, como a que apresentou o professor Jorge Kerschensteiner em seu livro «Educação civica da Juventude allemã».

E, sob a orientação dos seus grandes principios, organizava o referido professor as escolas de Munich, de que era director geral.

O fim primordial de Kerschensteiner é moral e social. Na escola elle visa, pelo trabalho, de accordo com a explicação a que ha pouco me referi na escola primaria, formar cidadãos que sejam uteis ao Estado e que o sirvam com intelligencia e bôa vontade.

Para tal fim estabelece a pratica intensiva e extensiva do trabalho manual individual e collectivo; associa os alumnos na disciplina escolar, dá-lhes uma organização social de Estado-Escola. Seu ponto de apoio é a formação do caracter; formação essa que se inicia desde os primeiros passos do alumno na escola primaria, com o Slojd, e vae se formando cada vez mais até attingir as escolas profissionaes e complementativas, onde a pratica civica está intimamente ligada ao trabalho commum, aos successos e glorias communs, á cooperação de todos para o bem estar geral.

«Arbeitschuien» foi a denominação que Kerschensteiner deu a essas escolas, porque nellas o factor principal é o trabalho manual e as outras displinas são orientadas como se fez o ensinamento do trabalho manual.

Um dos grandes principios pedagogicos apregoados pelo referido mestre—«o valor de nossa educação escolar reside muito menos na cultura da intelligencia que na preparação para o trabalho exacto, consciencioso, completo e bem terminado»—está plenamente demonstrado na pratica mundial, porque o valor do trabalho manual é criar a disciplina moral, a exactidão dos nossos actos, e os habitos de ordem, que nos levam ao dominio do espirito sobre o corpo, á rectidão das acções, á consciencia e á formação do caracter.

O caracter não se forma com explicações, maximas, ou tratados de rethorica, senão por meio do trabalho continuo e bem applicado.

A synthese da Pedagogia de Jorge Kerschensteiner é:

a) fazer do trabalho o centro de interesse;

b) captar a sympathia e a cooperação dos patrões, por um lado, e das associações obreiras por outro, inclinadas a a favor das escolas;

c) dar sufficiente tempo de instrucção, em quantidade e bôa qualidade;

d) aproveitar todas as opportunidades que se apresentam para a melhor formação civica;

e) fazer que o homem máu desappareça no trabalhador; vindo o futuro cidadão no apprendiz.

Eu dizia ha pouco que a formação civica reside no trabalho de cooperação, e todas as vantagens disso decorrentes pódem ser apreciadas por quem quer que seja: o habito de executarem os alumnos o trabalho em conjuncto, fa-los aos poucos emanarem-se nos successos e revezes; dá-lhes o desprendimento altruistico e a satisfacção de cooperarem para o bem geral; a consciencia dos deveres de cada um para o bem de todos; a noção de responsabilidade, a sujeição da ambição de cada um á ambição da class; o prazer de criar e a noção de Estado e sua defesa, são ideas que se crystallizam na consciencia da juventude, para desabrocharem depois em obras e actos civicos.

Dessa maneira se forma o caracter e se cimenta a educação civica, porque «a escola longe de preparar individualidades brilbantes, deve ser uma instituição social e preparar valores moraes».

Até aqui vimos que a finalidade do Slöjd nos jardins de infancia e nas escolas primarias em geral é educar, provocar a manifestação de tendencias artisticas, corrigir as más inclinações moraes e facilitar a manifestação das qualidades que dormem nos recessos do organismo.

Mas, terminada essa phase, caracteristicamente educativa—e que, bem feita, já é muitissimo—entremos propriamente no Ensino Profissional.

Ensino Profissional

Ha aqui uma séria difficuldade, quanto á classificação dessas escolas, porque sua denominação é ainda um problema; mas, uma vez separado o Slöjd do plano educativo, com fins industriaes, podemos classficar as escolas que têm essa orientação, segundo a finalidade da respectiva missão: escolas vocacionaes ou profissionaes, em que se procura encaminhar a aptidão do alumno e em que se lhe dá o fundamento preciso para, em contacto com a industria, desenvolver e attingir qualquer posição; depois as escolas industriaes ou monotechnicas, que formam o mestre, o professor, o industrial, o gerente, o capataz, o chefe de serviço, etc, e que fecham o cyclo da educação pelo trabalho.

São estas escolas os grandes arados da civilização, que revolvem e fortificam ideas; são barreiras oppostas ás desaggregações sociaes, e á infiltração da degeneração moral, que surgiu na Russia e ameça tragar todo o orbe.

Sobre esse ponto, parece incrivel, «apezar das diversidades ethnographicas, das tradições sociaes e mesologicas de todos os povos, dos idiomas e religiões, e de outros factores menos importantes na formação do caracter nacional, nesse ponto de vista todos os sociologos e estadistas são accordes attribuindo e ligando o desenvolvimento e futuro de cada povo ao gráo extensivo e intensivo da educação technica das suas escolas».

Poder-se-á dizer: mostra-me as tuas escolas, eu te direi o que és e o que valerás.

As escolas profissionaes são, na sua organização e nos seus programmas, a prosecução dos grandes principios do Slöjd já expostos, accrescidos aqui dos fins industriaes, para que os moços possam obter um elemento de vida que lhe garanta a propria independencia economica e moral.

Dizer como operam essas escolas seria por demais util; mas, devido ao limitado tempo de que disponho, resumirei: educar os moços no trabalho de associação; dar-lhes ideas precisas de execução e acabamento perfeito; ensinar-lhes o

valor do trabalho; mostrar-lhes os interesses do obreiro e os do patrão; a fiel execução dos seus encargos, o respeito aos contractos e a necessidade de concorrer para os progressos da industria, que são tambem os seus e os de sua patria.

Ensinar sempre a arte ou officio por meio de turnos ou estagios em todas as partes em que a materia prima dessa arte ou officio soffra elaborações que tenham ligação ou concorram para o acabamento integral do trabalho que lhe foi confiado para que o joven logre a verdadeira independencia technica e economica. Alliar ao trabalho os grandes principios formadores do caracter, para a formação civica do joven.

A proposito dessa falta de finalidade utilitaria da instrucção e da educação, um escriptor americano, pelo Boletim Pan-Americano, de julho de 1922, fez a seguinte critica á educação americana:

Um typo dos não trenados da classe culta segundo um autor americano

Acabo de me formar em um lyceu. Passo por ser instruido. O Governo me deu professores habeis e apparelhos caros. No emtanto vou dizer umas poucas cousas que não sei.

Eu sei de cór muitos trechos da literatura ingleza, mas se tiverse de pedir um almoço em inglez, creio que seria obrigado a passar fome.

Sou muito habil na conjugação dos verbos francezes, mas se estiverse perdido nas ruas de Pariz não saberia perguntar o caminho para minha morada.

Sei achar a raiz quadrada de 3556,790, mas não sei escripturar o razão do negocio de meu pae.

Sei provar que o quadrado da hypothenusa é igual á somma do quadrado dos cathetos, mas não sei calcular a quantidade de papel necessario para cobrir as paredes da sala nem avaliar o numero de metros de um tapete para cobrir o assoalho.

Estudei economia politica até que a minha cabeça está cheia de theorias cruas e palavras de 7 syllabas; mas não sei o nome dos vereadores de nossa parochia nem do congressista do nosso districto.

Tive 50 licções de chimica, mas não sei porque devo incluir o alcool ao meu organismo; nem o que constitue uma dieta equilibrada para um rapaz de minha idade.

Não tenho idéa de qual a especie de solo conveniente para o milho ou o trigo nem de outra qualquer especie de cultura.

Não sei distinguir a peroba da cabreuva e nada sei das plantas e fructos silvestres comestiveis nem dos nomes das gramas, musgos, folhas e flôres communs que se encontram nos bosques onde passeio.

Fui approvado com distincção na lingua e literatura maternas, mas não seria capaz de ganhar 50$ por mez, escrevendo noticias; nem sei mesmo escrever uma carta capaz de ser lida e a minha conversa não revela mais conhecimentos que os do vendeiro da esquina.

Nunca ninguem me ensinou a dominar os meus appetites nem me disse porque o deveria fazer; nem me fez vêr a necessidade da disciplina mental, moral e physica, nem a natureza da verdadeira felicidade.

Eu fui educado de accôrdo com as antigas formulas para a producção de um lettrado e de um cavalheiro, e verifico que tenho que trabalhar para ganhar.

Não tenho gosto pelo trabalho, nem habitos de economia, nem indole para resistir á tentação, nem habilidade para fazer qualquer outra cousa, que o mundo esteja disposto a pagar.

Em outras palavras, eu sou inteiramente falho de trenagem para a vida».

Isso é o que se diz de um moço americano; e entre nós?

Quanta razão me assiste quando peço e prégo sejam remodelados os nossos methodos escolares, de modo a serem meios de preparação dos jovens para a vida talqualmente ella se nos apresenta: iniciadora, rapida, especulativa e tambem alguma cousa polymata.

Espirito de trabalho

Porém os americanos não só criaram, ha cerca de um seculo, esse espirito de trabalho, como reformaram suas leis sociaes, para que as questões complexas das relações economicas e do trabalho tivessem solução condigna com as necessidades industriaes e commerciaes do paiz.

Nessa ansia de criar e melhorar o espirito de trabalho, de facilitar a cultura technica, para fomentar as largas industrias e o pezo da exportação, coroaram essa obra gigantesca com a organização do «Laboratorio Technologico» de New York, repartição essa que, dispondo de todo o apparelhamento moderno, que se relaciona com todas as industrias, está apparelhada para responder a quaesquer perguntas sobre methodos e processos economicos de trabalho, rendimento; producção e melhora de qualquer industria.

Tão alto se tem elevado a grande republica no conceito dos povos civilizados—bastando synthetizar que, apezar de ser a America do Norte um paiz que paga os melhores salarios, é o em que a producção é mais barata e mais acatada — que o quadro seguinte nos mostra o custo da producção por operario nos principaes paizes industriaes, e a preponderancia americana na vida commercial do mundo:

França, 32% da producção;
Allemanha, 28% da producção;
Inglaterra, 26% da producção;
America do Norte, 18% da producção.

Esse facto que só por si attesta o valor de seu systema eduativo, nos dá idéa completa do plano e da sua acção orientadora, se incidirmos um olhar sobre as consultas dirigidas ao «Gabinete de Technologia»:

«Qual é a duração de um salto de couro natural comparada a de um couro synthetico? Existe alguma forma de applicar esmalte, melhor que a commum? Serve qualquer herva para fazer papel para revistas e jornaes? Póde um motor de aeroplano funccionar correctamente a uma altura de 2.000 pés? A quantas libras de pressão quebra uma determinada barra de aço? etc».

E, ao par dessas consultas, publica ainda a referida repartição formulas para a preparação de alimentos e receitas economicas para as donas de casa.

Durante a ultima guerra criou-se nos Estados Unidos a industria de lentes, crystaes e espelhos; e, sob a direcção dessa repartição, hoje essa Republica é uma das maiores exportadoras desses artigos de commercio, resultando disso, e do valor desse preparo technico, a importancia do problema da educação profissional e da entrosagem que com elle mantêm todos os problemas sociaes e politicos.

Desde os paizes plethoricamente povoados, que procuram manter na immigração a lei geometrica do crescimento, e necessitam garantir aos seus filhos uma efficiencia technica qualquer, que lhes assegure o successo na nova patria, até os que de população escassa e de ricas fontes de materia prima, em cuja preparação e acondicionamento lograram conquistar mercados; focalizando a preoccupação social de ministrar a todos os cidadãos elementos fundamentaes de vida economica e politica, mais se accentua e encarece, na phase actual da civilização, o imperioso dever de criar e espalhar por todos os meios, escolas profissionaes, sustentadas pelos Governos e sob sua immediata vigilancia.

Sob essa orientação educativa, parece, caminhariam harmonicamente certos problemas que, até hoje, zombam da argucia dos sociologos e até de doutrinas philosophicas, mais ou menos em voga, porque, taes problemas, como nos mostra Charles Ham, se reduzem á acção provisora e educativa da Escola Profissional.

Acabo de vêl-o provado, mais uma vez, ao lêr e extractar a obra de Carlos Marx—O Capital, em que, a par de todas as falhas e criticas do autor, perdida na vestidão das maximas, dos cotejos de doutrinas, e de factos sociaes—elle cita a Educação como o remedio para a solução de todos esses males.

E diz num corollario: «nenhum objecto póde ter valor se não é util; e, sendo inutil, porque nelle se gastou em pura perda o trabalho que contem, não cria valor!—maxima que é a base da organisação pratica das escolas, e a que responde esta outra:

«A finalidade do ensino deve ser a immediata utilidade, de accôrdo com a vida social.»

Ao rematar a doutrina que expende, doutrina que se poderá reunir em dois ou tres aphorismos sociaes, coclue: Quando o trabalhador póde accumular para si mesmo—e só póde fazel-o emquanto é proprietario dos seus meios de producção,

—a accumulação e a apropriação capitalista são impossiveis, por lhes faltar a classe assalariada, da qual não póde prescindir.»

Essa affirmação, essa conclusão, não é mais que o fim que visamos nas escolas profissionaes de verdade: dar a cada um os elementos precisos para que se baste a si mesmo, e seja um elemento de progresso e de evolução social.

E' claro que esse problema, em que se educae e se instruem os homens para que se compre menos e se venda mais; em que se criam a pequena tenda e as grandes industrias, está vinculado á acção previsora e administrativa do Estado e só a elle cabe oriental-a para a regularização social e solução dos problemas attinentes ao capital e ao trabalho.

Essa lucta forte de amar o homem contra a absorpção do capital; de conquistar mercados e de os manter, na concurrencia actual, implica na obrigatoriedade de educar e formar o melhor obreiro, o melhor mestre, o melhor industrial, o melhor patrão, para assegurar a victoria social e economica.

Essa foi a marcha que seguiram em seus systemas de educação publica as principaes raças do mundo.

«Na Allemanha, onde culminam Kerschersteiner e Van Der Goldt, sob essa orientação, o periodo de escolaridade obrigatorio é dos 6 aos 14 annos; mas, até os 10 annos, essa obrigação é para a escola primaria ou do povo, como alli as denominam; e, ao attingirem essa edade as crianças, os paes devem informar qual é a carreira que desejam dar aos filhos.

Segundo a escolha, technica ou liberal, continuam as crianças até aos 14 annos obrigatoriamente, ou sahem aos dez, para irequentar os gymnasios que se dividem:

Gymnasios classicos e reaes, que levam ás universidades;

Escolas reaes, que elevam os moços ás escolas superiores de commercio e industrias.

Aquelles cujos paes querem que sigam profissões technicas, continuam na escola primaria até aos 14 annos; dahi passam as escolas continuativas, em que se applicam ao Slöjd vocacional até aos 17 e 18, e, finalmente, ingressam nas escolas industriaes primarias, sem obrigação de frequencia inteira diaria, até completarem a educação technica operaria. Mas, se desejam attingir ás altas culminancias nas industrias e no commercio—gerencia, administração, direcção e postos especiaes—encontram abertas as portas das escolas reaes, como fecho dessa admiravel seriação technica».

Moldadas pelos grandes principios directores do Kysington Museum, na Inglaterra, mais ou menos como na Allemanha, «talvez um tanto irregularmente, dividem-se as escolas em elementares, elementares superiores (para meninas) e de grammatica, para rapazes, iniciando as primeiras aos 6 e 7 annos, e as segundas aos 12, com 3 annos de escolaridade em cada periodo.

Em ambos os typos escolares, o curso é composto geralmente, como entre nós, accrescido o programma masculino com trabalhos manuaes, e para as meninas, economia domestica.

Depois da escola elementar passam os rapazes para as elementares de grammatica, ou iniciam o curso profissional nas escolas industriaes diurnas e nocturnas, salvo aquelles que se destinam ás profissões literarias, que tem nos gymnasios o derivativo para suas actividades».

As escolas technicas industriaes são seriadas em primarias e superiores, de modo a facilitar a formação do operario, do gerente, do especialista, do industrial, porque não se comprehende uma classe, como a industrial, que é um verdadeiro exercito, sem a preparação dos que a devem dirigir e orientar.

Charbon, Astier e Nicolay, em successivos livros, forçaram a reorganisação do ensino quanto á diffusão e á seriação do ensino technico na França: « O systema escolar francez comprehende escolas primarias e estabelecimentos superiores—collegios, lyceus, entrosados de forma que terminado o curso primario aos 12 annos, pódem os jovens iniciar os seus estudos nos collegios e attingir as carreiras literarias e liberaes. Para os que desejam seguir os cursos technicos encontram em França, ao sahirem da escola primaria, cerca de 5.000 escolas profissionaes, denominadas escolas manuaes para apprendizes», e superiores, com a mesma visão e o mesmo carinho de bem dotar a França de uma sociedade intelligente, culta e altamente technica.

Forster, infatigavel trabalhador e propagandista da educação pelo trabalho, criou uma corrente fortemente sympathica a essa educação na Suissa. « Apezar da diversidade dos seus systemas escolares, segundo os cantões, a instrucção começa nos Jardins de Infancia e segue nas escolas primarias—dos 6 aos 9 annos; depois prosegue nas escolas «continuativas» com 3 annos de duração.

Essas escolas, typicamente vocacionaes, preparadoras para as escolas industriaes, fecham o cyclo educativo primario. Vêm depois as escolas secundarias, preparatorias para as superiores e universidades».

Até aqui temos visto que, em geral, os paizes mais adeantados procuraram manter uma organisação escolar de modo a facilitar meios de instrucção technica, abundante e seriada, por onde, gradativamente, as crianças sobem até lograrem completa preparação para a vida do trabalho, segundo a sua tendencia e de accôrdo com a obrigação democratica e educativa do Estado.

Umas, menos profundas em suas bases scientificas; outras, mais minuciosas e classicas, segundo o genero de vida a que se destina a criatura, mas todas tendentes a um fim unico—educar preparando para a vida—guardando sempre uma ligação logica em seus programmas.

Entre nós, infelizmente, não ha finalidade: o jardim de infancia, cuja base é o trabalho manual, seus methodos não têm prosecução na escola primaria. Estas, que se dividem em isoladas e grupos escolares, não têm relações continuativas em seus programmas, nem guardam absolutamente pontos de contacto, porque uma criança não póde passar de uma escola isolada para o anno correspondente do grupo escolar; e o trabalho manual—que é hoje a base da educação e da instrucção—não é motivo de cogitações em nenhuma dessas escolas, salvo alguns exercicios extra programma que os professores dão em suas aulas, por sentirem necessidade de certos trabalhos engenhosos para descanço dos alumnos.

As escolas profissionaes, poucas, raras, difficeis e incompletas, não attendem a decima parte dos pedidos de ingresso. Seus programmas, embora preparem o bom apprendiz, não tiram todo o resultado que delles se poderia esperar, porque soffrem actualmente uma solução de continuidade: a falta da escola completiva, ou de preparação de mestres e officiaes technicos.

E como é importante essa missão!

A escola para mestre

Verdadeiramente, não fôra o dever e a consciencia profissional, eu não me atrevera a expôr entre questões de ensino profissional a da preparação de mestres para esse mister; não fôra, talvez a previsão de maiores males que ameaçam a prosecução desse admiravel systema educativo, eu silenciaria; porque, levado pela necessidade de expôr o facto em sua completa nudez, terei de desgostar ou, mesmo, melindrar o amôr proprio de muitos que, embora isentos das falhas aqui apontadas, poderão julgar-se attingidos.

Mas, ante as minhas observações e os resultados aqui colhidos, cotejados com o que se passa nos principaes paizes do mundo; ante a mais significativa unidade de vistas que jamais uniu opiniões, que são por sua natureza discordes, penso que a prompta criação de uma escola para preparação de mestres é a unica solução, quiçá o unico remedio, para a salvação do ensino profissional de artes e officios, ameaçado pelo fatal espirito mercenario que empolga, com raras excepções, o corpo de mestres das escolas profissionaes do Estado.

A proposito disso, tenho em mão, e não posso ter mão em mim que a não cite, uma obra admiravel da Belgica previdente: a Escola de Charleroy.

A Belgica, que é, talvez, na raça latina, o unico paiz que tem o codigo de trabalho, enfrentou a questão social indo ao encontro dos obreiros, auscultando e ouvindo esse grande organismo que é o syndicalismo, e, após estudos de seus grandes estadistas, resolveu a questão, fundando, ampliando, desenvolvendo e corrigindo os methodos de trabalho; ella, a pequena Belgica, foi, graças a essa previdencia, a primeira das nações que se reergueu após a guerra, e que se reorganisou,

graças ao espirito que anima o seu operariado, o seu commercio, a sua industria, preparados todos pela acção das escolas profissionaes, em todas as suas modalidades.

Sim: não ha mais tergiversações: ou a sociedade caminha pelos methodos scientificos do trabalho e da nova educação, ou, fatalmente, cahirá no demagogismo ou no cesarismo; sem educação, e crescendo o numero de trabalhadores, surgem os Lenines; cerceado o natural desenvolvimento da industria, pela falta dos novos methodos de producção, rendimento e educação technica do operario, a sociedade estaciona na tranquillidade mórna das lagôas e dos lagamares, onde só prosperam os Panchos Villa, flora damninha, de que a nossa Patria, felizmente, se redimiu ha um seculo.

Pois porque não hemos de enfrentar os porquês que entravam a evolução dessas escolas, as táras e os vicios congenitos?

Ha de se focalizar primeiro a falta de mestre, não só na estructura technica, senão na deficiencia da sua actual formação moral, para a preparação do mestre de accôrdo com o sentir brasileiro, de accôrdo com as necessidades brasileiras, para o meio brasileiro.

Não podemos—este é o meu grito de alarme—continuar a formação do caracter collectivo das classes productoras, do operariado paulista, do operariado brasileiro, com esses mestres vindos de officinas e fabricas, com essa salsugem social que nos procura, que nos suga, que em troca de fragilimas lições de arte pratica, quasi sempre eivada de vicios e irregularidades technologicas deseduca, corrompe e estraga o caracter brasileiro e até a propria lingua portugueza, não só com o seu descaso pelas nossas cousas, como com o emprego que fazem da termologia technologica, toda ou quasi toda em termos estrangeiros, em *patois* italiano!

Ha tempos, visitando eu a secção de mechanica desta Escola, parei junto á fréza, uma das machinas do ultimo turno escolar, onde trabalhava um joven brasileiro:

—Como se faz esta operação para abrir dentes de engrenagens, perguntei eu?

—Muito simples: desde que se saiba o «sviluppo» da machina e o «raporte», basta fazer a divisão para encontrar a placa.

—Sviluppo..., raporte..., você sabe o que é isso?

—Sei, sim senhor; e procurou, em nosso idioma, palavras que traduzissem a idéa, e não as achou!

Chamei o mestre, expliquei que «sviluppo» e «raporte» são, em portuguez, «desenvolvimento» e «relação»: mandei fazer quadros com a termologia portugueza, mandei desenhar, imprimir e espalhar cartões com as machinas e a denominação portugueza...

Não faço commentarios; o facto ahi fica em toda sua nudez!

Urge, cada vez mais, atacar de frente essa questão, que, para mim, é mais importante, mais premente e de resultados mais poderosos, para a nacionalidade, que o proprio problema do ensino profissional.

A execução de objectos, o simples fazer, ou o apprender a fazer, não é o caracteristico fundamental da formação do brasileiro operario, do trabalhador: a formação do caracter, a consciencia profissional, a alma collectiva, isso sim, isso é que é o fundamento, o caracteristico, a substancia do systema, que a Escola Profissional Masculina, implantou e defende entranhadamente.

A's escolas profissionaes, si não lhes acudir o Governo, com o remedio simples e efficaz; si não tiver mão forte na sua orientação moral, na formação do caracter dos jovens operarios, serão outros tantos centros de italianidade, porque, parece incrivel, após um seculo de vida autonoma, ainda dependemos do mestre extrangeiro para nossas escolas e para nossa vida industrial!

Não tenho prevenção, nem cito o italiano porque o ache peior que os outros, sinão porque são elles em maioria tal, que, não ha negar, exercem notavel influencia em nosso meio social.

E imaginar-se que, com algumas centenas de mil réis, poderiam todas as escolas profissionaes crear e manter cursos para a preparação de mestres!

Isso seria uma medida de emergencia, porque, para os effeitos da disciplina e da ordem do serviço, melhor fôra installar o curso para mestre em local separado do da Escola, para que a orientação e os trabalhos corram parelhas com os fins visados no programma technico educativo.

Quanto á parte economica do problema, poderei affirmar ser minima a despesa, porque—a exemplo das escolas de Munich, sem officinas, mas analogamente preparadas para o ensino sem caracter productivel—poderá o Estado lograr o melhor corpo technico, em efficiencia, dedicação e moralidade, apto para a tarefa que delle houver mister, e com dispendio relativamente pequeno.

A's escolas profissionaes cabe muito mais educar os jovens para bem inteppretarem seus deveres e direitos, de conformidade com os de seu patrão e os da sociedade, que os adestrar no manejo desta ou daquella ferramenta. Ensinar a falquejar simplesmente pelo falquejar, ou para disso tirar a escola pingues lucros, de que o Estado não póde nem deve se apropriar, não é missão de escola. A mocidade trabalhadora, sem educação technica, de qualquer modo, em qualquer officina a obterá, no fim de mais ou menos tempo; mas, sua defesa moral contra os pregadores de doutrinas infames, sua defesa contra a infiltração de doutrinas geradas nos cerebros maus de extrangeiros, que exploram a boa fé e a ingenuidade da nossa gente, isso sim, isso é tarefa escolar, é medida de defesa social.

Forster na «educação civica dos jovens e adultos» nos mostra que ás escolas profissionaes cabe unicamente quasi essa tarefa, porque salvam e preparam as modernas gerações civicamente para a Patria una e cohesa. E accentua mais que o facto de não cumprirem os operarios com a sua tarefa de accordo com a palavra dada, e tambem o de encararem seus patrões e industriaes como inimigos, tudo isso é causa de penuria em que vivem e de muitos problemas sociaes não terem ainda solução condigna. Quando qualquer industrial, qualquer de nós, necessita de um operario, annuncia e contracta-o. Mas, ao contractal-o, a pessoa que delle necessita, entrega-lhe muitas vezes um apparelho ou machina que vale dezenas de contos. E que garantia nos dá o recem-contractado? Nada! Apenas a sua promessa vaga de bem fazer o serviço...

Tempos depois, por qualquer motivo, real ou imaginario, abandona a officina, ex-abrupto, deixa-nos no meio de compromissos que elle nos fez assumir, e vae fazer o mesmo a outro patrão que delle carecer. E é bom quando não nos estraga peças insubstituiveis de certas machinas, ou não as destróe perversamente!

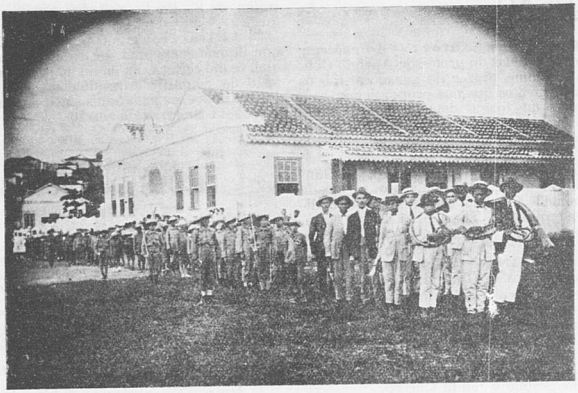
Crear uma geração incapaz desses actos é que é missão da Escola.

O trabalho é o meio de que nos devemos servir para bem educar os jovens, para que sejam uteis a si, á familia e á Patria. E, a carencia de finalidade é flagrante em nossas escolas primarias! Seus alumnos, ao deixarem o curso, são falhos e incapazes de occupar qualquer emprego digno. A não serem cargos infimos—que não lhes pódem bastar, nem preencher suas necessidades futuras—occasionam taes occupações uma legião de moços incapazes de progresso proprio e de efficiencia social. Porém, mais do que todas essas falhas aqui apontadas, pela falta de finalidade no ensino dos grupos escolares, outras lacunas apparecerão, mais tarde, nas queixas dos incapazes de luctar, e na pobreza do Estado que deixou de receber a cooperação das gerações, perdidas pela falta de preparação efficiente.

«Nunca o problema de ensinar e educar o povo de modo a assegurar-lhe meios de vida propria e de independencia moral, foram tão necessarios nem mais diffundidos, que na época actual.

A historia da civilização nos mostra a preponderancia dos povos industriaes, daquelles que souberam sempre encarar a resolução das questões sociaes e economicas, empregando a educação como derivativo de todas as questões attinentes á vida e á sua evolução, e como arma de dominio e preponderancia. Nas mutações sociaes, que desde os mais remotos tempos transformaram os ideaes e alargaram os ambitos moraes dos povos, quer na esphera do bem estar material, quer nas novas concepções do direito civil e politico, não se encontra um periodo de agitações como o que se manifestou desde a guerra de 1914.»

Esse aperfeiçoar de methodos e processos educacionaes, principalmente focalizando a diffusão das artes e das industrias, reconhece que a escola primaria—para a população que ha de continuar sua vida nos centros de producção, que fórma sempre a maioria de uma nacionblidade, e no interesse da



Grupo Escolar «Arthur Bernardes», de Palma

propria existencia do paiz, e de sua importancia economica—deve orientar-se pelos novos methodos educativos do trabalho, para poder formar uma classe apta a affrontar a concurrencia actual, a lucta pelos mercados e garantir a manutenção da tranquillidade interna.

«A importancia crescente da doutrina que determinou a obrigação de o Estado zelar pelo individuo quanto sua origem, sua natureza e seu destino; o dever de educar o cidadão e defender sua formação physica, moral e intellectual, para que todas as classes sociaes cooperem na resolução dos problemas politicos, e na vida do Estado, «dão aos trabalhos manuaes e americanos, numa ansia de se refazerem e de se prepararem, remodelam todo o apparelho escolar e praticam o trabalho manual, em todos os ramos e em todas as suas modalidades, como fundamento da educação popular.

Estatistica

Nos Estados Unidos ha cerca de 15 mil escolas profissionaes, vocacionaes, industriaes, monotechnicas e polytechnicas; na França, 5 mil escolas abrem suas portas a uma população avara de subir e dominar; na Allemanha, só em Munich, 2.800 escolas cooperam para sua supremacia industrial; na Inglaterra, na Austria, na Italia, na pequena Suissa, que conta 2.470 escolas vocacionaes, ou de educação pelo trabalho, todas tendem a manter a influencia de cada nação na lucta, cada vez mais forte, para o bem estar de seus povos.

Suissa, 2.470 escolas profissionaes; 4 milhões de habitantes, ou uma escola profissional para cada grupo de 1.600 almas, não contando as escolas superiores.

Allemanha, uma escola profissional para cada 3 mil habitantes.

França, 5.000 escolas profissionaes, ou 1 para cada 8 mil habitantes; e na *Tscheque-Slovaquia*, 1.000 escolas por 14 milhões, ou uma para cada 14 mil habitantes.

S. Paulo, uma escola para cada 50 mil habitantes!

No emtanto, em nosso Brasil, que magoa, o simples cotejo com a nossa visinha, a Republica Argentina—onde só Buenos Ayres ostenta 56 cursos ou escolas «complementarias» de trabalho manual, com 40 mil alumnos—se nos contrista o coração ao constatar seu immenso progresso, sua verdadeira febre de educação technica e as possibilidades que disso advirão.

Conta o economista Franck Vanderlip—como diz Samonatti—a respeito da superioridade do trabalho industrial allemão: «Fiz um estudo minucioso a respeito das bases originarias do triumpho economico da Allemanha; e, ao fazel-o, cheguei á firme convicção de que esse phenomeno tem como causa directa e fundamental o systema educativo ao que ajusta e subordina a preparação do povo. O mestre-escola é a solida pedra angular em que descança os progressos communaes e industriaes.»

O ensino está alli intimamente relacionado com a solução economica como não está em nenhum outro paiz europeu ou americano.

E accrescenta: «Em visita á fabrica X, seu proprietario mostrou-me certa peça manufacturada em suas officinas: esse é material inglez; eu o mando vir pagando todas as despezas de importação; trabalho-o, dou-lhe fórma, preparo-o e ainda reexporto para a mesma Inglaterra, vendendo-o a preços mais baixos que os seus similares inglezes.»

—Mas, perguntei-lhe qual a causa disso?

—A causa, é que nesta peça ha cerebro, palpita uma alma na sua execução. E' o gosto e o trabalho intelligente que a faz vencer...

Paraphraseando o dr. Jorge Fisher, accrescenta:

«Na nova edade requerem-se homens equilibrados e de dominio proprio. Por consequencia a educação ha de preoccupar-se especialmente do processo que leva ao exercicio de cooperação, associando o espirito e a mão para a preparação de homeus efficientes e optimistas. Esta educação orientará a hygiene corporal e espiritual para a nova concepção da hygiene collectiva; guiará os homens na escolha dos leaders sociaes e na organização do Estado.

A nova educação fará o homem harmonico de corpo e espirito, esbelto, recto, docil, enthusiasta, alegre, honesto, imaginativo, com dominio sobre si mesmo, casto, compadecido de seu similhante, justo, levando Deus no coração.»

CONCLUSÃO

O dr. Lucio dos Santos: — Ao encerrar esta série de conferencias do professor Aprigio Gonzaga, tenho o summo prazer de agradecer-lhe os magnificos ensinamentos que nos proporcionou.

Conhecendo de longa data o meu distincto amigo, conhecendo a escola que elle dirige e a que dirigiu, estava eu plenamente seguro do successo destas suas conferencias.

Poderiamos ter proporcionado ao Aprigio Gonzaga um auditorio muito mais numeroso; ser-nos-ia isso extremamente facil si as conferencias se realizassem, por exemplo, no Theatro. Não foi esse, porém, o nosso desejo, e sim que o professorado da Capital pudesse ouvir os seus ensinamentos, aproveital-os e applical-os. Esse foi o pensamento do digno sr. Secretario do Interior.

Ora, esse objectivo, cremos havel-o realizado pela concurrencia a estas conferencias, pela attenção com que foram ouvidas, pelas observações que tambem ouvimos de todos aquelles que aqui estiveram.

O nosso agradecimento ao digno Professor é, portanto, muito grande e muito sincero.

Agradeço tambem a todos os presentes o seu comparecimento. Agradeço ainda ao digno sr. Secretario do Interior, meu presado amigo dr. Sandoval Azevedo, o ter-nos dado a honra de vir assistir e prestigiar com a sua presença estas conferencias.

A S. Exa. devemos as conferencias que se têm realizado ultimamente nesta Capital e que têm sido um meio de ensinamentos, um motivo de grande estimulo.

Graças a taes conferencias, o professorado da Capital já conhece com vantagem e já está nas condições de praticar os *tests*, excellente e efficiente meio de prova nas escolas.

O professor Baker, que aqui esteve, ministrou-nos a respeito, magnificos ensinamentos.

Não é, porém, nosso desejo ficarmos apenas nisto. Assim é que, tendo estado no Rio de Janeiro, estudei mais alguma cousa sobre o assumpto que transmittirei opportunamente ao professorado.

E' ainda desejo do digno sr. Secretario do Interior trazer um outro conferencista para tratar da materia, não porque não a tenhamos apprendido, graças ás conferencias do professor Baker, mas para que possamos fazer melhor adaptação desse trabalho ao nosso meio, aos nossos recursos, aproveitando-o devidamente.

A S. Exa. o sr. Secretario do Interior devemos, pois, este primeiro resultado. Devemos-lhe, agora, mais estas conferencias magnificas sobre um assumpto de alta relevancia.

Era natural que a respeito de tal assumpto estivessemos tacteando até agora; mas dentro em breve terá este o devido desenvolvimento, afim de chegarmos á uma solução satisfactoria.

Neste ponto de vista o professor Aprigio Gonzaga, digno director da Escola Profissional Masculina de S. Paulo, nos deu uma orientação magnifica.

As suas conferencias serão publicadas para que fiquem como uma semente lançada em um sólo que, tenho certeza, ha de ser absolutamente fecundo, fertil de magnificos resultados.

A todos, os meus mais sinceros agradecimentos. Está encerrada a sessão.

LIÇÕES INSTRUCTIVAS

I

O MUNICIPIO

A dosagem é de grande importancia no ensino primario. Esta lição, destinada ao 1.º anno, tem sómente por fim dar aos alumnos a significação da palavra "municipio"

Professora.—Já foram dadas algumas lições sobre a cidade, já fizemos excursões para melhor conhecel-a, já tivemos occasião de reproduzil-a no taboleiro de areia. Depois da cidade, que é o que estudamos? Você, Lucilia, responda-me...

Alumna.—Nós estudamos o districto da cidade.

P. De que maneira o fizemos? Diga-me Geraldo.

A. Ficamos sabendo que o districto é a cidade com muitas fazendas existentes em redor. Depois recortamos em papel a fórma do districto.

P. Vou desenhar no quadro negro o districto da cidade, indicando o logar desta e de algumas fazendas. Qual de vocês conhece uma fazenda? Alberto, de que fazenda se lembra?

A. Conheço a fazenda do Madeira.

P. Eu a indicarei aqui pertinho da cidade. Mas, não ha sómente o districto da cidade, ha tambem outros districtos em volta delle. Quantos, Conceição?

A. Não sei...

P. Vou desenhal-os no quadro negro. Agora, eu me lembro, para não demorar muito, já trouxe todos os districtos recortados em papel de diversas cores.

A. Quantos são elles?

P. Elles são oito, e cada um tem o seu nome. Aqui está um quadro com todos os districtos devidamente collocados. Venha contal-os, Iracema.

A. Um, dois, tres, quatro, cinco, seis, sete, oito.

P. Qual é o districto da cidade, já seu conhecido?

A. E' este cor de rosa.

P. José, venha apontar o maior e o menor dos districtos.

A. O maior é este côr de rosa e o menor é o verde.

P. Pois, o menor chama-se Ribeirão Vermelho, e o maior é o districto da cidade. Maria, como se chama o districto menor?

A. O districto menor cham-se Ribeirão Vermelho.

P. E o maior, Julio?

A. O maior é o districto da cidade.

P. Então, Paulo, quantos districtos conhecemos pelos nomes?

A. Dois, que são o districto da cidade e o districto de Ribeirão Vermelho.

P. Faltam seis. Vejamos os nomes de mais tres. Este azul chama-se Luminarias; o amarello, Carranca; o vermelho, Itutinga. Venha um alumno que saiba os nomes já ensinados.

A. Districto da cidade, Ribeirão Vermelho, Luminarias, Carrancas.

P. Falta um. Quem sabe? Diga, Paulo.

A. Itutinga.

P. Agora, falta dar quantos nomes de districtos?

A. Tres.

P. Esses chamam-se Ingahy, Itumirim, Ijacy. São portanto, oito districtos com estes nomes: districto da cidade, Ribeirão Vermelho, Luminarias, Carrancas, Itutinga, Ingahy, Itumirim, Ijacy. Qual dos alumnos póde dizel-os? Você, Henrique.

A. Districto da cidade, Ribeirão Vermelho, Luminarias, Ingahy.

P. Lembra-se dos outros, Carmen?

A. Itutinga, Ijacy.

P. Ainda faltam dois. Como ninguem se lembra delles, vou dizer-lhes quaes são: Carrancas e Itumirim. São oito districtos, que em outra aula cada um de vocês ha de recortar em papel, e depois juntal-os, como eu fiz. Cada districto consta de uma povoação cercada de fazendas, conforme expliquei a respeito da cidade. Já se esqueceram dos nomes dos districtos? Você, Francisco.

A. Districto da cidade, Ribeirão Vermelho, Ijacy, Luminarias.

P. Você sabe só da metade. Depois a classe decorará os nomes todos. Agora, prestem bastante attenção no que vou ensinar: — os oito districtos reunidos, conforme aqui se acham, teem o nome de "municipio". Que nome é mesmo, Isabel?

A. Municipio.

P. A classe toda dirá commingo: o municipio é formado de districtos.

A. O municipio é formado de districtos.

P. O municipio tambem tem nome. Este nosso, de que estamos tratando, chama-sa municipio de Lavras. Repitam esse nome.

A. Municipio de Lavras.

P. O municipio de Lavras é formado de oito districtos. Agora, sabem vocês que é um municipio. Na lição seguinte, toda a classe recortará os districtos em papel para formar depois o municipio.

(*Continúa*).

FIRMINO COSTA

SECÇÃO RECREATIVA

JOGOS PHYSICOS NAS ESCOLAS

Continuamos a publicar com prazer, diversos jogos menores e corridas, organizados uns e inventados outros pela professora de Lavras, D. Maria Bueno.

Esta distincta senhora, empenhada, de ha muito, na sublime missão de educar a infancia, tem, durante esse tracto de tempo, concentrado as scentelhas de sua brilhante intelligencia em pró da diffusão e aperfeiçoamento do ensino, não tanto em Lavras, como tambem no Estado.

Merece, pois, a illustrada docente os nossos mais calorosos encomios pelas bellas iniciativas que lhe teem constituido a aureola do caracter, devendo ser imitada por muitas de nossas professoras.

Conhecendo que educar as potencias intellectuaes das creanças, esquecendo-lhes todavia as faculdades organicas seria um trabalho imperfeito e de nenhum resultado para a sociedade, D. Maria Bueno, sobre ter sido talhada para formar o caracter e o coração dos jovens educandos, não descurou o seu desenvolvimento physico, promovendo meios no sentido de serem simultaneamente aprimoradas as faculdades organicas e inorganicas dos seus alumnos.

Os resultados auferidos por D. Maria Bueno, teem sido dos mais satisfactorios em materia de ensino, por ter ella sempre em vista o cultivo harmonico das creanças.

Recommendamos, portanto, em nome do Snr. Secretario, aos dirigentes do Ensino, a pratica dos exercicios physicos, cujas instrucções editamos abaixo, scientes de que serão os mesmos de francos exitos no meio escolar.

A D. Maria Bueno, a Redacção desta Revista agradece a collaboração e envia leaes parabens pela grande parte activa que tem tomado na cruzada do ensino, desejando que a distincta professora continue a proseguir, sem desfallecimento, na derrota que tão bem traçou.

CORRIDAS

Em corridas a columna ou fileira que acabar de correr primeiro será a vencedora.

1º DE RAIOS

Dispôr a classe em fileiras perpendiculares, com a mesma frente. Dado o signal, os da ponta correrão fazendo a volta completa do circulo e chegando ao primitivo logar, baterão no hombro do numero 2 e entrarão na ponta do lado interior.

2º PASSAR A BOLA ENTRE AS PERNAS

Dispôr a classe em columnas, de pernas separadas. Collocar a bola na frente. Dado o signal, o primeiro jogador lançará a bola entre as pernas até o ultimo, que de posse della, correrá, até a extremidade do campo. Voltando, formará na mesma posição que os outros e lançará a bola por entre as pernas.

3º PASSAR A BOLA POR CIMA DA CABEÇA

Dispôr a classe em columnas, entregando-se a bola ao primeiro jogador de cada uma dellas. Dado o signal, este passará a bola por cima da cabeça ao segundo, que a passará ao terceiro, etc., até o ultimo, que de posse della correrá até a extremidade do campo. Voltando, formará na mesma posição que os outros e passará a bola, de mão em mão por cima da cabeça até o ultimo.

4º PASSAR A BOLA NOS ANTE-BRAÇOS

Dispôr a classe em fileiras, com meia flexão dos antebraços. Collocar a bola nos ante-braços do primeiro jagador. Dado o signal, este passará ao segundo, até o ultimo. Este de posse della correrá até a extremidade do campo. Voltando, formará na mesma posição que os ouiros e passará a bola.

5º DO MACACO

Dispôr a classe em columnas. Dando o signal, os da ponta collocarão as mãos no chão, mantendo as pernas esticadas, e correrão nesta posição, até a extremidade do campo. Voltando, cumpre ao segundo repetir os movimentos e assim por diante. Os que correm formarão á retaguarda da columna.

6º DA LAGOSTA

Dispõe a classe em columnas. Dado o signal, o primeiro jogador de cada uma dellas deitar-se-á de costas no chão sobre os pés e as mãos, e nesta posição, caminhará até a extremidade do campo. Voltando, sahirá o segundo, indo o primeiro formar á retaguarda da columna.

7º KANGURU'

Dispõr a classe em columnas. Dado o signal, o primeiro jogador de cada uma dellas collocará a bola entre os joelhos e caminhará nesta posição, até a extremidade do campo e voltará, sem deixar cahir a bola; si tal se dér, terá de repol-a entre os joelhos antes de andar. Voltando, sahirá o segundo, indo o primeiro formar á retaguarda da columna

8º ROLAR A BOLA

Dispõr a classe em columnas. Dado o signal, o primeiro jogador de cada uma dellas, rolará a bola até a extremidade do campo. Voltando, sahirá o segundo, indo o primeiro formar á retaguarda da columna.

9º SALTAR BARREIRAS

Dispõr a classe em columnas. Dado o signal, o primeiro jogador de cada uma dellas dará um passo em frente e penderá o corpo de lado para a columna. O segundo saltará por cima delle, dará dois passos e ficará na mesma posição.

10. EM AMBOS OS PÉS

Dispõr a classe em columnas. Dado o signal, correrá o primeiro jogador de cada uma dellas de pés juntos, até a extrâmidade do campo. Voltando, sahirá o segundo, indo o primeiro formar á retaguarda da columna.

11 EM UM PÉ

Dispõr a classe em columnas. Dado o signal, correrá o primeiro jogador, de cada uma dellas, num pé, até a extremidade do campo. Voltando, sahirá o segundo, indo o primeiro formar á retaguarda da columna.

12. IDA DE FRENTE, VOLTA DE COSTAS

Dispõr a classe em columnas. Dado o signal, correrá o primeiro jogador de cada uma dellas até a extremidade do campo e voltará de costas. Sahirá então o segundo, indo o primeiro formar á retaguarda da columna.

13. DE DOIS, TRES, QUATRO, ETC.

Dispõr a classe em columnas de dois, tres quatro, etc. Dado o signal, o primeiro grupo de cada uma dellas de mãos entrelaçadas, correrá até a extremidade do campo. Voltando, sahirá o segundo grupo, indo o primeiro formar á retaguarda da columna.

14 IDA DE COSTAS, VOLTA DE FRENTE

Dispõr a classe em columnas. Dado o signal, correrá o primeiro jogador de cada uma dellas, de costas, até a extremidade do compo e voltará de frente. Sahirá então o segundo, indo o primeiro formar á retaguarda da columna.

15 DESCASCAR A COBRA

Dispõr a classe em columnas. Os jogadores passarão a mão direita entre as pernas e segurarão a esquerda do seu companheiro da retaguarda. Dado o signal o ultimo deita-se, e, assim de um em um, todo a columna e logo se levanta de um em um tambem, sem quebrar a cadeia na ida, como na volta.

16. MONTADO

Dispõr a classe em columnas. Sortear cavallos e cavalleiros. Dado o signal o primeiro cavalleiro de cada uma dellas montará, correndo o cavallo até a extremidade do campo. Ahi chegando, trocarão de posição. Voltando, sahirá o segundo grupo, indo o primeiro formar a retaguarda da columna.

17. CARRINHO DE MÃO

Dispõr a classe em columnas. Dado o signal, o primeiro jogador de cada uma dellas ficará em apoio de frente, inclinado e o segundo lhe segurará os pés; nesta posição correrão até a extremidade do campo. Ahi chegando, trocarão de posição. Voltando sahirá o segundo grupo, indo o primeiro formar a retaguarda da columna.

18. SALTAR A VARA

Dispõr a classe em columnas. Entregar ao primeiro jogador de cada uma dellas uma vara. Dado o signal, este correrá até a extremidade do campo e, voltando, entregará a outra ponta da vara ao segundo; ambos segurando assim a vara correrão até o fim da columna trazendo a vara rasteira ao chão e fazendo com que a columna salte por cima. O segundo correrá, então até a extremidade do campo, indo o primeiro formar a retaguarda da columna.

19. BASKET-BALL

Dispõr a classe em columnas. Entregar ao primeiro jogador de cada uma dellas uma bola. Dado o signal, este lançará a bola á cesta e, feito o "goal", correrá até o outro afim de repetir a manobra. Passará, então a bola ao segundo, indo formar á retaguarda da columna.

20. BATATAS

Dispõr a classe em columnas. Haverá uma caixa com tres batatas em frente de cada uma e na extremidade do campo uma outra vasia. Dado o signal, o primeiro jogador pegará uma batata e a deixará na caixa distante, dando a volta á mesma, e repetirá a manobra até levar todas as batatas. Voltando, sahirá o segundo, indo o primeiro formar á retaguarda da columna.

21. SIMPLES

Dispõr a classe em columnas. Dado o signal, o primeiro jogador de cada uma dellas correrá até a extremidade do campo. Voltando, sahirá o segundo, indo o primeiro formar á retaguarda da columna.

22. MUDAR TRES MASSAS

Este jogo exige tantas vezes tres massas quanto o numero de columnas, de jogadores. Traçar no chão, na extremidade opposta ás columnas, dois circulos para cada uma, collocando-se tres massas dentro de um delles. Dado o signal, correrá o primeiro jogador até o circulo onde estiverem as massas, porá uma das mãos nas costas e transferirá as massas, de uma em uma, para o outro circulo. Voltando, sahirá o segundo, indo o primeiro formar á retaguarda da columna.

23. PASSAR A MASSA

Dispõr a classe em columnas, com as pernas separadas, tendo o primeiro jogador de cada qual na massa. Dado o signal, o primeiro passará a massa entre as pernas ao segundo, até o ultimo, que a levará e dará a volta em torno de um ponto, previamente marcado na extremidade opposta do campo, e, virá collocar-se em frente de sua columna. E assim por diante.

24. ROLAR O ALTER

Dispõr a classe em columnas, com as pernas separadas, tendo o primeiro jogador de cada qual um alter. Dado o signal, o primeiro passará o alter entre as pernas ao segundo, até o ultimo, que o rolará até a extremidade do campo, e virá collocar-se em frente da sua columna. E assim por diante.

25. ESTAFETA MONTADO

Dispõr a classe em columnas e fronteiro a cada uma na extremidade do campo um jogador. Dado o signal, o segundo de cada columna montará no primeiro e correrão assim até a extremidade do campo, onde o cavalleiro muda de montaria, montando no jogador que ahi estiver. E assim por diante, revezando-se sempre «cavallo» e «cavalleiro».

26. SOCCORRO

Dispõr a classe em columnas e, fronteiro a cada uma, na extremidade do campo, um jogador deitado. Dado o signal, o segundo de cada columna montará no primeiro e correrá em frente, e, trará nas costas, o que estiver deitado lá ficando o «cavallo» deitado.

27. MORTO

Dispõr a classe em columnas e, fronteiro a cada uma, na extremidade do campo, um jogador deitado de pés para a sua columna. Dado o signal, o primeiro correrá para o «morto», ficará atraz delle e o levantará pelos hombros ou pela nuca e, se deitará no seu logar. O outro irá formar á retaguarda da columna e sahirá o segundo.

28. CENTOPEIA

Dispôr a classe em columnas. Os jogadores passarão a mão direita entre as pernas e segurarão a esquerda do seu companheiro da retaguarda. Dado o signal, as turmas correrão sem largar as mãos, até o ponto previamente marcado, voltando ao ponto de partida.

29. SAPO

Dispôr a classe em columnas. O primeiro jogador dobrará os joelhos e collocará as mãos no chão. Dado o signal, correrá nesta posição aos saltos até a extremidade do campo, voltando ao ponto de partida.

30. CHINEZA

Semelhante a «seltar a vara», mas, em vez da vara, dá-se a mão ao outro jogador.

Lavras, 10 de junho de 1925.

(Continúa)

A lenda do Arco-Iris

por G. S. Bowmam

Nascida entre nuvens côr de ambar, Iris amava a sua bella morada e tudo o que a circumdava. Innumeros foram os passeios que fez no argenteo batel da Lua e durante elles teve ensejo de ouvir, revelado por ellas, o segredo da scintillação das Estrellas.

Alimentava-se de orvalho e raios solares e o seu leito eram as nuves tenues e macias. Afeiçoada á morada sideral, reservava, entretanto, para o avô, o velho Oceano, a sua melhor caricia. Sentindo-se feliz quando o via alegre, ao sentil-o macambusio e soturno, achegava-se-lhe mais e sorria-lhe até que elle lhe sorrisse tambem. E elle, o Velho, bem quizera tel-a assim sempre ao seu lado pois ninguem havia que melhor o comprehendesse.

Co municando um dia o seu desejo ao Sol, este, scudindo a fulva cabelleira, fez-lhe ver que aspirava uma coisa impossivel. «Porque Iris, explicou, tanto pertence ao oceano quanto ao firmamento, o que absolutamente não póde é pertencer a um só».

O velho Oceano não conseguiu dissimular a sua magua e o seu desapponto ante essa revelação, e isto não passou despercebido ao Sol, que teve então um inspiração feliz:

«Pois bem!—exclamou,—Iris será a mensageira entre o Céo e a Terra!»—O velho Oceano custou a conformar-se com essa solução, mas que remedio sinão accommodar-se ás circumstancias. Combinaram entre si o melhor meio de facilitar a Iris a viagem. Deram-lhe uma ponte illuminada a côres, com uma das extremidades firmada ao Firmamento e a outra presa á Terra por correntes de ouro, collando-lhe aos hombros um par de azas rutilantes. Ofereceu-lhe a Terra as suas flores mais odorantes e o Mar, exsudando, lançou ao espaço longas estrias de neblina argentea. Fazendo do Vento lançadeira e do Firmamento tear, urdiu o Sol uma ponte deslumbrante, que, terminada, disputa a primasia entre as maravilhas do Mundo. Para Iris, era apenas o caminho flammejante entre a terra e a sideral morada e para o homem foi o arco-iris, o arco da esperança.

FOLKLORISMO

Como appareceu a mandioca

(Mani-oca)

A mandioca, o alimento tão prosaico e commum, tem, entretanto, segundo a versão tupy, uma origem interessante e poetica.

Da primogenita do chefe da taba viera ao mundo de modo mysterioso, uma creança extraordinaria. Os que a viram sahiram a apregoar de *oca* em *oca* que era um anjo do céo.

Vinda ao berço do burity quando a aurora beijava as lombadas da serra, tudo nella era extranho e phantastico. Os cabellos, logo ao nascer, cahiam-lhe já pelas espaduazinhas em cascata de ouro, irizada á luz do sol levante, desenrolando-se em caracões de seda, graciosos e delicados.

A tez, longe de ter o bronzeado da tribu, era alva como a geada e ligeiramente colorida do transparente ethereo da madrugada á hora apotheotica do rosiclér.

Brilhavam dentro das suas orbitas dois olhos candidos e azues e, recemnascida ainda, já lhe adornavam a bocca, ao abrir dos labios rubros como o fructo da pitanga, duas fieiras de dentes esmaltados e bem feitos.

A pelle, transparente e fina, tinha a debilidade vaporosa das gottas de orvalho que se desprendem ao primeiro golpe do sol.

A tribu toda alvoroçou-se com a vinda á terra, em condições tão mysteriosas, desse ente sobrenatural. Os pagés, sacerdotes do culto e prescrutadores do futuro foram chamados e consultados.

Sobre a sua origem variavam as opiniões até que uma noite, em sua cabana, o Cacique teve uma visão que lhe denunciou a origem semi-divina de Mani.

A nova não tardou a espalhar-se pelas outras tribus e em breve milhares e milhares de guerreiros, deixando as suas tabas, accorreram a veneral-a. E essa veneração mystica mais se avolumou quando a viram, precocemente, falar aos guerreiros uma linguagem doce como o mel de *arapuá* e verdadeira como a voz dos *pagés*.

Muitas luas se succederam até que uma tarde, quando, convocados, os filhos da selva adusta se entregavam aos folguedos da dansa, a extranha creatura appareceu no grande pateo circular. Como por encanto, as *pocemas* e os *borés* estridulos cessaram. Mani atravessou á luz do luar as filas dos bronzeados selvicolas, assentou-se no tronco central, ao lado da fogueira crepilante, e mansamente, pendendo a cabeça loura, expirou sem um suspiro de

dor, sem uma contracção nas faces placidamente serena.

Lamentações irromperam, mulheres arrancaram os cabellos, pranteando, e o clamor festivo das *inubias* mudou-se em melodia chorosa entrecortada de soluços.

No interior da *oca*, sob o tecto conico, coberto de sapé, enterraram o fragil e adorado corpinho.

Diariamente, á hora do sol no occaso, regavam, segundo o costume da tribu, o pequeno tumulo, até que um dia o selvagem encarregado dessa piedosa tarefa, encontrou, brotada sobre a cova de Mani, uma planta conhecida.

A haste deu em poucos dias sementes que os da tribu, levados por um respeito supersticioso, não ousaram colher. Dentro em pouco, porém, os passaros vinham, aos bandos, devoral-as, sahindo embriagados pelo nectar que encerravam.

Ninguem a tocava; ninguem se atrevia a profanar o vegetal ignoto e sagrado. Afinal a terra, fendendo-se por si, descobriu-lhe a raiz.

Cavando-a, então, extrahiram-n'a e no seu miolo branco, revelador de um alimento poderoso, viram todos o corpo metarmophoseado de Mani, mysteriosa enviado do Céo.

Provaram-n'a, e assim appareceu a mandioca, alimento bemdito dos filhos de Tupan, transfiguração de Mani no ambito escuro de sua *oca*.

FOLK

PARTE OFFICIAL

Relação dos professores elogiados, de 16 de Maio a 15 de Junho de 1924.

Por Portarias:

Dia 16 de maio:

1) Zaneta Sabino Silva, da cidade do Carmo do Paranahyba;

Por Officios:

Dia 22 de maio:

1) Durval de Souza Furtado e sua auxiliar, de S. Vicente Ferrer, municipio de Turvo;

Dia 26 de maio:

2) Christina Deslandes Mourão, da Villa de Manhumirim;

Dia 30 de maio:

3) Augusta de Andrade Costa, da cidade de Uberaba;

4) Maria de Lourdes Jardim, da mesma cidade.

Por Portarias:

Dia 1 de junho:

1) Modestina Falci, de Antunes, municipio de Pará de Minas.

Dia 8 de junho:

2) Maria Carlota Rios, de Mattosinhos, arrabalde da cidade de S. João d'El-Rey;

Dia 9 de junho:

3) Elisa Sette Bicalho, de Piedade, municipio de Ponte Nova;

4) Maria de Lourdes Sette Torres, idem, idem;

Dia 12 de junho:

5) Maria da Conceição Garcia, da Villa de Intanhandú;

6) Juvenal Sanches de Lemos Brandão, Rosalina Prado, Ursulina Tomasine, Capitulina de Almeida, Maria Gomes de Oliveira, Hermengarda de Miranda Gomes, Maria Ignacia de Miranda e Leonilda Lemi, director e professores do Grupo Escolar de Ouro Fino;

7) João Gualberto Soares de Senna, Zulmira Teixeira da Fonseca, Aulizia Mendonça Alvarenga Maffra, Luiza Romanó, Maria de Vasconcellos Pinto, Maria José Teixeira da Fonseca e Albertina Teixeira de Campos Leão, director e professoras do Grupo Escolar de Santa Barbara;

8) Eurico Silva, director do Grupo Escolar de Uberaba;

9) Jacintha Hermogenes Ferreira Braga, de S. José da Varginha, municipio de Pará de Minas.

Por Officios:

Dia 1 de junho:

1) Jacy Gotelip, de Penha Longa, municipio de Mar de Hespanha;

Dia 3 de junho:

2) Zilda Gama, de Porto Novo, municipio de Além Parahyba;

Dia 6 de junho:

3) Maria Collecta, da cidade de Palmyra;

Dia 8 de junho:

4) Laudelia Gonçalves da Silva, de S. José do Gouvêa, municipio de Ouro Preto;

5) Orminda da Rocha e sua adjuncta, de Barra, municipio de Manhumirim;

Dia 9 de junho:

6) Maria Amalia de Azevedo, de Ligação, municipio de Ubá;

Dia 12 de junho:

7) Alice Maria de Barros, de S. Simão, municipio de Manhuassú;

8) America Hermenevinda Ferreira e Maria Libania da Silva Chantal, do Grupo Escolar de Ouro Fino;

9) Carlota Santa Rosa e Josephina Maria de Araujo, do Grupo Escolar de Santa Barbara;

10) Maria Julieta Campos, Bertholina Santos, Corina de Oliveira, Noemi Ribeiro da Luz, Herminia Baptista, Alcina Maria Coutinho, Umbelina Terra, Maria Bernardes Ribeiro da Luz, Maria Carmen de Mendonça, Hermentina Romos Sevieri, Maria Pereira de Souza, Fernando Araujo Vaz de Mello e João Augusto Chaves, professores do Grupo Escolar de Uberaba;

Dia 13 de junho:

11) Bemfica Themistocles Ayres, de Monte Verde, municipio de Mar de Hespanha.